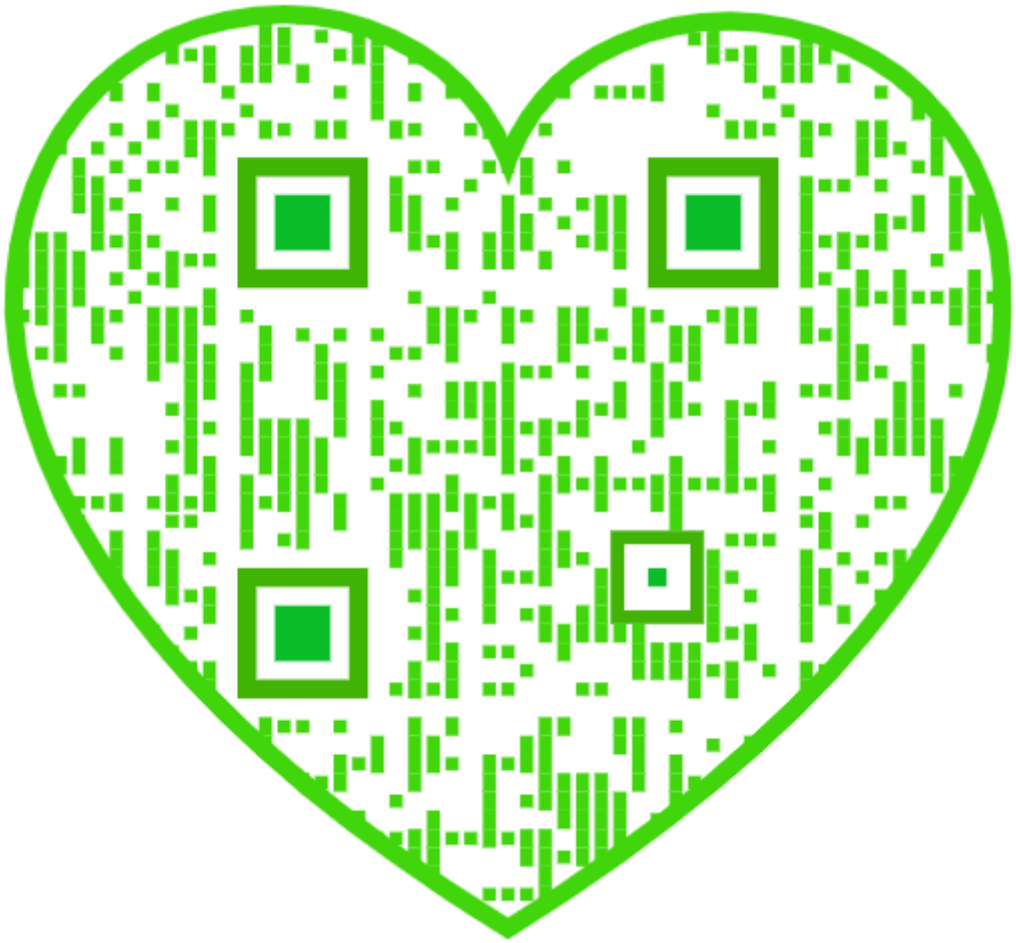
ALFRED HITCHCOCK

apresenta:

HISTÓRIAS PARA LER NO CEMITÉRIO

Seleção de contos policiais

RECORD



osebodigital.blogspot.com

ALFRED
HITCHCOCK
APRESENTA:

HISTÓRIAS PARA LER NO CEMITÉRIO

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS

EDITORA RECORD

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....7
MORTE FORA DE ÉPOCA.....9
O SR. MAPPIN EXECUTA UMA HIPOTECA.....17
A SENHORIA.....31
ESCALADA SOCIAL.....41
O MELHOR AMIGO DO HOMEM.....47
UM ASSASSINO ESTÁ NA ESTRADA.....57
O HOMEM NO POÇO.....109
AS LAGOSTAS.....123
LUDMILA.....129
OBITUÁRIO.....135
O LOUCO DAS HISTÓRIAS INFANTIS.....139
O TAPETE AZUL.....147
A DÍVIDA SALDADA..... 157

INTRODUÇÃO

Bom dia.

E digo bom dia ao invés do habitual boa noite como uma advertência. Estas histórias só devem ser lidas à noite, se você é um insone incurável e não consegue dormir. É claro que, se você trabalha durante o dia, não tem alternativa, a menos que seu patrão seja extraordinariamente tolerante. Seja como for, pode lê-las sempre que tiver algum tempo vago e ansiar por um pouco de relaxamento.

Correção. Não desejo enganá-lo. As histórias deste livro dificilmente podem ser consideradas como relaxantes. Desconcertantes, talvez horripilantes, certamente interessantes. E falo com conhecimento de causa, pois sou considerado um expert no assunto. Com uma falta de modéstia característica, permiti que me rotulassem como o Mestre do Suspense. A descrição é certamente acurada e devem reconhecer que é plenamente justificada.

Como sempre acontece com todos os chamados experts, muitas vezes sou procurado por entrevistadores à procura de definições. E perguntam-me: mas, afinal, o que é exatamente esse negócio de suspense? Anos atrás, consultei um desses dicionários maciços e supostamente completos, que só se consegue levantar com a ajuda de um guindaste. Definia o suspense como incerteza acompanhada por apreensão.

O que é bastante justo. Em meus filmes, procuro intensificar a apreensão a ponto de torná-la insuportável. É este o esquema. E creio que os autores aqui apresentados alcançaram um resultado similar, com notável

sucesso. Todos eles são artesãos experientes na sinistra profissão e aqui vai uma amostra de sua arte macabra.

Uma palavra de cautela: antes de virarem a próxima página, por favor, consultem o cardiologista. Não vou assumir qualquer responsabilidade. O risco é de vocês. Afinal de contas, devem gostar mesmo disso, caso contrário não teriam sequer aberto este livro.

MORTE FORA DE ÉPOCA

Mary Barrett

A Srta. Witherspoon estava agachada, remexendo a terra no canteiro de ervas com uma trolha. Disse a si mesma, mentalmente, que devia tomar cuidado para não remexer muito perto, a fim de não afetar as delicadas raízes das ervas. Era uma jardineira meticulosa e hábil, como os resultados bem atestavam. Suas flores e ervas eram as mais viçosas da cidade. Eram a inveja de todos, se os vizinhos tivessem a virtude de confessá-lo.

Britomar esfregou-se contra o tornozelo da Srta. Witherspoon, ronronando. Ela acariciou distraidamente o gato preto, com a mão esquerda enluvada.

— Olá, Srta. Witherspoon — disse uma mulher da calçada, além da cerca branca de madeira. Era a Sra. Laurel, a divorciada elegante que mudara recentemente para o local. E acrescentou, o tom zombeteiro-amigável não conseguindo ocultar o desdém: — Está preparando aquelas cestinhas de maio de que tanto ouvi falar?

A Srta. Witherspoon empertigou-se e respondeu polidamente, mas com frieza:

— Estou, sim.

A Sra. Laurel sorriu, condescendente, e seguiu adiante. A Srta. Witherspoon continuou a trabalhar, mal se dando conta da interrupção. Tinha coisas mais importantes e prementes em que pensar para se preocu-

par com a impertinência da Sra. Laurel.

Além do mais, a Srta. Witherspoon já estava acostumada às zombarias. Ao longo dos anos, tornara-se conhecida como a excêntrica da cidade. É verdade que outras pessoas desviavam-se do normal, de diversas maneiras, como os bêbados, os débeis mentais. Houvera até mesmo um assassino, a se contar a surra que Jake Holby dera na esposa esquelética, até matá-la, ao encontrá-la no celeiro com o trabalhador que contratara para a colheita. Mas nenhum desses comportamentos aberrantes era considerado tão esquisito quanto a insistência da velha Srta. Witherspoon em manter um isolamento total. Ninguém jamais entrara em sua casa. E somente os garotos mais ousados, impelidos por uma ânsia de aventura absolutamente irresistível, arriscavam-se além do portão ou sobre a cerca branca de madeira, penetrando no gramado sempre bem-cuidado. Mesmo assim, só o faziam de noite, quando a velha estava dormindo.

Anos atrás, as crianças da cidade haviam inventado um refrão zombeteiro, que ainda era repetido com alegria: "*Miss Witherspoon Is a Goon*" (A Srta. Witherspoon é uma Assombração). Embora todas achassem que era muito engraçado, nenhuma se atrevia a dizê-lo ao alcance dos ouvidos da Srta. Witherspoon. As crianças detestavam admiti-lo para si mesmas ou, entre si, mas a verdade é que tinham medo da Srta. Witherspoon.

Jamais, ao que qualquer pessoa viva pudesse se recordar, a Srta. Witherspoon falara espontaneamente com quem quer que cruzasse na calçada. Jamais cumprimentara os vizinhos, jamais levara sopa para os doentes ou oferecera um pão aos necessitados. Em suma, ela jamais observara os rituais sociais habituais. Se alguém se tivesse atrevido a perguntar-lhe por que e ela tivesse decidido responder, teria explicado que preferia as plantas às pessoas, basicamente porque as plantas não pecavam e eram incapazes de fazer qualquer mal. Além disso, preservando seu isolamento, ela podia observar melhor, objetivamente, os pecados alheios.

Contudo, a Srta. Witherspoon cumpria um único ritual, mais ou menos social, invariavelmente repetido todos os anos, na Noite das Bruxas. Era a esse evento anual que a Sra. Laurel se referia. Mas a Sra. Laurel e todos os demais habitantes da cidade desconheciam o ritual em sua totalidade. Naquele ano, pela primeira vez, a Srta. Witherspoon estava pensando em alterar ligeiramente o padrão. Afinal de contas, estava ficando velha demais e o artritismo nos dedos era grande desvantagem. Talvez não lhe restassem anos suficientes para cumprir plenamente todo

seu programa. Assim, naquele ano, era possível que ela cuidasse de duas pessoas, ao invés de apenas uma. Mas acabou decidindo que era melhor não fazê-lo. Depois que se conseguia fixar um padrão com pleno sucesso, era melhor continuar a mantê-lo.

A Noite das Bruxas era a única data que tinha alguma significação para a Srta. Witherspoon, a única que assinalava em seu calendário. Era a véspera de 1º de Maio, a Walpurgis Night na Inglaterra, a Santa Walpurgis que morrera no ano 780, missionária e abadessa, que conquistara renome por sua capacidade em expulsar as bruxas onde quer que fosse. Quem já lera Sir James Frazer sabia que era nesta noite, mais que em qualquer outra, que as bruxas saíam pelo mundo para semear o mal.

Assim, na Noite das Bruxas, todos os anos, a Srta. Witherspoon preparava exatamente dez cestinhas de maio, uma tradição muito antiga, cuja origem ela ignorava. Saía de noite, furtivamente, pendurando-as nas maçanetas de dez casas. E todos os anos havia uma única cestinha especialmente preparada, contendo um brinde dos mais interessantes.

É claro que os habitantes da cidade conheciam a identidade da benfeitora da Noite das Bruxas. Somente o jardim da Srta. Witherspoon possuía tão abundante variedade de flores e ervas.

A cada ano, todos se divertiam tentando adivinhar quem seriam os dez favorecidos pelas cestinhas de flores e ervas, invariavelmente acompanhadas por um verso ou um ditado, escrito com a letra meticulosa da Srta. Witherspoon. Todos achavam graça dessa prova anual da excentricidade da velha Srta. Witherspoon. Mas o que ninguém percebia era o fato de que, todos os anos, um dos contemplados com as cestinhas encontrava-se com um destino estranho e inesperado.

Mas isso não fazia a menor diferença. A Srta. Witherspoon não procurava a fama ou o reconhecimento público por seu trabalho.

O sol estava quente e agradável, enquanto ela selecionava e colhia as flores que seriam colocadas em cada cestinha. Ela ia saboreando mentalmente os maravilhosos nomes latinos — *Lathyrus odoratus* (ervilha-de-cheiro), *Convallaria majalis* (lírio-do-vale), e outras. Sem falar no lendário jacinto, que surgira do sangue derramado do amigo agonizante de Apolo, “a flor de sangue marcada pela tragédia”.

Finalmente as cestinhas ficaram prontas e a Srta. Witherspoon colocou-as à sombra do bordo. E, agora, tinha que tomar a decisão final, a decisão importante. Qual a erva que poria na décima cesta, a escolhida? Poderia usar a rizoma da mandrágora, mas talvez não fosse bonita o bastante para atrair algum interesse. A espora podia servir, mas teria que

secar as sementes, o que acarretaria mais trabalho do que provavelmente seria necessário.

Por uma questão de simbolismo, ela sentiu-se tentada a usar a beladona. Mas acabou chegando à conclusão de que a melhor escolha era a *Digitalis purpurea*, a dedaleira. Era verdade que em seu jardim tinha apenas a variedade americana, *Phytolacca americana*, e detestava-lhe o nome vulgar, *pokeweed* em inglês, caruru-de-cacho em português. Mas as bagas púrpuras, bem escuras, serviriam perfeitamente. E assim elas foram parar na décima cesta, juntamente com dois versos de Rudyard Kipling, que a Srta. Witherspoon copiou com sua letra impecável:

"Ervas excelentes tinham nossos pais...
Ervas maravilhosas para aliviar suas dores. "

E ela acrescentou: "As bagas púrpuras, servidas de qualquer forma, podem transformar um indiferente num amoroso ardente. Um amante ardente ficará ainda mais apaixonado."

A Srta. Witherspoon lamentava ter que recorrer a uma mentira tão grande. Era uma verdadeira artista e teria preferido que seu ritual anual fosse perfeito sob todos os aspectos. Mas tinha que perdoar-se esse detalhe forjado, no interesse de seus planos.

Naquela noite, ela saiu de casa, acompanhada apenas por Britomar. O luar era maravilhoso e podia-se sentir a primavera no ar quente e úmido. A Srta. Witherspoon, transbordando de felicidade, recitou para si mesma um trecho de *O Mercador de Veneza*:

"Foi numa noite assim
Que Medéia colheu as ervas encantadas. "

Nove cestinhas foram penduradas e, finalmente, chegou a vez da décima... na porta da Sra. Laurel.

Dois dias depois, Edward Johnston, o alfaiate, teve uma morte dolorosa e inexplicável, vítima de algum emético acidentalmente ingerido, aparentemente em algum prato preparado pela atraente divorciada. O mais estranho é que ele não morreu em sua própria casa, com a esposa e os quatro filhos, mas sim na casa da glamourosa vizinha da Srta. Witherspoon. Em toda a cidade, a única pessoa que não ficou surpresa com o fato de o alfaiate ter morrido lá foi a Srta. Witherspoon. Fora a única que observara as frequentes visitas clandestinas do alfaiate e a única que

supusera qual dos dez mandamentos estava sendo infringido entre as paredes da casa da Sra. Laurel.

Na manhã seguinte do dia em que a notícia chocante espalhou-se pela cidade, a Srta. Witherspoon estava trabalhando em seu jardim quando recebeu um visitante inesperado. O xerife aproximou-se dela.

— Bom dia, Srta. Witherspoon:

Ela levantou os olhos do canteiro que estava arrumando e respondeu calmamente:

— Bom dia, Xerife. Deseja falar comigo?

— Quero, sim.

O tom indeciso do xerife traía o constrangimento e as dúvidas que sentia. Agora que estava diante da Srta. Witherspoon, ela parecia-lhe totalmente inocente, acima de qualquer suspeita, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa. Apesar disso, a teoria que formulara naquela manhã parecera-lhe mais do que provável.

— Vamos entrar, para podermos conversar mais à vontade — sugeriu a Srta. Witherspoon.

Entraram para a sala de estar, bastante fresca e um tanto escura. Sentaram de frente um para outro, em cadeiras junto a uma mesinha de chá. Britomar pulou para o colo da Srta. Witherspoon, que passou a afagá-lo suavemente, enquanto falava:

— Há anos que estou à sua espera, Xerife.

— Como?

O xerife estava visivelmente aturdido.

— É isso mesmo, Xerife. Sempre soube que não era nenhum estúpido e a qualquer ano poderia descobrir a verdade sobre os meus pequenos rituais.

— Está querendo dizer... que já fez isso antes?

A Srta. Witherspoon assentiu.

— Sabia que acabaria sendo descoberta e mesmo assim continuou?

— Mas claro que continuei. Não podia fazer outra coisa, Xerife. Não se pode renunciar facilmente a um trabalho, à missão que se tem na vida, não é mesmo? — A Srta. Witherspoon fez uma pausa. A pergunta era obviamente retórica e ela própria respondeu: — Seria o primeiro a não renunciar a seu trabalho, Xerife. Eu também não poderia fazê-lo. De certa forma, temos a mesma missão. Não podemos desertá-la, sem perder a honra. O mundo precisa de nossos esforços.

O xerife, começando a compreender, indagou gentilmente:

— E qual é exatamente a nossa missão, em sua opinião?

— Ora, Xerife, livrar a cidade de todos os malfeitores. Há muitos, para que possa cuidar de todos sozinho. E nem todos eles atraem sua atenção. É por isso que, cada ano, escolho um único candidato para extinção.

O xerife não sabia o que responder. A Srta. Witherspoon afugentou o gato do colo e levantou-se.

— Com licença, Xerife. Vou preparar um chá para nós.

Ela voltou da cozinha alguns minutos depois, trazendo uma bandeja com tudo o que era necessário para servir o chá. Durante a ausência dela, o xerife decidira qual a pergunta seguinte que faria:

— Como escolheu seus... seus candidatos à extinção?

— Simplesmente anoto as pessoas que estão infringindo os dez mandamentos e venho extinguindo-as pela ordem. Este ano cheguei ao sétimo mandamento. — A Srta. Witherspoon baixou os olhos para as mãos cruzadas no colo, um tanto embaraçada por enunciar em voz alta o mandamento para um homem. — Não cometerás adultério...

— Está querendo dizer que já... eliminou seis outras pessoas antes?

— Exatamente, Xerife — respondeu a Srta. Witherspoon, com um orgulho visível. — Comecei com a pessoa que mais ostensivamente desdenhava o primeiro mandamento, John Leger, o presidente do banco, que idolatrava o dinheiro. E continuei sem qualquer interrupção até o sétimo mandamento.

Fez uma pausa, como se esperasse um elogio. Como nenhum houvesse, ela continuou:

— A maior dificuldade ocorreu no ano passado: encontrar um candidato que tivesse infringido o sexto mandamento. Tem sido bastante eficiente, Xerife, prendendo os poucos nesta cidade que realmente mataram. — A Srta. Witherspoon sorriu. Seu tom era agora o de um profissional conversando com um igual. — Mas acabei conseguindo. Afinal, não está especificado no sexto mandamento matar o quê. E todos sabiam que Edna Fairbanks preparava carne com veneno para os gatos comerem.

— Então foi isso! — O xerife ficou visivelmente aliviado, por ter finalmente conseguido resolver aquele mistério que já durava há um ano. Um instante depois, perguntou: — Mas não acha que está também infringindo o sexto mandamento, Srta. Witherspoon?

— Não, não realmente. — Os olhos da Srta. Witherspoon estavam faiscando, pela oportunidade que finalmente chegara de revelar a alguém toda a sua esperteza. — Pensei bastante nisso, Xerife. E concluí que, na verdade, não mato ninguém, apenas coloco à disposição das pessoas o

instrumento da morte. Não há nenhum mandamento que proíba isso.

A velha está mais doida do que eu imaginava, pensou o xerife. Mas, em voz alta, ele disse outra coisa:

— Mas procurava certificar-se de que a pessoa usaria o seu instrumento da morte, não é mesmo? Foi o bilhete na cestinha da Sra. Laurel que me fez desconfiar.

— É verdade que os bilhetes encorajavam as pessoas a usarem as ervas. Mas tive sucesso tão somente porque as mensagens atraíam o que de pior havia nas pessoas que as recebiam... aos pecados pelas quais estavam sendo punidas.

O xerife não podia deixar de sentir uma certa admiração pela mulherzinha idosa a sua frente.

— Tem feito um trabalho meticuloso, Srta. Witherspoon. Apesar disso, deve compreender que não podemos deixá-la em liberdade.

— Compreendo perfeitamente, Xerife — disse ela, jovialmente. — Sei que tem de cumprir suas obrigações.

O xerife soltou um suspiro de alívio. Ia ser mais fácil do que receara.

— Levarei algum tempo para providenciar tudo. Voltarei mais tarde, com a ordem de prisão.

— Não há problema, Xerife.

A Srta. Witherspoon acompanhou-o até a porta, sem mais demora.

Afinal, a salsa venenosa com que temperara o chá do xerife tinha um efeito rápido. E era tão mortal quanto a cicuta, que Sócrates tomara.

Ela lamentava apenas que aquela morte ocorresse fora de época. Mas tratava-se de uma emergência. Além disso, não contara ao xerife que fora obrigada a pular um mandamento. Pelo que sabia, o xerife jamais roubara coisa alguma. Mas ele estava prestes a infringir o nono mandamento. Não estava planejando levantar um falso testemunho contra ela? A Srta. Witherspoon percebera-o imediatamente.

O SR. MAPPIN EXECUTA UMA HIPOTECA

Zena Collier

A experiência do Sr. Mappin não era a de que cada pessoa fazia a sua vida assim como desejasse. Ele descobrira, ao contrário, que a vida é que fazia as pessoas serem o que se tornavam, que as circunstâncias envolviam e sufocavam as pessoas implacavelmente, transformando-as no que bem desejassem. O Sr. Mappin, por exemplo, que sonhara outrora ser um diplomata de destaque, um correspondente estrangeiro ou até mesmo — uma idéia que o atraía particularmente — o capitão de um desses imponentes palácios flutuantes, nos quais parecem estar concentrados todo encanto, magia e romance do mundo, estava agora prestes a completar 20 anos no Departamento de Hipotecas de Trimble, Goshen & Webb, advogados.

Vinte anos antes, ele ingressara na Trimble, Goshen & Webb transbordando de esperança e sonhando com um futuro brilhante ao alcance de sua mão. Não fora um triunfo desprezível o ingresso numa firma de tamanha reputação como a Trimble. Assim sendo, ele não lamentara muito ter renunciado a outros sonhos — "O Sr. Mappin manifestou hoje um otimismo comedido por sua reunião com o Embaixador da Transilvânia..."; "George Mappin, em seu último comunicado de Hong-Kong, informa..."; "O Comodoro Mappin solicita a honra da presença da Condessa em sua mesa esta noite..." Afinal, tais sonhos na verdade pertenciam ao reino da imaginação infantil. Levando-se tudo em consideração, poderia

ter um substitutivo melhor e exequível: “O Sr. George Mappin, conhecido advogado desta cidade, conseguiu controlar uma assembléia de irados acionistas, com sua eloqüência habitual.”

E o que terminara acontecendo? O que acontecera naqueles últimos 20 anos? Ele se tornara mais velho, apenas isso. Mais nada. E continuava no Departamento de Hipotecas. O primeiro fato era um mal inevitável. Mas o segundo fazia-o despertar todas as manhãs, de uns tempos para cá, com uma amargura quase insuportável.

Nos dois primeiros anos, ele se contentara em deixar o tempo passar, à espera de sua oportunidade. Aprendera um pouco de tudo — de inventários e seguros, de transmissão de propriedades, de impostos — antes de finalmente ser designado para o Departamento de Hipotecas, sob a chefia do Sr. Carewe. E ali dera o melhor de si, preparando contratos, tirando certidões, providenciando execuções, até saber todo o serviço de trás para frente, por dentro e por fora. A princípio, sentira-se contente com isso. Afinal, era apenas uma ocupação temporária, até que os deuses do destino se lembrassem de onde haviam deixado George Mappin e o tirassem do Departamento de Hipotecas para despachá-lo em aventuras de maior importância e mais emocionantes.

Mas continuara em Hipotecas por mais tempo do que imaginara. Dez anos se haviam passado, antes que fosse finalmente convocado ao gabinete do Sr. Trimble. E seu coração batera mais depressa ao encaminhar-se para o encontro, diante da perspectiva da mudança que finalmente se avizinhava, depois de tanto tempo...

O Sr. Trimble acenara amigavelmente para que ocupasse a cadeira dos clientes, ao lado de sua escrivaninha. Oferecera-lhe um cigarro.

— Há quanto tempo mesmo está conosco? Sete anos? Oito?

— Dez anos, Senhor.

— Mas como o tempo voa! — murmurara o Sr. Trimble, sacudindo a cabeça branca, com uma expressão um tanto pesarosa. — E durante quase todo esse tempo esteve trabalhando com o Sr. Carewe no Departamento de Hipotecas, não é mesmo?

— É, sim, Senhor.

O momento finalmente chegara, pensara o Sr. Mappin, exultante. O que lhe seria oferecido? Talvez o Departamento de Sociedades Anônimas, permitindo-lhe o ingresso no mundo fascinante das altas finanças. Era tão emocionante quanto uma caçada de tigres no Quênia, pensara o Sr. Mappin, embora talvez não tão inebriante. Mas podia ser também o Departamento de Ações de Calúnia. O Sr. Mappin ouvira dizer que o jovem

Straus, que vinha cuidando do setor, estava para deixar a Trimble, a fim de abrir seu próprio escritório. Talvez fosse o Departamento de Seguros. É verdade que Seguros não era um setor dos mais atraentes, mas pelo menos era bem melhor que Hipotecas. Qualquer coisa no mundo era melhor do que Hipotecas. O Sr. Mappin ficou calado, aguardando ansiosamente a decisão do Sr. Trimble. E este finalmente lhe dissera:

— Vou direto ao ponto. Gostaria de ficar com Hipotecas, Sr. Mappin? — A expressão do Sr. Trimble era radiante.

— Ficar com Hipotecas? — repetira o Sr. Mappin, aturdido. — Mas... mas... já estou em Hipotecas, Sr. Trimble! Estou em Hipotecas praticamente desde o momento em que ingressei na firma!

— Creio que não me entendeu, Sr. Mappin. Na reunião de diretoria da semana passada, quando o Sr. Carewe anunciou seus planos de aposentadoria, ficou decidido que lhe seria oferecido o Departamento de Hipotecas... que seria designado para dirigi-lo. Como bem sabe e tem conhecimento... — O Sr. Trimble fizera uma pausa, deixando escapar um pequeno suspiro. Às vezes era-lhe impossível falar sem redundância do jargão legal. — ... trata-se de um cargo de maior importância e de grande responsabilidade. Precisamos de alguém que tenha firmeza e conheça todos os problemas a fundo. Como é o seu caso, Sr. Mappin. Precisamos, em suma, de alguém que saiba perceber todos os detalhes, que trabalhe com método, que aja com cautela.

— Mas... eu? — O Sr. Mappin mal conseguira balbuciar essas duas palavras, dominado por total incredulidade.

— Exatamente. Achamos que é a pessoa mais qualificada para ocupar o cargo, sob todos os aspectos. Além disso...

O Sr. Mappin interrompera-o, intempestivamente:

— Não! Não sou... essas coisas que acabou de dizer! Isto é... eu tinha pensado... em algo que representasse um desafio maior, algo mais...

Ele hesitara, procurando por palavras adequadas. O Sr. Trimble inclinara-se para frente, apoiando os cotovelos na mesa, unindo as palmas das mãos. E o tom era afável quando dissera:

— Estou compreendendo, Sr. Mappin. Mas, por outro lado, eu acho que... isto é, a firma acha que as duas partes sairão lucrando mais se continuar a realizar o trabalho a que mais se ajusta.

O Sr. Mappin ficara desesperado e não conseguia conter a explosão:

— Eu, um homem talhado para Hipotecas?

— Exatamente George — e o Sr. Mappin recordara-se mais tarde

que fora aquela a primeira e única vez em que o Sr. Trimble chamara-o de George — um homem sensato é aquele que conhece sua capacidade e reconhece suas limitações. Há algum tempo que o estamos observando e parece-me... isto é, a firma acha que tem realizado um trabalho excelente onde está e pode prestar serviços ainda maiores no Departamento de Hipotecas.

Ao ouvir tais palavras, o Sr. Mappin compreendera que a batalha estava perdida. Trimble, Goshen & Webb não atingira a posição que ocupava pela deficiência na capacidade de julgamento. E ali sentado, afundando um pouco na cadeira dos clientes, o Sr. Mappin finalmente concluíra que não possuía a mente privilegiada que sempre imaginara, a mente brilhante, capaz de planejar ousadas estratégias. Não possuía o talento para as argumentações astuciosas e irretorquíveis, não tinha o ímpeto indispensável às negociações comerciais. "George Mappin, conhecido advogado desta cidade, dominou a assembléia de irados acionistas com sua eloqüência habitual" era, no final das contas, apenas um outro sonho.

E a voz do Sr. Trimble chegara-lhe muito débil aos ouvidos, por entre os destroços de suas esperanças:

— Então, vai aceitar?

Não chegara a ser propriamente uma pergunta. Com os pensamentos em turbilhão, o Sr. Mappin assentira, lentamente.

— Ótimo! — dissera o Sr. Trimble, estendendo-lhe a mão. — Meus parabéns!

O Sr. Mappin também estendera a mão, hesitante, enquanto repetia ainda atordoado:

— Parabéns?

— Afinal de contas, trata-se de uma promoção.

— Ah, sim... É claro, é claro... Obrigado.

E o Sr. Mappin saíra da sala.

Retornara ao Departamento de Hipotecas. Alguma coisa mudara: o cargo, o aumento de salário, uma nova escrivaninha. Mas ele continuava em Hipotecas. A amargar Hipotecas. E um dia depois do outro, dias intermináveis, o Sr. Mappin cuidara com eficiência de todos os problemas que lhe eram encaminhados, sempre oferecendo motivos de satisfação aos outros, mas obtendo bem pouca satisfação para si mesmo. E a vida continuara. O Sr. Mappin sabia que só uma coisa iria mudar: ele próprio, tornando-se cada vez mais velho a cada ano que passava, sem jamais sair de Hipotecas.

A amargura começara a corroê-lo. Ficava sentado em sua escriva-

ninha, vendo outros homens entrarem na firma, homens mais moços do que ele. E seu ressentimento ia aumentando a cada ano, com o ingresso de cada jovem na firma, ainda inexperiente, mal saído da escola, recebendo a oportunidade de demonstrar o que podia fazer em seguros, patentes, ações de calúnia, progredindo para gabinetes mais imponentes nos andares superiores (subir, na Trimble, incluía também subir de andar). E alguns desses jovens tinham acabado se tornando sócios da firma.

E esse era outro motivo de ressentimento para o Sr. Mappin. Depois de 15 anos de bons serviços, o mínimo que podiam fazer era oferecer-lhe sociedade, uma participação na firma. Afinal, mesmo desprezando o seu serviço em Hipotecas, executava-o com perfeição. Mas não, pensava o Sr. Mappin, ninguém presta a menor atenção, ninguém se importa. O Sr. Trimble, desde o dia em que convocara o Sr. Mappin a seu gabinete, para oferecer-lhe... isto é, para impingir-lhe o Departamento de Hipotecas, jamais se dignara a dirigir-lhe sequer uma palavra de elogio. O Sr. Mappin achava que uma proposta de participação seria um meio de demonstrar o reconhecimento que a firma lhe devia, uma maneira de compensar tudo.

Certa ocasião, o Sr. Mappin fizera uma tentativa de deixar Hipotecas. Fora procurar o Sr. Trimble e lhe pedira, à queima-roupa, para ser transferido. O Sr. Trimble ficara espantado.

— Mas... mas... depois de todos esses anos... não está feliz em Hipotecas?

— Gostaria de uma mudança, Senhor. Afinal, qualquer um fica cansado de fazer sempre a mesma coisa, entra ano, sai ano.

— *Cansado*? Cansado de *Hipotecas*? — O Sr. Trimble fitara o Sr. Mappin como se tivesse acabado de ouvir uma terrível blasfêmia. E acabara acrescentando, depois de algum tempo: — Continue em Hipotecas por mais algum tempo e depois veremos o que se pode fazer. Afinal, Sr. Mappin é um homem tão bem talhado para a função... não temos mais ninguém a quem possamos confiar o Departamento de Hipotecas com tanta segurança!

O Sr. Mappin deixara a sala do Sr. Trimble sabendo que nada haveria de resultar daquela conversa, que continuaria para sempre em Hipotecas. Aprisionado, pensara o Sr. Mappin.

Da amargura, ressentimento e desilusão acabara surgindo o ódio. Ódio pela firma que lhe fizera aquela coisa terrível, que o encurralara a um canto, que o aprisionara a Hipotecas... a ele, George Mappin, que sempre sonhara com uma vida tão diferente. E o ódio fora-se acumulando, aumentando, se espalhando, a tal ponto que cada respiração passara

a ter o sabor amargo dele.

Foi algum tempo antes de completar 20 anos em Hipotecas que o Sr. Mappin começou a pensar, e com prazer, diga-se de passagem, em assassinar o Sr. Trimble, que para ele representava a firma que o tratara de maneira tão terrível. O Sr. Mappin passou a sentir-se melhor depois que a idéia lhe ocorreu. Era algo em que pensar durante as noites, enquanto permanecia acordado, ao invés de se atormentar com os anos desperdiçados. Podia agora concentrar-se, calma e objetivamente, num assunto que lhe proporcionava uma imensa satisfação. Como não possuía, é claro, a menor intenção de converter a idéia em realidade, era um passatempo que não prejudicava a ninguém e que lhe dava uma sensação de libertação.

Tornou-se um hábito regular. Todas as noites, ao se preparar para deitar, o Sr. Mappin era invadido por uma expectativa agradável pelo momento em que começaria a pensar no assassinato do Sr. Trimble. Despia-se rapidamente, apagava a luz, tirava os óculos, metia-se na cama. Deitado de costas, ficava olhando para a escuridão e pensando. Saboreava demoradamente os prós e contras de diversos métodos. Considerava com o maior prazer as ocasiões propícias e os métodos que poderia forjar. Embora não fosse a rigor um especialista em assassinatos, o Sr. Mappin já lera muitas histórias policiais para saber do axioma de que o plano mais simples é sempre o melhor. E, finalmente, o Sr. Mappin decidiu-se por um plano bem simples. Hipoteticamente, é claro. Havia um período de tarde em que o Sr. Trimble não recebia clientes, não ditava cartas, não atendia telefonemas. De quatro às quatro e meia da tarde, invariavelmente, o Sr. Trimble simplesmente relaxava — "Minha única resistência a este mundo de trabalho constante." E ai de quem se atrevesse a interromper-lhe o repouso. A secretária dele, a telefonista e todas as demais pessoas que trabalhavam na firma tinham ordens explícitas para não se aproximarem da sala dele durante esse período. *Voilà*, pensou o Sr. Mappin. É esse o momento, feito de encomenda. Basta entrar na sala... e matá-lo.

Havia o problema da arma. Revólveres eram por demais barulhentos. Uma faca seria bastante desagradável. E veneno... o veneno constituía uma arte à parte, excessivamente complicada. Mas na mesa do Sr. Trimble havia um peso de papel de latão, bastante pesado, uma reprodução de Buda. Era o ideal, pensou o Sr. Mappin.

E depois? Bem, depois de matá-lo — o Sr. Mappin sempre passava por cima do feito propriamente dito — o melhor era esconder o corpo no armário que havia a um canto da sala, a fim de ganhar algum tempo, an-

tes da descoberta. Voltaria para sua própria sala e estaria tudo resolvido.

A única falha era que poderia ser visto por alguém ao sair da sala do Sr. Trimble. Mas era um risco que teria de correr. Não seria um risco muito grande, pois o gabinete do Sr. Trimble ocupava sozinho o sexto andar e, àquela hora do dia, ninguém mais iria até lá.

E assim, da mesma forma como outros homens contam carneiros para conseguir dormir, o Sr. Mappin analisava detalhes. Até que chegou o dia em que estava tudo estudado à perfeição. E parecia realmente uma pena que nunca fosse ter a oportunidade de demonstrar do que seria capaz de fazer naquele novo campo. Por mais que tentasse, não podia deixar de pensar que todos teriam muito mais respeito por ele, no escritório, se soubessem do que era capaz.

Respeito... Era outro problema. Os jovens que estavam ingressando agora na firma não lhe demonstravam o menor respeito. Dois deles tinham sido recentemente designados para o Departamento de Hipotecas. E naquela manhã o Sr. Mappin interceptara uma piscadela que os dois tinham trocado, no momento em que ele entrara na sala. Estavam caçoando dele! Se fosse sócio da firma, os dois rapazes nunca se teriam atrevido. Jamais! Mas isso não tinha grande importância. Eles não ficariam em Hipotecas por muito tempo. Em breve seriam transferidos para outro setor, algo mais espetacular, certamente, da mesma forma como ele sempre desejara ser transferido.

E ao pensar nisso, o Sr. Mappin sentiu novamente arder dentro de si as chamas do ressentimento e do ódio.

Até mesmo a Srta. Ashley passara a se comportar de uma maneira um tanto estranha com ele, nos últimos dias. A Srta. Ashley era a datilógrafa que o Sr. Mappin partilhava com o Sr. Lyons, porque somente os sócios da firma tinham direito a secretária particular. Seria menos insultuoso se a Srta. Ashley fosse pelo menos um pouco atraente. (A secretária do Sr. Trimble, Srta. Burke, era evidentemente deslumbrante.) Mas a Srta. Ashley era atarracada, quase sem queixo, com o hábito desagradável de soltar risadinhas a todo instante, sem qualquer motivo. No dia anterior mesmo, quando o Sr. Mappin mencionara de passagem que na semana seguinte completaria 20 anos de firma, a Srta. Ashley deixara escapar uma risadinha súbita, quase um guincho. Controlara-se imediatamente, quando o Sr. Mappin a fitara com uma expressão de profundo desagrado.

Vamos, ria, criatura tola e repugnante!, pensara o Sr. Mappin, fervendo de ódio por dentro. Acha mesmo engraçado que eu tenha desperdiçado 20 anos de minha vida aqui dentro? É realmente tão cômico as-

sim? E o Sr. Mappin se deixara dominar por seus sentimentos, a tal ponto que tivera de pedir licença para sair apressadamente da sala, pretextando alguma missão imaginária, a fim de não agredir a Srta. Ashley.

Na semana seguinte, o Sr. Mappin pegou um resfriado. Na segunda-feira estava com a garganta doída. Na terça-feira, estava com a garganta doída e com dor de cabeça. Na noite de quarta-feira, adormecera no instante mesmo em que sua cabeça encostara no travesseiro, sem parar para pensar no assassinato do Sr. Trimble. Acordou na quinta-feira com febre. Tirou a temperatura e verificou que estava com quase 39°C.

Embora se sentisse fraco e exausto, vestiu-se assim mesmo e saiu de casa. Não sabia por que estava indo trabalhar daquele jeito, pois sua ausência seria plenamente justificada. Mas tinha que ir de qualquer maneira. Naquele dia, completava 20 anos de trabalho em Trimble, Goshen & Webb. Alguém podia lembrar-se do fato e mencioná-lo. Para dizer a verdade, só estava indo trabalhar por causa de tal esperança. Estava realmente passando mal. Os joelhos vergavam nos momentos mais inesperados, sentia um calor intenso e calafrios no momento seguinte, a cabeça dava a impressão de que iria explodir a qualquer instante.

Depois que chegou ao escritório, arrependeu-se de ter feito o esforço. Ninguém lhe disse coisa alguma e logo ficou patente que ninguém iria dizer-lhe nada. E ele tinha também o seu orgulho. Se ninguém pretendia dizer-lhe coisa alguma, também não faria insinuações. Poderiam pensar que estava pedindo um afago ou algo parecido. E tal coisa, George Mappin recebendo um tapinha cordial nas costas, seria extremamente ridículo, pensou o Sr. Mappin, amargurado.

Às duas horas da tarde, chamou a Srta. Ashley, embora lhe fosse difícil concentrar-se, da maneira como se sentia. Mas ficaria até o final do expediente, pensou o Sr. Mappin, e depois iria para casa e ficaria de cama durante um dia, uma semana, até um mês, se necessário. E que todos fossem para o inferno! O trabalho poderia acumular-se e atrasar. Quem haveria de se importar com isso?

O Sr. Trimble entrou na sala no momento em que o Sr. Mappin começava a ditar.

— Perdoe a interrupção, mas está com o Contrato Copeland à mão? Eu gostaria de dar uma olhada...

O Sr. Mappin entregou-lhe o contrato e ficou esperando, enquanto o Sr. Trimble dava uma olhada.

— Hum, hum... — murmurou o Sr. Trimble, finalmente. — Eu gostaria de ficar com este contrato por algum tempo...

— Há por acaso alguma coisa errada no contrato? — indagou o Sr. Mappin. — Não há qualquer falha na escritura e...

— Claro que está tudo certo. Mas é que o Sr. Copeland telefonou-me há alguns minutos e pediu-me que lhe esclarecesse alguns detalhes...

— Mas já expliquei tudo, quando aqui estiveram na semana passada — reagiu o Sr. Mappin, surpreso. — Pensei que tivesse deixado tudo bem esclarecido...

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — disse o Sr. Trimble, rapidamente. — Mas há um ponto que aparentemente acaba de ocorrer ao Sr. Copeland... algo relacionado com os direitos de pesca...

— Mas por que ele não veio perguntar a mim? — indagou o Sr. Mappin, sentindo a voz se alterar ligeiramente, contra a sua vontade. — Afinal, eu é que estou cuidando do caso...

— Sabe como são essas coisas — disse o Sr. Trimble, já a caminho da porta. — Reg Copeland e eu estamos sempre nos encontrando no clube. Provavelmente por isso ele pensa que pode desperdiçar meu tempo com detalhes sem importância mais impunemente do que o seu.

O Sr. Trimble sorriu para o Sr. Mappin antes de se retirar. E o Sr. Mappin, depois de um momento de hesitação, retomou o ditado.

Mas sabia agora o que o Sr. Trimble realmente pensava, independente de qualquer sorriso. O Sr. Mappin era ótimo quando se tratava de cuidar de hipotecas para os Smiths e Jones da vida, gente sem maior importância. Mas quando os casos eram maiores, de clientes realmente importantes, tais como os amigos do Sr. Trimble, os Reginald Copelands, George Mappin não servia. Na semana anterior, ele esclarecera meticulosamente todos os detalhes da transação. O Sr. Copeland parecera ter ficado plenamente satisfeito com as explicações. E se tinha alguma dúvida, por que fora incomodar o Sr. Trimble?

Sentado ali, o Sr. Mappin começou a ferver de ódio. Além de tudo o mais, o Sr. Trimble ainda o tratara com uma grosseria indesculpável, ao se referir a "detalhes sem importância". Mas é assim mesmo, pensou o Sr. Mappin. Primeiro, encarceram-no durante 20 anos no Departamento de Hipotecas e depois retiram de seu trabalho qualquer aparência de dignidade, referindo-se a ele como algo de "detalhes sem importância". Será que era assim que o Sr. Trimble encarava o trabalho consciencioso dele ao longo daqueles 20 anos? Será? Será?

O coração do Sr. Mappin estava quase explodindo com o impacto dos sentimentos que tinha naquele momento. A cabeça doia, o nariz escorria. Compreendeu imediatamente que lhe era impossível continuar a

trabalhar e dispensou a Srta. Ashley. Ficando sozinho, pôs a cabeça entre as mãos e começou a recordar todos aqueles anos vazios, de esforço sem prazer e sem qualquer recompensa. E justamente naquele dia, quando completava 20 anos na firma, não era de se esperar que o Sr. Trimble lhe dissesse alguma coisa ao vê-lo, até mesmo algo banal e tolo, como "espero que continue conosco por outros 20 anos"?

O Sr. Mappin continuou sentado na mesma posição por muito tempo. Não podia ter dito a ninguém o que estava pensando exatamente. Sabia que se estava sentindo muito esquisito e que uma marreta lhe batia na cabeça, logo acima dos olhos. Espirrou e pegou o lenço, angustiado. Como gostaria de estar em casa neste momento!, pensou ele.

Olhou para o relógio. Os ponteiros indicavam cinco minutos depois das quatro horas.

O Sr. Mappin não sabia por que, mas, olhando para o relógio, observando o ponteiro dos segundos avançar lentamente, dando uma volta depois da outra, teve a impressão de que havia alguma coisa que deveria fazer. Alguma coisa... Alguma coisa. Alguma coisa muito importante e que deveria descobrir logo, se queria voltar a ter paz de espírito algum dia.

Levantou-se e só percebeu o que estava fazendo ao subir os degraus para o quarto andar, depois o quinto, finalmente o sexto. Parou e ficou imóvel por um momento, comprimindo com as mãos a cabeça que latejava terrivelmente. E foi então que se recordou por que estava ali, para onde ia, o que tinha de fazer.

O resto do mundo pareceu-lhe ter desaparecido por completo. Não lhe ocorreu que poderia ser visto por outras pessoas, que poderia encontrar-se com alguém que mais tarde iria recordar o fato. Concentrou-se unicamente no problema principal que tinha naquele momento, que era o de pôr um pé na frente do outro e chegar a seu destino.

Caminhou em linha reta pelo meio do corredor até a porta em que estava escrito o nome "Emerson Trimble", abriu-a sem bater e entrou. Seus pés não faziam qualquer ruído no tapete macio, e o Sr. Trimble não tirou os olhos do que estava naquele momento escrevendo.

O Sr. Mappin foi-se aproximando. Parou diante da mesa e sua mão pousou no Buda de latão. O Sr. Trimble finalmente levantou a cabeça. Fitou-o desconfiado e depois olhou para o relógio.

— Quatro e dez... Presumo que tenha algo muito importante a tratar, para vir procurar-me a esta hora...

— Tenho, sim. E é de fato muito importante, Sr. Trimble.

Sem pensar duas vezes, o Sr. Mappin levantou o Buda bem alto e

bateu com toda força na cabeça do Sr. Trimble.

E estava acabado, sem que tivesse havido qualquer barulho. Houve sangue, é claro. O Sr. Mappin esquecera que haveria sangue. Desviou os olhos rapidamente da cena que criara, enquanto a sala girava vertiginosamente a seu redor.

E depois tratou de fazer tudo o que precisava. Primeiro, apagou as impressões digitais que deixara no Buda. Pegou o peletó do Sr. Trimble, tomando cuidado para não ver novamente a visão aterradora. Com grande esforço, arrastou o corpo até o armário. Chegou a pensar que não conseguiria, mas acabou fazendo-o. Teve então uma idéia brilhante. Pegou o sobretudo e o chapéu do Sr. Trimble no cabide de pé e meteu-os também no armário, trancando a porta. Assim, se alguém aparecesse depois das quatro e meia, à procura do Sr. Trimble, perceberia logo que o sobretudo e o chapéu não mais estavam ali e certamente iria supor que ele saíra para uma reunião ou decidira ir para casa mais cedo. É claro que isso não faria muita diferença, mas pelo menos daria tempo suficiente para o Sr. Mappin retornar a sua sala, esperar até o final do expediente, às cinco horas, voltando depois para casa, sem que o crime tivesse sido descoberto. Se ele fosse embora mais cedo, as pessoas poderiam ficar desconfiadas, depois que o crime fosse descoberto.

O Sr. Mappin comprimiu as têmporas, espantado por conseguir pensar em todas essas coisas, apesar de estar-se sentindo tão mal. Deu uma última olhada pela sala, para certificar-se de que estava tudo em ordem. Notou então que havia alguma confusão em cima da mesa. Os papéis em que o Sr. Trimble estivera trabalhando estavam agora vermelhos de sangue. O Sr. Mappin pegou-os, amassou-os na menor bola possível e escondeu no fundo da cesta de papéis.

Saiu e voltou para sua sala, ainda aturdido, sem encontrar ninguém no caminho. Era realmente espantoso, pensou o Sr. Mappin. A Providência parecia estar agora do lado dele. Parecia não haver absolutamente ninguém no escritório.

A febre aumentou e o Sr. Mappin tinha a sensação de estar em fogo. Não conseguir pensar em mais nada, a não ser que precisava voltar para casa e meter-se na cama.

Depois de um século, eram cinco horas. Lentamente, com alguma dificuldade, o Sr. Mappin vestiu o casaco, pôs o chapéu, calçou as galochas. Foi até o elevador, apertou o botão e ficou esperando. O elevador finalmente parou e ele entrou, apoiando-se na parede, de olhos fechados. Sentiu o elevador entrar em movimento lentamente.

Ele estava realmente se sentido muito mal, pois tinha a impressão de que o elevador subia, ao invés de descer. O Sr. Mappin abriu o olhos e disse ao ascensorista:

— Estou indo embora, Frank. Quero descer, em vez de subir.

Mas o que estava acontecendo? Que coisa terrível estaria ocorrendo? Pois Frank ignorou-o, limitando-se a sorrir. E o elevador continuou a subir.

O elevador parou, a porta se abriu, uma dúzia de mãos se estenderam na direção do Sr. Mappin. Houve risadas, muitas risadas, um zumbido alto de conversa. Mas quem...? O quê...? Sentindo-se subitamente cego, com a sensação de que perdera por completo o uso das faculdades, o Sr. Mappin cambaleou para frente, puxado por diversas mãos.

E percebeu de repente onde estava: no sétimo andar, o Santuário dos Santuários. Mas o que estava fazendo ali? E por que aquelas pessoas o estavam puxando?

Olhou ao redor e reconheceu alguns rostos através da neblina que lhe cobria os olhos. Lá estava a telefonista... a Srta. Ashley... o Sr. Lyons e o Sr. Hawkins... a Srta. Burke... e aparecendo naquela porta... não era o Sr. Webb? Ele esfregou os olhos. Era isso mesmo, o Sr. Webb, rindo e aproximando-se dele, dando-lhe uma pancadinha afetuosa nas costas.

E agora estavam levando-o por aquela porta, todos rindo, falando ao mesmo tempo. O Sr. Mappin não conseguia entender uma única palavra. Mas conseguiu reconhecer a sala, apesar das modificações que haviam feito. Era a sala de reuniões, em que os diretores da firma reuniam-se mensalmente. Mas a sala estava agora preparada para um banquete, as mesas postas para um jantar. O Sr. Mappin foi levado para a mesa principal e sentado no lugar de honra, com o Sr. Goshen a sua esquerda e o Sr. Webb logo em seguida. À direita dele ficou um lugar vazio. Todos os outros funcionários da firma foram ocupando as demais mesas.

O Sr. Mappin percebeu, apesar do zumbido terrível em seus ouvidos, que o Sr. Webb estava agora de pé, falando, dizendo alguma coisa. O Sr. Mappin compreendeu instintivamente que deveria ser algo importante, a que devia prestar toda atenção. Conseguiu ouvir alguns trechos. Mas a voz do Sr. Webb sumia de vez em quando, desaparecendo por completo, para voltar um instante depois, repentinamente, como numa transmissão transatlântica. Volta e meia, o Sr. Mappin captava uma frase:

"... e nesta ocasião maravilhosa... vinte anos com a Trimble... um tributo... é com prazer que anuncio... e a partir de hoje, passa a ser sócio..."

Algo como uma campainha começou a soar na cabeça do Sr. Mappin. Por um momento, o nevoeiro se dissipou e ele pôde ouvir nitidamente as palavras do Sr. Webb:

— Resta apenas uma coisa a dizer, George. Pedir que nos perdoe por lhe termos dado a notícia desta maneira. Mas é que o Sr. Trimble achou que seria maravilhoso combinar os dois acontecimentos e surpreendê-lo com uma festa. Ah, sim... já me ia esquecendo. O Sr. Trimble passou a tarde inteira ocupado, escrevendo um discurso... — O Sr. Webb foi interrompido por um momento por risadas gerais. — ... escrevendo um discurso para esta ocasião especial e proibindo quem quer que seja, sob pena de morte... — Nova interrupção, por mais risadas. — ... sob pena de morte, repito, de pôr os pés na sala dele!

Soaram aplausos. O Sr. Webb sentou-se.

O Sr. Mappin estava tremendo. Incontrolavelmente.

O Sr. Goshen inclinou-se e perguntou gentilmente:

— Está-se sentindo bem, George, meu velho?

George, meu velho... George, meu velho... Por quantas e quantas vezes o Sr. Mappin ansiara por aquele tratamento de extrema camaradagem! George, meu velho...

A Srta. Burke inclinou-se sobre a mesa, sorrindo.

— O Sr. Trimble deve estar escrevendo uma verdadeira epopéia. Devo descer para avisá-lo de que já estamos à espera?

— Boa idéia — disse o Sr. Webb. — E vá depressa. Não podemos começar sem ele. — Virando-se para o Sr. Mappin, acrescentou: — Não sei como se está sentindo, George, meu velho, mas confesso que estou faminto!

O Sr. Mappin não disse nada. Ficou observando o garçom aproximar-se e começar a encher os copos com vinho. Correu os olhos pelos rostos ao seu redor, vendo-os incharem até o tamanho de imensos balões e depois encolherem até se tornarem pequenas manchas brancas indistintas. Ouvia as vozes soando alegremente na sala. O Sr. Mappin não conseguiria comer coisa alguma, nem que fosse para salvar a própria vida.

A SENHORIA

Roald Dahl

Billy Weaver partiu de Londres no vagaroso trem da tarde, com baldeação em Reading. Já eram nove horas da noite quando finalmente chegou em Bath. A lua começava a se levantar por cima das casas do outro lado da estação, num céu claro e estrelado. Mas o tempo era bastante frio, e o vento parecia uma lâmina de gelo a golpear-lhe as faces.

— Com licença, mas será que existe algum hotel razoavelmente barato aqui por perto?

— Experimente o Bell and Dragon — respondeu o porteiro da estação, apontando para um dos lados da rua. — Talvez tenham vaga. Fica a cerca de 500 metros daqui.

Billy agradeceu, pegou a valise e partiu a pé para o Bell and Dragon. Nunca antes estivera em Bath, não conhecia ninguém que morasse ali. Mas o Sr. Greenslade, da matriz em Londres, dissera-lhe que era uma cidadezinha adorável.

— Arrume um quarto para morar e depois se apresente ao gerente da nossa filial.

Billy tinha 17 anos. Usava um casaco azul-marinho novo, um chapéu marrom também novo e um terno cinza igualmente novo. Estava-se sentindo maravilhosamente bem. Caminhava rápido. Atualmente, procurava fazer tudo com o máximo de rapidez e energia. Chegara à conclusão de que era esse o segredo dos homens de negócio bem-sucedidos. Os

executivos da Matriz eram realmente fantásticos em matéria de presteza. Eram mesmo impressionantes.

Não havia lojas na rua larga que estava percorrendo, apenas casas altas nos dois lados, todas idênticas. Tinham varandas e colunas, quatro ou cinco degraus. Era óbvio que haviam sido outrora residências do maior luxo. Mas agora, mesmo no escuro, Billy podia ver que a tinta estava descascando nas portas e janelas e as fachadas brancas e bonitas estavam rachadas e sujas, por falta de cuidados.

Subitamente, numa janela de um andar térreo, iluminada por um lampião a menos de seis metros de distância, Billy viu um cartaz impresso encostado no vidro, pelo lado de dentro. Dizia simplesmente CAMA E CAFÉ DA MANHÃ. Ao lado, havia um vaso de crisântemos amarelos, muito bonitos.

Billy parou de andar. Aproximou-se da janela. Cortinas verdes (de algum material parecido com veludo) pendiam dos dois lados da janela. Os crisântemos faziam um contraste realmente bonito. Espiando pelo vidro, Billy viu um fogo aceso na lareira da sala. No tapete, diante do fogo, estava um pequeno bassê, dormindo, todo enroscado, a cabeça entre as patas. Os móveis da sala, pelo que ele pôde ver na semi-escuridão, eram bem agradáveis. Havia um piano e um sofá grande, diversas cadeiras de braço estofadas. A um canto, havia um papagaio numa gaiola. A presença de animais era normalmente um bom sinal, disse Billy a si mesmo. Em tudo e por tudo, parecia uma casa aconchegante para se hospedar. E certamente muito mais confortável do que o Bell and Dragon.

Por outro lado, um pub seria mais divertido do que uma pensão. Haveria cerveja e dardos ao cair da noite, muita gente para conversar. E provavelmente seria também mais barato. Billy passara duas noites num pub, há pouco tempo, e gostara bastante. Nunca antes residira numa pensão. E, para dizer a verdade, a perspectiva deixava-o um pouco assustado. A imagem que fazia de uma pensão era de ensopadinho de repolho aguado, uma senhoria rapace e um cheiro forte de arenque na sala.

Depois de relutar dessa maneira durante dois ou três minutos, tremendo de frio, Billy decidiu andar mais um pouco para dar uma olhada no Bell and Dragon, antes de tirar suas conclusões. Virou-se para partir.

E foi nesse momento que uma coisa estranha aconteceu-lhe. Já estava começando a se virar quando seus olhos foram atraídos, de um modo bem esquisito, pelo cartaz na janela. CAMA E CAFÉ DA MANHÃ, dizia o cartaz. CAMA E CAFÉ DA MANHÃ, CAMA E CAFÉ DA MANHÃ, CAMA E CAFÉ DA MANHÃ. Cada palavra parecia um olho negro e imenso a fitá-

lo através do vidro, a prendê-lo, atrai-lo, forçando-o a permanecer onde estava, a não se afastar daquela casa. E antes mesmo de compreender o que fazia, estava subindo os degraus, encaminhando-se para a porta da frente, estendendo a mão para a campainha.

Apertou-a. Ouviu-a tocar um pouco longe, num aposento nos fundos. E imediatamente, só pode ter sido imediatamente, pois ainda nem tirara o dedo da campainha, a porta se abriu e uma mulher surgiu à frente dele.

Normalmente, toca-se a campainha e aguarda-se pelo menos meio minuto até a porta se abrir. Mas aquela mulher dera a impressão de ser um desses bonecos de mola que pulam quando se levanta a tampa da caixa. Billy apertara a campainha e... Zás!, a mulher surgira a sua frente.

Ela tinha em tomo de 50 anos e olhou para Billy com um sorriso caloroso de boas-vindas.

— Entre, por favor — disse a mulher, gentilmente.

Deu um passo para o lado, mantendo a porta aberta. Billy descobriu-se a avançar automaticamente. A compulsão ou, mais acuradamente, o desejo de segui-la para o interior daquela casa era extraordinariamente forte.

— Vi o cartaz na janela — disse Billy, procurando conter-se.

— Foi o que imaginei.

— E eu estava procurando um quarto.

— Pois tenho um quarto prontinho para você, meu caro.

A mulher tinha um rosto redondo e rosado, com olhos azuis incrivelmente gentis.

— Eu estava a caminho do Bell and Dragon, quando notei o cartaz em sua janela — explicou Billy.

— Por que não entra logo e sai do frio, meu rapaz?

— Quanto cobra pelo quarto?

— Cinco xelins e seis pence, incluindo o café da manhã.

Era fantasticamente barato, menos da metade do que Billy estava disposto a pagar.

— Se acha muito, meu rapaz, talvez eu possa reduzir um pouco. Vai querer um ovo no café da manhã? Os ovos andam caríssimos atualmente. Se dispensar o ovo, posso diminuir seis pence.

— Cinco xelins e seis pence está ótimo. Eu gostaria muito de ficar aqui.

— Eu já esperava por isso. Entre, por favor.

Ela parecia extremamente delicada. Dava a impressão de ser a mãe

do nosso melhor amigo na escola, a receber-nos em sua casa para os feriados do Natal. Billy tirou o chapéu e cruzou a porta.

— Pode pendurar seu chapéu ali, meu rapaz. E deixe-me ajudá-lo a tirar o casaco.

Não havia outros chapéus ou casacos no vestíbulo. Não havia guarda-chuvas, não havia bengala, não havia nada.

— Temos a casa toda para nós — disse ela, sorrindo, a cabeça ligeiramente virada para trás, enquanto subia a escada na frente de Billy. Não é com frequência que tenho o prazer de receber um visitante em meu pequeno ninho.

A velha parece meio maluca, pensou Billy. Mas a cinco xelins e seis pence por noite, quem ia preocupar-se com isso?

— Pensei que estivesse sempre cheia de candidatos — comentou Billy, polidamente.

— E é justamente o que acontece, meu caro. Mas sou um pouco exigente... se é que me entende.

— Claro, claro...

— Mas estou sempre preparada. Dia e noite, está tudo pronto para receber um jovem cavalheiro aceitável. Não pode imaginar quão grande é o meu prazer quando, volta e meia, abro a porta e deparo com alguém que é exatamente certo. Ela estava no meio da escada. Parou, uma das mãos no corrimão, virando a cabeça e sorrindo para Billy com lábios pálidos, antes de acrescentar: — Como você, meu caro rapaz. — Os olhos azuis correram pelo corpo de Billy de alto a baixo, descendo até os pés e subindo novamente.

Ao chegarem ao patamar do segundo andar, a mulher informou:

— Este é o meu andar. Subiram outro lance de escada.

— E este é todo seu, meu rapaz. O quarto é ali. Espero que goste.

Ela levou Billy a um quarto pequeno mas aconchegante, de frente, acendendo a luz ao entrar.

— Pela manhã, o sol entra direto pela janela, Sr. Perkins. É o Sr. Per -kins, não é mesmo?

— Não. Meu nome é Weaver.

— Sr. Weaver... Um bonito nome. Sempre ponho um saco de água quente entre os lençóis, para diminuir a umidade, Sr. Weaver. É um grande conforto ter uma cama quente, com lençóis limpos, não acha? E pode acender o bico de gás na hora que desejar, se sentir frio.

— Obrigado, muito obrigado.

Billy viu que a colcha tinha sido tirada e as cobertas estavam viradas

no lado, tudo pronto para alguém se deitar.

— Estou imensamente contente que tenha aparecido — disse a mulher, fitando o rosto de Billy com uma expressão ansiosa. — Já estava começando a ficar preocupada.

— Prometo que não terá de preocupar-se comigo.

Billy pôs a valise em cima da cadeira e começou a abri-la.

— Vai querer jantar, meu rapaz? Por acaso comeu alguma coisa antes de chegar aqui?

— Não estou com fome, obrigado. Acho que vou deitar o mais depressa possível, pois amanhã terei que acordar bem cedo, para apresentar-me no escritório.

— Está certo. Vou deixá-lo agora, para que possa arrumar suas coisas. Mas antes de deitar-se, poderia fazer a gentileza de descer até a sala de estar, no andar térreo, para assinar o livro de registro? É uma exigência das leis locais. E não vamos querer infringir nenhuma lei, não é mesmo?

Ela sacudiu a mão ligeiramente e saiu no mesmo instante do quarto, fechando a porta.

O fato de a senhoria parecer meio amalucada não preocupava Billy. Afinal, ela era totalmente inofensiva... não havia por que duvidar disso. E parecia também possuir uma alma boa e generosa. Billy imaginou que ela provavelmente perdera um filho na guerra ou algo parecido e jamais se recuperara do choque.

Assim, alguns minutos depois, quando acabou de arrumar suas coisas e lavou as mãos, Billy desceu até o andar térreo e entrou na sala de estar. A senhoria não estava ali, mas o fogo ardia na lareira e o pequeno bassê continuava profundamente adormecido na frente. Era uma sala maravilhosamente aconchegante. Sou um camarada de sorte, pensou Billy, esfregando as mãos. Isto é muito melhor do que eu jamais poderia esperar.

O livro de registros estava aberto em cima do piano. Billy tirou sua caneta do bolso, escreveu seu nome e endereço. Havia apenas dois outros registros na página. Como todo mundo sempre faz, Billy leu os nomes daqueles hóspedes anteriores. Um fora Christopher Mulholland, de Cardiff. E o outro tinha sido Gregory W. Temple, de Bristol.

Estranho... pensou Billy subitamente. Christopher Mulholland... Isso me faz lembrar alguma coisa.

Onde já ouvira falar antes naquele nome pouco comum?

Teria sido um colega de escola? Não, não era isso. Teria sido um dos numerosos namorados da irmã ou um amigo do pai? Também não. Billy

olhou novamente para o livro de registros.

Christopher Mulholland
Cathedral Road, 231, Cardiff

Gregory W. Temple
Sycamore Drive, 27, Bristol

Agora que pensava nisso, Billy teve a impressão de que também já ouvira falar no segundo nome.

— Gregory Temple? — disse ele, em voz alta, rebuscando a memória. — Christopher Mulholland?

— Dois rapazes encantadores — disse uma voz atrás dele.

Billy virou-se rapidamente e deparou com a senhoria a deslizar pela sala com uma bandeja de prata nas mãos, contendo todas as coisas necessárias a um chá. Ela segurava a bandeja bem à frente e um tanto alto, como se fosse as rédeas de um cavalo arisco.

— Esses nomes me parecem familiares — comentou Billy.

— É mesmo? Mas que interessante!

— Tenho certeza quase absoluta de que já ouvi falar nesses nomes antes, em algum lugar. Não é estranho? Talvez tenha sido nos jornais. Por acaso eles não eram famosos, jogadores de críquete ou futebol ou algo assim?

— Famosos? — repetiu a senhoria, pondo a bandeja na mesinha baixa diante do sofá. — Oh, não! Não creio que eles fossem famosos. Mas posso garantir-lhe que os dois eram incrivelmente bonitos. Altos, jovens e bonitos... exatamente como você, meu caro rapaz.

Billy olhou novamente para o livro de registros, notando agora as datas.

— Ei, o último registro tem mais de dois anos!

— É mesmo?

— É, sim. E Christopher Mulholland registrou-se quase um ano antes disso. Ou seja, há três anos.

A senhoria meneou a cabeça, deixando escapar um pequeno suspiro.

— Sabe que eu nunca tinha pensado nisso? Como o tempo voa, não é mesmo, Sr. Wilkins?

— O nome é Weaver. W-e-a-v-e-r.

— Mas é claro! — exclamou a senhoria, sentando no sofá. — Mas

que tolice minha! Peço-lhe desculpas. Sou assim mesmo, Sr. Weaver. As coisas entram por um ouvido e saem pelo outro.

— Sabe o que é mais extraordinário em tudo isso?

— Não, meu rapaz, não sei.

— É que tenho a impressão de me recordar desses dois nomes, Mulholland e Temple, não apenas separadamente mas também, de alguma forma, ligados por algum motivo. Como se ambos tivessem sido famosos pelo mesmo motivo, entende? Algo assim como... Dempsey e Tunney, por exemplo, ou Churchill e Roosevelt...

— Que divertido! Mas venha até aqui agora, meu rapaz. Sente-se a meu lado no sofá e deixe-me servir-lhe uma xícara de chá e um biscoito de gengibre, antes de ir-se deitar.

— Não precisava incomodar-se.

Billy continuou parado junto ao piano, observando-a preparar as xícaras de chá. Notou que ela tinha as mãos pequenas, muito brancas e ágeis, bastante rápidas, as unhas pintadas de vermelho.

— Tenho quase certeza de que li alguma coisa a respeito deles nos jornais — disse Billy. — Creio que a qualquer momento vou recordar o que foi.

Não há nada mais irritante do que uma coisa que fica pairando à margem da memória, recusando-se a surgir em foco. Mas Billy detestava a idéia de desistir.

— Ei, espere um pouco! Mulholland... Christopher Mulholland... Não era aquele estudante de Eton que estava fazendo uma excursão a pé pelo West Country e de repente...

— Vai querer o chá com leite? Açúcar?

— Quero, sim, obrigado. E de repente...

— Um aluno de Eton? Oh, não, meu rapaz, não pode ser o meu Sr. Mulholland. Ele não estava em Eton e sim em Cambridge quando esteve aqui. Mas venha sentar-se a meu lado, rapaz, a fim de esquentar-se um pouco neste fogo maravilhoso. Venha logo. O chá já está servido.

A senhoria deu uma pancadinha no lugar vazio a seu lado no sofá, sorrindo para Billy, na expectativa.

Billy atravessou a sala lentamente e sentou na beira do sofá. A senhoria colocou a xícara de chá na mesa, à frente dele.

— Pronto! — exclamou ela, jovialmente. — Não acha lindo e aconchegante?

Billy tomou um gole de chá. A senhoria também. Durante meio minuto ou mais, nenhum dos dois disse qualquer coisa. Billy sabia que a

senhoria o estava fitando. Ela estava meio virada no sofá, a observá-lo por cima da xícara de chá. De vez em quando, Billy sentia um cheiro estranho, que parecia emanar diretamente dela. Não se podia dizer que fosse um cheiro desagradável. Fazia-o pensar... bem, ele não tinha muita certeza do que o cheiro lhe recordava. Picles de noz? Couro novo? Ou seria um corredor de hospital?

Finalmente, a senhoria disse:

— O Sr. Mulholland adorava chá. Nunca vi ninguém beber tanto chá quanto o meu caro Sr. Mulholland.

— Suponho que ele tenha ido embora recentemente.

Billy ainda estava procurando recordar-se do que sabia a respeito dos dois nomes. Tinha certeza agora de que os vira nos jornais... e nas manchetes.

— Ido embora? — repetiu a senhoria, franzindo as sobrancelhas. — Mas ele não foi embora, meu rapaz. Ainda está aqui. E o Sr. Temple também. Os dois estão lá no quarto andar, juntos.

Billy colocou a xícara de chá em cima da mesa, lentamente, fitando a senhoria com uma expressão aturdida. Ela sorriu-lhe e estendeu a mão, afagando-lhe o joelho afetuosamente.

— Quantos anos tem, meu caro?

— Dezessete.

— Dezessete! — gritou ela. — Mas é a idade perfeita! O Sr. Mulholland também tinha 17 anos. Mas creio que era um pouco mais baixo do que você, meu caro. Aliás, tenho certeza disso. E os dentes dele não eram tão brancos. Sabia que possui os dentes absolutamente maravilhosos, Sr. Weaver?

— Não são tão bons quanto parecem. Estão cheios de obturações por trás.

— O Sr. Temple era um pouco mais velho — continuou a senhoria, ignorando o comentário. — Tinha 28 anos. Mas devo admitir que eu jamais teria adivinhado, se ele não me dissesse. Não havia uma única mancha em todo o corpo dele.

— Uma o quê?

— A pele dele era como a de um bebê.

Houve uma pausa. Billy pegou a xícara e tomou outro gole de chá, tornando a pousá-la no pires, gentilmente. Ficou esperando que a senhoria dissesse mais alguma coisa, mas ela parecia ter caído em outro de seus silêncios súbitos. Billy olhava fixamente para o outro lado da sala, mordendo o lábio inferior. E finalmente disse:

— Aquele papagaio... Quer saber de uma coisa? Enganou-me completamente quando o vi pela primeira vez, através da janela. Podia jurar que estava vivo.

— Infelizmente, não está mais.

— É um trabalho incrivelmente bem-feito. Ninguém diria que aquele papagaio está morto. Quem fez?

— Eu mesma.

— Como?

— Fui eu mesma. Ainda não reparou no meu pequeno Basil?

Ela sacudiu a cabeça na direção do pequeno bassê enroscado no chão, diante da lareira. Billy olhou-o. E subitamente compreendeu que o cachorro também estivera imóvel e silencioso durante todo o tempo, assim como o papagaio. Estendeu a mão e tocou de leve no dorso do animal, sentindo-o duro e frio. Empurrou os pêlos para um lado, com as pontas dos dedos, vendo a pele por baixo, acinzentada, bem seca, perfeitamente preservada.

— Santo Deus! Mas isso é fantástico! — Billy olhou para a mulherzinha sentada no sofá, a seu lado, com uma expressão de profunda admiração. E comentou: — Deve ter sido um trabalho terrivelmente difícil.

— Claro que não foi. Sempre faço isso com meus animais de estimação, quando eles morrem. Aceita outra xícara de chá?

— Não, obrigado.

O chá estava com um ligeiro gosto de amêndoas amargas e Billy não gostara muito.

— Já assinou o livro de registros, meu caro?

— Já, sim.

— Isso é ótimo. Se mais tarde eu esquecer seu nome, poderei descer até aqui para dar uma olhada. Ainda faço isso quase todos os dias com o Sr. Mulholland e o Sr.... Sr....

— Temple, Gregory Temple. Desculpe perguntar-lhe, mas não teve outros hóspedes aqui nos últimos dois ou três anos?

Levantando a xícara com uma das mãos, inclinando a cabeça ligeiramente para a esquerda, ela fitou Billy pelo canto dos olhos e presenteou-o com outro sorriso gentil.

— Oh, não, meu caro! Apenas você...

ESCALADA SOCIAL

Robert J. Higgins

Ele morava numa daquelas mansões antigas, transformadas em prédios de apartamentos. O telhado era mais inclinado do que eu esperava, mas não me deu qualquer trabalho.

De uma das chaminés, pude dar uma boa olhada pela janela do apartamento do sótão. Estava aberta e sem a tela. Também não iria oferecer-me qualquer dificuldade. Aproximei-me pelo telhado, as solas de crepe aderindo às telhas de madeira.

Chegando à janela, olhei para dentro e depois desviei-me depressa, a fim de não ser visto imediatamente.

O cara que ali morava estava em casa. Mas eu já sabia disso. Ele estava sentado num desses sofás que parecem muito caros, lendo uma revista. Havia um drinque na mesa a seu lado.

Ele saltou bruscamente ao me ouvir e foi até a janela, com um revólver na mão. E gritou-me rapidamente:

— Fique onde está!

Levantei as mãos, sorrindo.

— Não vai precisar do ferro, Kurt. Estou do seu lado.

Os tiras estúpidos jamais haviam conseguido encontrar Kurt. Mas depois que tomei a decisão de encontrá-lo, não tive a menor dificuldade.

Perguntei aqui e ali e não demorei a encontrar-lhe a pista. Os tiras estavam ficando doidos de tentarem apanhar o grande Kurt Pieters, O Rei

dos Homens Moscas, como os jornais o estavam chamando. E ali estava eu, entrando no apartamento dele, com a maior tranquilidade.

Haviam me avisado também que deveria tomar todo cuidado com Kurt.

— É um solitário e não gosta muito de brincadeiras — disseram-me. — Considera Park Hill como um território exclusivamente dele. Não o deixe surpreendê-lo a executar qualquer trabalho por lá, pois poderá acabar dando um mergulho no rio.

Assim sendo, eu estava tomando todo cuidado.

— Não o conheço — disse Kurt, a voz muito firme.

Ele aproximou-se de mim, sempre apontando-me o canhão. Apalpou-me com a mão livre. Não descobriu coisa alguma, mas nem por isso passou a confiar em mim.

Kurt era louro, tinha umas poucas marcas de varíola no rosto, 27 ou 28 anos. O corpo era esguio, assim como o meu, com muitos músculos para escalar paredes. A calça e a camisa pareciam ter saído da melhor loja da cidade.

— Se é um tira, vou mandá-lo de volta por essa janela, com a cabeça na frente. E olhe que são quatro andares até o chão.

— Sei muito bem que são quatro andares, Kurt. Mas acha mesmo que algum tira conseguiria subir num telhado como o seu?

— Tem razão nesse ponto. Além disso, está limpo. Quem é você, afinal?

— Posso sentar-me?

— Claro. — Kurt acenou na direção de uma cadeira e depois voltou a acomodar-se no sofá, enfiando o revólver debaixo de uma almofada.

— Meu nome é Neil Winters. Estou no mesmo ramo que você e gostaria de conversar um pouco.

— Por que tinha de entrar por uma janela do quarto andar? Por que não subiu a escada?

— Para comprovar minha posição. Somente um outro cara nesta cidade poderia subir a uma janela assim. E esse cara é você, Kurt.

— Tem toda razão. Somente um homem-mosca de verdade poderia fazer isso. Aceita um drinque, garoto?

— Apenas uma soda. Tenho medo que o álcool possa estragar minha coordenação.

Entregou-me a soda, sorrindo.

— Um pequeno drinque de vez em quando nunca me afetou, garoto.

— Mas acontece que você é o maior de todos, Kurt. É um homem-mosca nato. Poderia ter sido o maior trapezista do país.

— Sabe uma porção de coisas a meu respeito, hem, garoto?

— Claro que sei, Kurt. Sou seu fã. Dê uma olhada nisto. Tirei um envelope do bolso e entreguei-lhe.

— Ei, são recortes a meu respeito! — O rosto de Kurt se iluminou ao ler os recortes das notícias de jornal que eu trouxera.

Eu conhecia aqueles recortes quase de cor. Um deles dizia: *Homem Mosca rouba 40 mil dólares em peles de apartamento de executivo.* Outro informava: *Colar de artista roubado da cobertura do hotel.* E todos os outros seguiam essa mesma linha, sempre com uma frase dizendo mais ou menos o seguinte: *A polícia está procurando um antigo trapezista de circo, Kurt Pieters, principal suspeito de inúmeros assaltos recentes.*

— Estas notícias são muito boas, hem, garoto? — disse Kurt, ao terminar de ler. — Nunca pensei em recortá-las quando foram publicadas.

No início, eu também não havia pensado nisso. O que me obrigara a rebuscar jornais antigos, para obter vários dos recortes. Mas não disse isso a Kurt.

— Pode ficar com os recortes.

— Obrigado, garoto. Mas o que significam estes aqui? Kurt tinha separado três recortes bem recentes. — Os trabalhos aqui descritos não foram meus.

Eram as notícias de três roubos que haviam envolvido escaladas realmente difíceis, mas sem resultados de monta.

— São trabalhos meus, Kurt. Só que os tiras e os jornais atribuíram a culpa a você.

— A essa altura, eles já deveriam saber que eu não costumo trabalhar por aquelas bandas — comentou Kurt, desdenhosamente. — Não existem por lá cadelas ricas com jóias que valham a pena. Se quer trabalhar por lá, garoto, não tenho nada com isso. Mas fique longe de Park Hill, que é o meu território.

— Sei disso, Kurt. Afinal, você chegou primeiro.

— Como foi que entrou no negócio, garoto? — perguntou Kurt, mudando de assunto. — Não me lembro de você em nenhuma *troupe*, no tempo em que eu ainda trabalhava em circo.

— Sou consertador de telhados, Kurt. Subo em torres de igreja e coisas assim, em plena luz do dia.

— Nada emocionante, hem?

— Tem razão. Não possui o mesmo encanto do circo.

— Está certo, garoto. E agora me diga, por que veio procurar-me? Deve ter algum motivo, além dos recortes.

— Quero que me ajude num trabalho, Kurt.

— Essa não! Não me meto nesses trabalhinhos ordinários que costuma fazer, garoto.

— Mas este trabalho é bem grande, Kurt. E não poderei fazê-lo sem sua ajuda. Acha mesmo que todas as pessoas ricas moram em Park Hill? Pois saiba que descobri uma velha que guarda 50 ou 60 mil dólares em seu apartamento... em dinheiro vivo!

— Em Belmont?

— Exatamente. É a velha Sra. Wakefield, que já morava por lá quando Belmont era o bairro elegante da cidade. Ela não quis mudar-se para Park Hill, como os outros. Possui uma casa imensa, como esta, Kurt. Dividiu-a em apartamentos, que aluga. E mora também no último andar.

Kurt estava fisgado, mas ainda tinha algumas dúvidas.

— Por que ela não mora no térreo, para não ter que subir a escada?

— É uma velha excêntrica e só sai de casa de vez em quando. Entregam tudo no apartamento. Dizem que ela tem um cofre lá em cima, cheio de grana.

— Ela não gosta de bancos?

— Pelo que sei, ela tem muito mais dinheiro no banco. Mas gosta de ter sempre muita grana viva na mão, porque isso a faz sentir-se segura.

— Já ouvi falar de velhas assim. Parece ser um trabalho mole. Por que não cuida disso sozinho?

— Por causa do cofre, Kurt. Nada sei de arrombamento de cofres. E você poderá abri-lo com a maior facilidade. Há dinheiro bastante para nós dois. Deve dar uns 30 mil para cada um, sem ter que rachar com os receptadores. Além disso, estou esperando que, se tudo correr bem, você me dê uma oportunidade de trabalharmos juntos em outros trabalhos.

Kurt apertou-me a mão.

— Está certo, garoto. Vamos fazer este trabalho juntos. Depois de vê-lo em ação, decidirei se podemos ou não fazer outros trabalhos juntos. E agora vamos aos detalhes. Tem idéia de quando a velha há sair de casa novamente?

— Isso é o melhor de tudo, Kurt. A velha levou um tombo ontem e quebrou a perna. Está no hospital. E ninguém tocou em nada no apartamento dela.

— Então podemos fazer o trabalho logo.

— O que me diz de partirmos agora?

— Por que não, garoto? Eu estava mesmo sem fazer nada e até que não é má idéia dar um passeio para recolher 30 pacotes.

Eu já estava vestindo as roupas de trabalho, todo de preto para uma escalada noturna. Era quase meia-noite. Fiquei esperando Kurt trocar de roupa. Quando ele saiu do quarto, estava vestido como eu. Usávamos ambos paletós justos, com bolsos fundos para meter o saque.

— Meu carro está lá fora, Kurt. Mas acho melhor sairmos separadamente. Esperarei você na esquina da Quarta com a Juneau.

Desci pela escada, entrei no carro e guiei por dois quarteirões. Estava ajeitando as ferramentas nos bolsos quando Kurt chegou. Ele se aproximou tão silenciosamente que levei um susto e deixei cair no chão a lata de graxa de sapato que tinha na mão.

— Costuma usar graxa preta no rosto, garoto? É algo que jamais faço.

— Se você não usa, Kurt, então também não usarei.

Partimos para Belmont e chegamos em menos de 10 minutos. Parei o carro numa rua escura e andamos a pé por um quarteirão. Apontei para uma casa grande e às escuras.

— Lá está a casa, Kurt. Parece que todo mundo já está dormindo.

— O apartamento é aquele lá em cima?

— Exatamente. Vamos indo.

A escada de incêndio ficava nos fundos da casa, longe dos lampiões da rua. Subimos por ela e chegamos ao telhado. Eu poderia ter ido mais depressa, se Kurt não estivesse na minha frente. O telhado era de telhas de madeira e bastante inclinado. Tivemos alguma dificuldade para chegar no topo, mas havia algumas chaminés para ajudar a subida.

Kurt estava ofegando um pouco, provavelmente mais de pensar no dinheiro do que pela escalada. Encontramos uma janela propícia. Não havia muito espaço entre o peitoril e a calha do telhado, mas isso não era um problema sério para nós.

Kurt arrombou a janela e entrou primeiro. Fiquei suspenso no ar por um momento, sem entrar tão depressa quanto Kurt.

— O que você faz pendurado aí fora, garoto? Quer que um tira o veja?

— É que não consegui segurar direito, Kurt.

Entrei também pela janela. A lata de graxa caiu-me do bolso.

— Por que trouxe a graxa, se não pretendia usá-la? — indagou Kurt, rispidamente.

— Esqueci que tinha posto no bolso — balbuciei, abaixando-me

para pegar a lata.

Kurt acendeu a lanterna de bolso.

— Onde está o cofre, garoto? Não há nada neste quarto. E essa poeira não me agrada. Nossas pegadas vão ficar marcadas.

— Acho que ela não usa este quarto, Kurt.

— Pois vamos logo descobrir o cofre.

Vasculhamos o apartamento. Há meses que ninguém morava ali. Havia apenas alguns móveis velhos e muita poeira. Mas nenhum cofre. Kurt estava fervendo de raiva quando me disse:

— Como é que foi indicar o apartamento errado, garoto?

— O erro foi muito pior, Kurt — balbuciei, quase chorando. — Tenho certeza de que a Sra. Wakefield mora num apartamento de sótão. Estamos é no prédio errado!

— E você ainda queria trabalhar com Kurt Pieters! Vamos sair logo daqui.

Kurt foi até a janela e passou para o lado de fora. Mas algo saiu errado. Kurt sumiu da minha vista abruptamente. Ouvi-o soltar um grito, um único grito. Um instante depois ele bateu no chão e ficou quieto.

Saí por outra janela. Chegando lá embaixo, fui direto para o carro, evitando passar pela frente do prédio, onde Kurt estava caído.

No dia seguinte, todos os jornais estampavam em manchete a notícia da descoberta do corpo de Kurt Pieters, o maior de todos os homens-moscas, junto a um prédio antigo, no bairro de Belmont.

Segundo a polícia, ele havia caído do telhado, “em circunstâncias misteriosas”. A polícia não conseguia compreender por que o grande Kurt Pieters decidira arrombar um apartamento vazio daquele bairro.

Pensei na “Sra. Wakefield” e soltei uma risada.

Joguei a lata de graxa num bueiro. Se os tiras algum dia me prenderem, não quero que tentem determinar se a graxa dessa lata é a mesma que estava nas telhas de madeira em que Kurt escorregara.

E agora é a minha vez de trabalhar em Park Hill!

O MELHOR AMIGO DO HOMEM

Dee Stuart

O juiz sumariamente concluiu:

— Morte acidental.

E quem sabia que fora assassinato jamais iria contar...

Emily remexeu-se, constrangida e nervosa, entre Fred e Cinnamon, no banco da frente. O pêlo de Cinnamon, roçando nela, fez Emily ficar toda arrepiada, embora o sol de fim de agosto esquentasse consideravelmente o ar da Nova Inglaterra.

O marido de Emily, Fred, calvo e afável, aparentemente não notou coisa alguma.

Emily beliscou o rabo de Cinnamon, com toda força. Com um olhar de censura, a cachorra chegou para o outro lado, pondo o focinho para fora da janela. Enquanto isso, Fred esquadrinhava a estrada à frente, através dos óculos. Um momento depois, ele saiu com o carro da estrada.

— É este o motel. São apenas quatro horas. Conseguimos fazer um bom tempo.

No quarto, Fred pediu uma cerveja e dois sanduíches de presunto e queijo com pão preto.

— Não precisa pedir nada para mim — avisou Emily. — Estou com o estômago embrulhado de viajar o dia inteiro.

— Está certo, meu bem.

Quando a cerveja e os sanduíches chegaram, Fred ajeitou-os na

mesa e afundou na poltrona, de frente para a janela panorâmica. Tomou um gole de cerveja e abriu o jornal, contemplando disfarçadamente as moças de biquíni em torno da piscina.

No momento em que Emily ia sentar, Cinnamon pulou em cima da outra poltrona e ficou sentada, olhando para Fred, expectante. Ele tirou um naco do sanduíche.

— Fale! — ordenou.

Cinnamon soltou um latido curto. Fred deu-lhe o pedaço de sanduíche.

— Desça daí! — ordenou Emily.

Cinnamon ignorou-a.

— Eu bem que falei que devíamos deixar essa cachorra no canil — disse Emily, irritada. — Faça-a descer da poltrona.

Fred estava com uma expressão magoada.

— Cin e eu sempre fazemos isso quando estamos na estrada. Ficamos comendo um sanduíche, enquanto observávamos as garotas na piscina. — Fred, vendedor de uma fábrica, estava sempre viajando, de segunda a sexta-feira.

— Mas acontece que esta semana você não está trabalhando. Alugamos uma cabana nas montanhas e as férias são nossas e não dessa cachorra! Já aceitei ficar com ela no banco da frente, ao lado da janela, a fim de que não ficasse enjoada. Mas agora eu quero sentar! — Emily agarrou um pedaço do jornal e levantou o braço na direção de Cinnamon, ameaçadoramente.

— Desça, Cinnamon, desça — disse Fred, rápido.

Relutantemente, a cachorra pulou da poltrona e foi postar-se ao lado de Fred, os olhos ainda suplicando pelo sanduíche.

Emily olhou para Cinnamon, dominada por uma raiva profunda. Como era possível que aquela cachorra a fizesse sentir-se uma intrusa, até mesmo em sua própria casa? Ela procurou recordar tudo o que acontecera. Havia começado no outono anterior, quando Fred a obrigara a parar de dar aulas.

— Vinte e cinco anos já é tempo mais do que suficiente — dissera ele. — Estou ganhando bem, a casa e o carro já estão pagos. Fique em casa. Relaxe. Vá visitar suas amigas.

Mas todas as amigas de Emily ainda estavam dando aulas. Ela sentia-se solitária, levando uma vida vazia, numa casa vazia. E fora então que Fred levara aquela cachorra para casa.

Entrara pela porta da cozinha numa noite de sexta-feira, com as

mãos escondidas atrás das costas.

— Trouxe-lhe um presente — anunciara ele, orgulhosamente, pondo a cachorrinha peluda, cor de ferrugem, nos braços de Emily.

— Oh, mas como ele é bonito! — murmurara Emily, indecisa.

— Ele não, mas sim ela. Vai fazer-lhe companhia. E a protegerá enquanto eu estiver viajando.

Emily não imaginara na ocasião como a cachorra iria transtornar sua casa e até mesmo sua vida.

Cinnamon a fitara com os olhos cinzentos brilhando de maneira estranha. Por mais incrível que parecesse, Emily seria capaz de jurar que a cachorra estava sorrindo. Como uma premonição, passara-lhe pela cabeça o pensamento de que duas mulheres não podiam viver juntas e em paz na mesma casa. Sentira-se um tanto inquieta. E pusera a cachorra no chão de linóleo amarelo, onde ela acabara caindo, as pernas ainda bambas.

— Mas o que é ele? — indagara Emily, olhando para as orelhas pontudas, com as pontas caídas, e para a cauda peluda, enrascada num círculo perfeito.

— *Ela*... É uma cruza de fox-terrier e weimaraner. — O tom de Fred era visivelmente defensivo. Ele afagara a pelagem curta e macia da cachorra. — O nome dela é Cinnamon.

A cachorra o fitava com olhos de adoração.

— É uma vira-lata, isso sim. Vai ficar muito grande, Fred?

— Oh, não! Uns 40 ou 50 centímetros, não mais do que isso.

Ele coçara atrás das orelhas da cachorra, que esfregara o focinho em sua mão.

— Pois vai ter que treiná-la muito bem, Fred. Já tenho coisas demais para fazer e não quero ficar o dia inteiro atrás de uma cachorra para limpar-lhe as sujeiras.

E Fred realmente soubera ensinar Cinnamon. Ensinara-a a suplicar, a falar, buscar as coisas, rolar de lado. Dava banho e escovava a cachorra, levava-a para passear. Um dia, Emily protestara:

— Parece-me que você passa mais tempo com essa cachorra do que comigo!

O pior fora que Fred não negara. Emily não lhe contara que, enquanto ele viajava, a cachorra ficava apática e murcha, o rabo caído, não se animando nem mesmo quando a deixava entrar em casa. Mas recuperava prontamente a alegria assim que ouvia o barulho do carro de Fred.

Pouco a pouco, os olhos tristes e a atitude acusadora da cachorra haviam começado a deixar Emily deprimida. Fora-se cansando e ficando

enojada de sair com a cachorra na coleira para dar uma volta. E certo dia encontrara Cinnamon debaixo de sua cama, com a chinela de cetim verde entre as patas, mastigada inteiramente.

— Cachorra má! — gritara Emily, batendo nela. — Vai ter que ir embora daqui!

Emily tentara encontrar a melhor maneira de livrar-se da cachorra. E finalmente ocorrera-lhe o que lhe parecera ser a solução perfeita.

— Fred, por que não leva a cachorra com você, quando estiver viajando? Assim, terá alguma companhia.

No início, Fred recusara. Mas Emily acabara convencendo-o de que absolutamente não se importaria. A partir desse momento, toda manhã de segunda-feira Fred partia com Cinnamon a seu lado, serena e orgulhosa, olhos e ouvidos alerta, sorrindo como se fosse a dona do carro.

Mas eu não tinha a menor intenção de trazer essa cachorra nas minhas férias!, pensou Emily agora.

— Está na hora do jantar — disse Fred, interrompendo-lhe o devaneio.

Primeiro, Fred deu comida a Cinnamon e depois levou Emily para o restaurante do motel. Ao terminarem de comer, já estava quase escuro. Mas refletores potentes iluminavam a piscina e os jovens continuavam a brincar nas águas azuis transparentes, nadando de um lado para outro como peixinhos brilhantes.

— Vamos ficar aqui um pouco — sugeriu Emily, atravessando o gramado e indo sentar-se numa cadeira na faixa cimentada em torno da piscina.

— Tenho de levar Cinnamon para dar uma volta.

— Ficarei esperando por você aqui. — Evidentemente, Fred não traria aquela cachorra para perto da piscina.

Ele voltou com Cinnamon caminhando faceiramente a seu lado.

— Não pode ficar com essa cachorra aqui! — reagiu Emily, furiosa.

— Ela sabe comportar-se. Sente, Cinnamon, sente.

A cachorra sentou aos pés dele, as orelhas esticadas, farejando o ar, examinando seu mundo como uma esfinge egípcia. Gentilmente, Fred virou as orelhas de Cinnamon para fora e cruzou uma pata sobre a outra. Um garoto deu uma barrigada na piscina, espalhando água por toda parte. Rapidamente, Fred tirou as gotas que haviam caído no pêlo de Cinnamon, alisando-o.

Ele não consegue ficar com as mãos longe dessa cachorra, pensou Emily. É revoltante vê-lo dispensar toda essa afeição a uma cachorra. Se

me tivesse dado metade dessa atenção... talvez se tivéssemos tido um filho... se Fred não viajasse tanto...

Cinnamon levantou e caminhou-se para a piscina.

— Volte! — ordenou Fred.

Cinnamon parou, contemplou a água e depois lançou um olhar suplicante para o dono.

— Não! Volte! Fique longe da água!

Cinnamon voltou. Sempre obediente, sempre bem-comportada, pensou Emily, amargurada. Não era de admirar. Fred gastava todos os minutos vagos a ensinar a cachorra. Emily tinha a impressão cada vez mais forte de que Fred preferia a companhia de Cinnamon à dela. Será que também seria assim na cabana? Fred e Cinnamon estariam sempre saindo juntos, para longos passeios, explorando as redondezas?

Cinnamon estirou-se aos pés de Fred. Ele coçou-lhe a barriga. A cachorra rolou de lado, as patas no ar, languidamente, os olhos fechados em êxtase. Arreganhou os beiços pretos num sorriso de pura felicidade, a ponta da língua rosada pendendo para fora.

Constrangida, Emily notou que outras pessoas estavam olhando. E de repente ouviu uma moça de maiô preto exclamar:

— Mas aquela cachorra está rindo! Olhem só! Ela está rindo de verdade!

Eu tinha razão! pensou Emily, triunfante. Não estivera imaginando coisas. Aquela cachorra estúpida estava de fato rindo... dela!

Contemplando as pessoas que tomavam banho na piscina, Emily desejou desesperadamente saber nadar. Mas sempre achara a água fria demais para tentar aprender. *Será que essa cachorra sabe nadar*?, pensou Emily, distraidamente. *Provavelmente*. Ouvira dizer que os cachorros nadam instintivamente quando são jogados na água. Mas por quanto tempo? E se um cachorro fosse mantido...

Foram embora quando a piscina fechou e os refletores se apagaram. E partiram em fila indiana, como patos, Cinnamon saracoteando na frente, Fred como seu orgulhoso acompanhante e Emily fechando a marcha.

Por mais que tentasse, Emily não conseguia dominar o ciúme, raiva e ressentimento, que haviam agora se fundido num ódio profundo a corroê-la. Dispensando todo o amor dele a uma cachorra! Mas isso era até indecente! Não mais suportaria tal situação!

Mas não adiantaria pedir a Fred que desse a cachorra a alguém. Ele jamais concordaria. Emily teria que dar-lhe um ultimato. Fred teria

que escolher entre ela e a cachorra... mas ele jamais a perdoaria... e havia também a possibilidade terrível, embora inconcebível, é claro, mas mesmo assim existente, de que ele pudesse escolher a cachorra. Mas havia outra saída, pensou Emily.

Ficou esperando até Fred estar na cama, assistindo à televisão.

— Acho que a cachorra está precisando dar outra volta, Fred.

— Não está, não. — Fred não desgrudava os olhos da TV.

— Ela parece bastante irrequieta.

— Não está, não.

— Você não precisará levá-la, Fred — insistiu Emily. — Posso vestir o roupão e...

— Não! — disse Fred, firmemente. — Esqueça!

Emily ficou acordada durante muito tempo, invadida pela frustração, dominada por um sentimento de derrota. Teria que fazê-lo de qualquer maneira no dia seguinte.

Por muitos anos de prática, Emily era capaz de acertar um despertador na mente e acordar na hora que bem desejasse. Despertou às cinco horas, pouco antes do amanhecer. Furtivamente, saiu com Cinnamon, levando-a pelo gramado, úmido de orvalho, na direção da piscina. Não estava tão escuro quanto ela desejava.

O coração de Emily estava disparado, com medo de que alguém pudesse vê-la. Mas tinha de correr o risco. Se alguém a interpelasse, diria que a cachorra caíra na piscina e estava tentando tirá-la. Começou a atravessar a faixa cimentada em torno da piscina. Subitamente, Cinnamon sentou.

— Vamos, vamos! — disse Emily, asperamente.

Mas a cachorra recusou-se a sair de onde sentara. Emily puxou-a pela coleira, com toda força. Não era possível que a cachorra estivesse lembrada de que fora proibida de aproximar-se da piscina! Exasperada, Emily foi arrastando a cachorra até a beira da piscina. Cinnamon resistia, as unhas raspando no cimento.

— Emily! — Fred gritava da varandinha diante do quarto, impacientemente, à luz cinzenta do amanhecer. — Não tente passear com ela perto da piscina! Ela sabe que está proibida de ir até a piscina!

Emily cerrou os dentes, num arremedo de sorriso, acenou e seguiu para o estacionamento, com Cinnamon andando obedientemente em seus calcanhares. Ela contou a Fred que a cachorra a acordara, querendo sair. Para si mesma, furiosa, Emily jurou que da próxima vez não falharia.

Naquela tarde, embrenharam-se por uma estradinha de terra, si-

nuosa, atravessando um bosque. A fragrância dos pinheiros refrescava o ar e os raios do sol filtravam-se pelos carvalhos frondosos, matizados de vermelho. Pararam diante de uma cabana rústica, empoleirada no alto de uma colina.

— Não é maravilhoso, Em? Apesar de cercados por montanhas, podemos ver o lago aqui da varanda!

Com um sorriso misterioso, Emily contemplou o lago, faiscando à luz do sol.

— E as árvores estão começando a ficar vermelhas...

— Tem um bote lá no lago que é alugado junto com a cabana, Emily. Vamos ter que fazer algumas pescarias.

— Hum, hum... — murmurou Emily, pensativa. — Mas agora vamos tratar de jantar.

Fred engoliu a última amora que restava no prato e esvaziou o copo de chá gelado.

— Enquanto você arruma as coisas, eu vou dar uma volta com Cin, para explorar as redondezas. Quer dar uma volta, Cin? Uma volta?

A cachorra começou a pular de alegria, sacudindo o rabo freneticamente. Emily contraiu os lábios, numa expressão determinada.

Uma hora depois, quando Emily estava fervendo de raiva, Fred e Cinnamon apareceram na varanda.

— Adivinhe o que encontramos, Em! Aquela trilha por trás da cabana vai terminar numa estradinha, agora quase escondida, de tão coberta de mato. Seguimos por ela e encontramos uma velha casa de fazenda, toda de pedra, chamuscada e quase em ruínas, certamente destruída por um incêndio. Demos uma olhada lá dentro. Estava tão escuro que quase caí no porão. Há um buraco no chão, onde antes deviam existir os degraus para o porão.

Emily começou a prestar atenção, os olhos agora brilhando.

— Do lado de fora, Em, o mato está alto. Tem uma trepadeira linda, rosas silvestres e até gencianas. E adivinhe o que Cinnamon descobriu?

Aturdida, Emily limitou-se a sacudir a cabeça.

— Cinnamon descobriu um poço! Ou melhor, o que devia ter sido um poço. É um buraco grande no chão, que parece ir direto até a China. Eu teria caído, se Cinnamon não tivesse farejado a tempo e me puxado. É uma cachorra muito inteligente. Sabe o que ela fez? Sentou assim que comecei a me encaminhar para o tal poço. E não houve jeito de tirá-la do lugar. Quem haveria de acreditar que uma cachorra pudesse ser tão inteligente assim?

— Ninguém — murmurou Emily, acidamente.

Fred acariciou afetuosamente a cabeça da cachorra.

— Vai ter que conhecer o lugar, Em. Deve ter pelo menos uns 200 anos.

— Claro que vou querer conhecer.

Nenhuma cachorra é mais inteligente do que eu!, pensou Emily. *Não vou mais tolerar esta situação*!

No dia seguinte, depois do almoço, Fred deitou no sofá, para tirar um cochilo. Assim que ele começou a roncar, Emily pôs a coleira em Cinnamon e saiu pela porta dos fundos. Seguiu pela trilha até a estradinha coberta de matos e acabou encontrando a casa de pedra. Subiu os degraus quase caindo, atravessou a varanda e entrou cautelosamente na casa. O assoalho que restava parecia razoavelmente sólido. Algumas tábuas estavam apodrecidas, outras faltavam. Mas não eram muitas. Logo à frente, estava o buraco escuro onde outrora existira a escada para o porão.

Emily começou a avançar, lentamente, com todo cuidado. Cinnamon pôs-se a ganir e ela parou, pegando-a no colo e tirando a correia. Chegou à beira do buraco e parou novamente, trêmula, procurando não respirar o ar fétido, recendendo a madeira queimada e à horrível umidade do porão. Cinnamon, remexendo nos braços dela, ganiu mais alto.

E subitamente Emily compreendeu a verdade, com um tremendo impacto. O porão não era suficientemente profundo. A queda não resolveria o problema. Cinnamon certamente iria latir. Era possível que ninguém ouvisse. Mas era possível também que os uivos dela ecoando pelo porão escuro se propagassem por quilômetros e quilômetros.

Emily saiu da casa com a cachorra, prendeu a correia novamente e colocou-a no chão. Cautelosamente, contornou a casa, observando Cinnamon atentamente, à espera de qualquer sinal para recuar. Fred certamente advertira Cinnamon a ficar longe do poço, como fizera com a piscina. Emily deu outra volta em torno da casa, desta vez descrevendo um círculo maior, passando irritada pelo meio do mato, que lhe arranhava as pernas, com Cinnamon farejando a sua frente.

Desviou-se abruptamente para não passar sobre algumas tábuas largas que estavam em seu caminho. Deviam ser da casa, pensou Emily. Alguém deve tê-las colocado aqui, lado a lado, como estão. Mas Cinnamon, o focinho vasculhando os segredos da terra, não quis desviar-se do caminho. Deu um puxão para frente, subitamente. A correia escapuliu dos dedos de Emily.

— Vá para o inferno! — gritou Emily, furiosa. — Suma da minha frente!

Ela poderia dizer a Fred que a cachorra se esgueirara pela porta da cabana e sumira. Mas se ele a encontrasse, com a correia, saberia que fora uma mentira. Poderia dizer que saíra com Cinnamon para dar uma volta e a cachorra lhe escapara. Mas se aquela cachorra estúpida ficasse emaranhada numa moita e morresse estrangulada, Fred jamais a perdoaria.

Emily não podia vencer. Tinha que tirar a correia da coleira ou Fred saberia que ela saíra com a cachorra. Sua cabeça latejava terrivelmente. As mãos estavam úmidas, pegajosas.

Cinnamon parou no meio das tábuas. Parecia estar sorrindo, chamando-a. Emily correu na direção da cachorra, tentou pegar a correia e não conseguiu. Cinnamon desviou-se um pouco, por cima das tábuas. Furiosa, Emily tentou pisar na ponta da correia, e também não conseguiu. Sob o peso de Emily, as tábuas apodrecidas que cobriam o velho poço se entreabriram. E Emily caiu, por uma escuridão úmida e malcheirosa.

Tentou gritar, mas a garganta estava contraída demais. Teve a impressão de estar caindo por um tempo interminável. Mas não sentia medo. Isto é, não sentiu medo até bater na água gelada.

Agitando as pernas freneticamente, Emily conseguiu voltar à tona uma única vez. E tudo o que viu, no círculo azul do céu lá em cima, foi Cinnamon a espiar da beira, rindo.

UM ASSASSINO ESTÁ NA ESTRADA

William P. McGivern

I

Os faróis aproximaram-se dele, como compridas lanças amarelas. Depois se afastaram para a esquerda, quase que em formação, cada par seguindo por sua própria faixa da estrada. Mas podiam mudar de direção a qualquer instante, pensou ele, vindo diretamente para cima de seu carro. Havia sempre que temer o inimigo desconhecido...

Estava viajando para o sul, pela Auto-Estrada dos Três Estados. Nova York já ficara a mais de 20 quilômetros para trás. Estava agora seguro, uma entidade inocente e anônima, num vasto complexo de carros em alta velocidade e faróis faiscantes. Pelo espelho retrovisor, pôde ver que a faixa em que se encontrava estendia-se vazia para trás, por várias centenas de metros. E bem à frente, a menos de meio quilômetro, estava um posto e restaurante da cadeia Howard Johnson, luzindo como um colar de diamantes na escuridão.

Ele pisou no freio e saiu da estrada, indo parar no acostamento de cascalho. Estava a menos de 200 metros do restaurante.

Os carros continuavam a passar, indiferentes, os faróis refletindo-se em seus óculos. Piscou os olhos grandes. O barulho e o movimento deixavam-no confuso, os pneus guinchando, os faróis muito fortes, a fumaça dos canos de descarga. Mas uma coisa continuava inabalável em meio

à balbúrdia atordoante da auto-estrada: os planos que ele fizera. Eram como um rochedo sólido de determinação, em mares agitados e incertos.

Saltou do carro, tirou o chapéu e o sobretudo grosso de tweed, jogando-os no banco de trás. Depois apagou os faróis, tirou as chaves da ignição e arremessou-as para a escuridão além da estrada, o mais longe possível. Que eles tivessem o trabalho de tentar imaginar o que acontecera, pensou o homem, sorrindo com prazer.

Era baixo e largo, bastante forte, os cabelos grisalhos cortados rente, as feições rudes e firmes. Ao sorrir, os dentes brilharam na escuridão, brancos e um pouco salientes. Tudo nele projetava uma imagem de determinação. Isto é, tudo menos os olhos. Eram claros e meigos. Quando ele estava excitado, brilhavam com uma espécie de expectativa e malícia infantis.

Ao se afastar rapidamente do carro, as pernas se movimentando vigorosamente e os ombros ligeiramente encurvados a enfrentarem o vento, estava consciente de apenas duas necessidades. A primeira era a de que precisava arrumar outro carro. O que era terrivelmente importante. Precisava de um carro, de qualquer maneira. A segunda necessidade, igualmente importante, era de algo quente e doce para beber. Depois do que fizera, o corpo inteiro ansiava pelo conforto e segurança de um café fumegante, com bastante açúcar.

Eram sete e quinze.

O patrulheiro Dan O'Leary avistou o carro abandonado cinco minutos depois, ao seguir para o norte, em meio ao tráfego intenso. Tratou de acelerar, a fim de conseguir espaço para fazer a volta. Subiu com o carro na faixa de grama que separava as duas pistas. Assim que houve uma brecha no tráfego, desceu para a pista que seguia em direção ao sul e foi parar atrás do carro aparentemente vazio, os faróis de seu carro de patrulha iluminando o outro com um clarão amarelado. O'Leary pegou o fone à direita do volante e comunicou a ocorrência ao controlador, na sede da patrulha da auto-estrada, na Riverhead Station, 25 quilômetros ao sul.

— Patrulha Dois, O'Leary. Estou verificando em Buick parado no acostamento, um seda 51, com chapa de Nova York.

Repetiu duas vezes a chapa do carro e depois olhou para o marco numerado a cerca de 15 metros além do Buick. Da primeira à última saída, a auto-estrada era medida por aqueles marcos. O'Leary estava parado perto do Nº 14. Deu a informação ao controle e depois saltou do carro, com a mão na coronha do revólver.

Era uma atitude de puro reflexo, resultado de um treinamento que

visava a tornar as reações dele quase instintivas, em determinadas circunstâncias. Raramente fazia alguma coisa impensada em seu trabalho. Parara atrás do carro estacionado no acostamento por boas razões: podia assim aproximar-se sob a proteção de seus próprios faróis e não correria o risco de ser atropelado. O comunicado ao controle também fora uma questão de treinamento e bom senso: se levasse um tiro ou o carro saísse em disparada, sua descrição seria irradiada para uma centena de carros de patrulha em poucos segundos. E o mesmo se podia dizer em relação à mão na coronha: o carro parecia estar vazio, mas O'Leary aproximou-se pronto para qualquer coisa. Iluminou os bancos da frente e de trás do Buick com sua lanterna, notou o sobretudo de tweed e o chapéu de feltro cinza. As chaves não estavam na ignição. Tocou no capo e verificou que ainda estava quente. Provavelmente acabara a gasolina. Fez a volta para dar uma olhada na mala.

Enquanto O'Leary realizava sua investigação preliminar, o Sargento Tonelli, o controlador na Riverhead Station, verificava o número da placa, na relação de carros roubados. Tonelli, um homem alto e magro, de cabelos grisalhos, sobrancelhas espessas e brancas, sentava-se no meio de uma mesa semicircular, na sede da patrulha. Luzes fortes no teto inundavam a sala com uma claridade de meio-dia, empurrando a escuridão para além das janelas largas e altas. O clarão dos faróis dos carros, passando velozmente pelas seis faixas de rolamento que varavam a escuridão, iluminava o prédio de três andares. Diretamente abaixo de Tonelli, havia uma porta que dava acesso à sala do Capitão Royce. Naquele momento, o capitão estava em sua mesa, verificando certas providências e planos que submetera algumas semanas antes ao Serviço Secreto. Os planos haviam sido aprovados e o Capitão Royce estava agora fazendo uma meticulosa revisão final.

A relação atualizada de carros roubados estava espetada num aro perto da mão direita de Tonelli. Ele folheou rapidamente a relação, com uma eficiência automática, enquanto continuava a controlar os comunicados que saíam pelo alto-falante por cima da mesa. O Sargento Tonelli era responsável por cerca de um terço da auto-estrada de 150 quilômetros. Era a área designada como Sede Norte. Duas estações subsidiárias, a Subestação Central e a Subestação Sul, dividiam entre si os restantes cem quilômetros. Mas a responsabilidade dessas estações estava limitada ao tráfego. Em tudo o mais, recebiam ordens diretamente da sede e do Capitão Royce.

Sob o controle direto do Sargento Tonelli estavam 18 carros de pa-

trulha, algumas ambulâncias, caminhões de reboque, carros de bombeiros e de repressão a distúrbios. Ele tinha na mente um quadro bastante fiel da situação da auto-estrada naquele exato momento. Sabia em que ponto se encontrava cada carro de patrulha e o que estava fazendo, estava a par do Mercedes-Benz em alta velocidade sendo perseguido 15 quilômetros ao norte dali; sabia do acidente ocorrido um pouco depois do Trevo 10 e que estava afetando o fluxo de tráfego; e sabia também, é claro, que Dan O'Leary, Carro 21, estava naquele momento investigando um carro parado no acostamento, perto do Marco 14.

Além dessas atividades rotineiras, o Sargento Tonelli estava também concentrado em alguns aspectos do problema com que se defrontava o Capitão Royce. O Presidente dos Estados Unidos iria percorrer a auto-estrada naquela noite, começando no Trevo 5 e seguindo para o sul até o posto de pedágio, por uma distância de 65 quilômetros. Dentro de aproximadamente uma hora, o Sargento Tonelli estaria despachando diversos carros de patrulha para aquela área. E procurava pensar na melhor maneira de compensar o deslocamento daqueles carros.

Enquanto pensava em tudo isso, continuava a verificar a relação de carros roubados. Mas nada encontrou.

***

O patrulheiro O'Leary voltou a seu carro e chamou o quartel-general.

— Carro 21, O'Leary falando. Parece que o Buick está sem gasolina. O motorista deve ter seguido a pé até o posto da Howard Johnson. Vou verificar se ele está precisando de alguma ajuda.

— Está certo, 21.

O'Leary foi até o posto e parou ao lado das bombas. O atendente, um homem magro e de cabelos brancos, aproximou-se rapidamente. O'Leary baixou a janela do carro.

— Alguém apareceu por aqui para comprar uma lata de gasolina, Tom?

— Ninguém, Dan.

— Obrigado.

O'Leary foi até o estacionamento ao lado do restaurante. O dono do carro enguiçado talvez tivesse parado ali antes, para comer alguma coisa. O'Leary empinou os ombros e alisou a túnica verde-escura antes de entrar no restaurante. Os dois gestos corretivos eram desnecessários.

Suas costas já eram naturalmente retas como uma tábua e o uniforme estava sempre impecável, das perneiras lustrosas ao chapéu de aba larga, preso por uma tira de couro que passava por baixo do queixo quadrado. O'Leary tinha 28 anos, era grande e forte. Seu porte e maneira de andar deixariam na maior felicidade qualquer sargento encarregado da ordem -unida. Havia quase um quê de arrogância no jeito como a cabeça e os ombros estavam permanentemente erguidos. O'Leary manipulava seu corpo como se fosse uma máquina que compreendia e na qual confiava inteiramente. Os cabelos pretos eram curtos, os olhos frios e duros. Mas havia algo de infantil na expressão muito séria e na aparência limpa e lavada da pele.

O'Leary sabia de algo que poderia ajudá-lo a encontrar o motorista desaparecido: o homem não estava usando chapéu nem sobretudo, pois deixara-os no carro.

Mas a hostess que acompanhava os fregueses até as mesas não se recordava de ter visto alguém assim.

— Ele não apareceu por aqui nos últimos 10 ou 15 minutos, Dan. — Ela correu os olhos pelo restaurante, dividido, em duas partes, por um balcão grande no meio. Os dois setores estavam apinhados naquele momento, com muito barulho de conversas, pratos e talheres. — Mas ele pode ter aparecido enquanto eu providenciava mesa para outros fregueses.

— E não poderia ter ido sentar-se sem sua ajuda?

— Seria praticamente impossível, Dan, com o restaurante apinhado como está. Mas ele pode ter ido comer alguma coisa no balcão.

— Obrigado. Vou até lá verificar.

O'Leary ficou esperando pacientemente no balcão, enquanto a garçonete providenciava o pedido de hambúrgueres, batata frita, leite e café para um rapaz magro, que parecia vagamente constrangido por obrigá-la a tanto trabalho. 0 rapaz sorriu nervosamente para O'Leary e comentou:

— As crianças são muito pequenas para comerem aqui dentro. Ficariam brincando com os cardápios e os copos, ao invés de comerem. Minha esposa acha que é melhor dar-lhes comida no carro.

— Provavelmente ela está certa — respondeu O'Leary. — De qualquer maneira, comer no carro é uma aventura emocionante para as crianças.

— Tem razão. Elas estão-se divertindo um bocado.

O rapaz pareceu ficar aliviado com o ar compreensivo de O'Leary. Depois que ele se afastou, levando os pedidos, O'Leary perguntou à gar-

çonete se servira recentemente um homem que estava sem chapéu e sem sobretudo.

— Acho que não, Dan. — Era uma moça gorducha, mais para feia, de olhos castanhos. Seu nome era Millie. — Mas como ele podia estar sem sobretudo com um tempo assim, Dan?

— Deixou no carro, que ficou sem gasolina a cerca de 200 metros daqui. Deve ter calculado que não seria o suficiente para congelar.

Até aquele momento, era apenas uma investigação de rotina, um pequeno afastamento do trabalho normal de O'Leary, que era de controlar o tráfego na auto-estrada, perseguindo os que ultrapassavam a velocidade máxima permitida, vigiando os motoristas que pareciam por demais fatigados ou distraídos, prendendo as pessoas que pediam carona ou auxiliando os motoristas em toda e qualquer dificuldade. Um carro sem gasolina, com o dono tendo-se afastado por um momento... era apenas isso, nada mais. O homem podia estar no banheiro, talvez tivesse parado no escritório do posto para comprar cigarros ou dar um telefonema. Não havia lei alguma que o proibisse de fazer tais coisas. Mas O'Leary queria descobri-lo logo e fazê-lo tirar o carro do acostamento. A segurança na auto-estrada dependia basicamente do fluxo tranquilo do tráfego. Qualquer carro enguiçado representava uma ameaça de perigo.

— Aceita um café, Dan?

— Não, obrigado, Millie. — O'Leary sabia que não teria muitas oportunidades de dar uma paradinha para tomar um café, naquela noite. Havia uma ameaça de chuva no ar frio e úmido, o que significava que o tráfego poderia engrossar, com as condições piores. E havia também o comboio. Todos os patrulheiros haviam sido alertados.

Nesse momento, houve uma interrupção que afastou os pensamentos de O'Leary do motorista desaparecido. Uma jovem de cabelos pretos surgiu ao lado de Millie e disse, um pouco ofegante:

— Dan já lhe contou sobre o encontro maravilhoso que vai ter esta noite, Millie?

— Ora, Sheila... — murmurou O'Leary, passando um dedo por dentro do colarinho, visivelmente embaraçado.

— Esta noite e todas as noites — acrescentou Sheila, com um suspiro de inveja, que O'Leary sabia ser tão sincero quanto as desculpas e arrependimento dos motoristas que ultrapassavam a velocidade máxima. — Sabe, Millie, Dan e eu saímos na última terça-feira. Antes de irmos para casa, Dan levou-me até a Leonard's Hill. E lá de cima podíamos ver quase toda a auto-estrada, os faróis parecendo fieiras de diamantes na escuri-

dão. E quer saber o que Dan me disse?

— Ora, Sheila! — repetiu O'Leary, desolado.

— Ele me disse que amava a auto-estrada. Não é muita sorte a dele? Noite após noite, está sempre junto a seu único e verdadeiro amor, uma faixa de asfalto de 150 quilômetros!

— É concreto e não asfalto — murmurou O'Leary, tristemente.

Ele sabia que era apenas uma questão simbólica, mas não gostava de imprecisões a respeito da auto-estrada, maiores ou menores. A verdade era que realmente amava aquela faixa de concreto de 150 quilômetros. E sentado no escuro com Sheila, naquela noite de terça-feira, pareceralhe perfeitamente natural traduzir seus pensamentos em palavras. Por que fora tão tolo assim? E por que Sheila fazia-o sentir-se tão impotente e vulnerável? A cabeça de Sheila mal chegava aos ombros dele. Poderia jogar os 46 quilos dela para o ar com a mesma facilidade com que o faria com uma criança. Mas isso não fazia a menor diferença. O'Leary sentia-se embaraçado e inepto na presença dela, compelido a dizer bobagens por algo intangível e misterioso que se irradiava da personalidade de Sheila. Não era apenas uma questão de beleza. Pelo menos isso ele sabia. Como um irlandês, era também um poeta. É claro que apreciava os olhos verdes e o corpo esguio e gracioso de Sheila, mas sua alma e coração reagiam a algo mais que apenas os atrativos físicos. Sheila parecia irradiar graça e força, era uma mistura complexa de aço e música. Por causa disso — e também porque não passo de um idiota, pensou O'Leary — deixara-se levar por um impulso súbito e lhe revelara seus sentimentos, ao contemplarem a auto-estrada do alto da Leonardo Hill.

Aos olhos de O'Leary, a auto-estrada era uma criação fascinante, uma artéria fabulosa, ligando três Estados poderosos, um complexo fantástico de estradas secundárias, trevos e vias expressas, que levavam quase um quarto de milhão de pessoas de casa para o escritório e vice-versa, em segurança, todos os dias do ano. Pense só nisso, insistira O'Leary, sem perceber que Sheila sorria ao contemplar as feições quase infantis dele. Aquela fora a quarta vez em que tinham saído juntos. Sheila não era uma garçonete por profissão, trabalhando apenas de noite e nos fins-de-semana, para ajudar a pagar seu último ano na universidade. O quarto encontro e provavelmente o último, pensou O'Leary. E tudo porque cometera a tolice de falar sobre os motoristas que abusavam da velocidade.

Como um corolário, lógico da afeição de O'Leary pela auto-estrada, havia sua aversão por aqueles que abusavam dos privilégios. E os piores eram os que tinham a mania de ultrapassar a velocidade máxima permiti-

da. O'Leary sempre pensava neles como homens pequenos e astuciosos, embora o último que apanhara fosse imenso e forte como um lutador profissional. Tais homens consideravam a auto-estrada como um desafio e os patrulheiros como seus inimigos naturais. Não possuíam inteligência bastante para compreender que toda a vigilância, os aparelhos de radar e carros da polícia sem identificação visavam única e exclusivamente à proteção deles próprios. Em vez disso, comportavam-se como crianças rebeldes e furtivas, só obedecendo às regras quando se julgavam vigiados. O'Leary conhecia de sobra o resultado de tal atitude, pois já comparecera a dezenas de locais de acidentes, ouvindo os gemidos dos agonizantes, vendo as formas grotescas que os corpos humanos podiam assumir, depois de um choque contra uma pilastra de concreto a 120 quilômetros horários.

O'Leary possuía convicções muito fortes nesses assuntos e procurara transmitir a Sheila tudo o que pensava e sentia. Mas ao terminar sua preleção, citando diversas estatísticas extremamente interessantes, descobrira-a tranquilamente adormecida, ainda com os vestígios de um sorriso nos lábios.

Millie tinha-se afastado para atender outro freguês. Uma mulher com duas crianças estava tentando atrair a atenção de Sheila. O'Leary ajustou o chapéu e disse em seguida, formalmente:

— Eu queria apenas que você compreendesse...

Mas Sheila não o deixou terminar, dizendo-lhe a sorrir:

— Eu compreendo, Dan. Mas não pude resistir a caçoar um pouco de você. Desculpe. — Ela afastou para o lado um açucareiro, seus dedos roçando na mão de O'Leary. — Acho que não me comportei como devia...

— Sábado que vem? — indagou O'Leary, sorrindo, de alívio e prazer. — À mesma hora?

— Eu adoraria...

O homem que abandonara o Buick, 20 minutos antes, estava parado nas sombras do estacionamento, observando O'Leary e a garçonete de cabelos pretos. Era como um filme, pensou ele, com prazer, a grande vitrine sendo a tela, as pessoas se movimentando por trás com toda nitidez, iluminadas pelas luzes claras do restaurante. Um filme silencioso, é claro. Ele não podia ouvir o que estavam dizendo, mas podia ver as expressões mudando, os sorrisos a entreabrirem os lábios.

Era evidente que os dois não estavam conversando profissionalmente, concluiu o homem, tomando um gole de café quente e com muito

açúcar. O patrulheiro se mostrara extremamente profissional, até a garota esguia e de cabelos pretos aparecer. Falara com o atendente das bombas de gasolina, depois entrara no restaurante e interrogara a hostess e a loura de aparência estúpida no balcão. Sempre muito sério e eficiente. Observando atentamente, o homem pudera ver tudo isso. Mas agora a atitude do patrulheiro mudara por completo. Ele e a moça de cabelos pretos estavam sorrindo um para o outro, procurando mostrar-se impessoais, disfarçar o que sentiam. Mas era mais do que evidente, nauseantemente óbvio, para o homem que estava tomando um café muito doce na escuridão do estacionamento. O nome dele era Harry Bogan. Apesar de sua irritação pelos sorrisos sugestivos dos dois, não podia deixar de sentir-se agradecido por não estarem conversando profissionalmente. Afinal, fora com aquela moça que Bogan comprara o café e o cachorro-quente. E era óbvio que o patrulheiro não fizera nenhuma pergunta a ela.

Sem o sobretudo, Bogan estava sentindo frio. Mas permaneceu imóvel nas sombras, até o patrulheiro afastar-se do balcão, depois de oferecer um último sorriso para a moça e saudá-la formalmente. Bogan atravessou então o estacionamento e esgueirou-se silenciosamente até o espaço entre dois carros. Comeu o cachorro-quente rapidamente, em mordidas grandes e ávidas, saboreando o gosto amargo da mostarda na língua. Largou o papel no chão. Terminou o café, inclinando o copo de papelão para permitir que um resto de açúcar liquefeito lhe escorresse para a boca. Largou o copo no chão e deixou escapar um suspiro profundo e satisfeito. Açúcar ou mel faziam-no geralmente sentir-se feliz e em paz consigo mesmo.

Ficou observando as portas do restaurante, enquanto punha nas mãos musculosas luvas de couro preto. Os olhos brilhavam de excitamento. Estremeceu de prazer, ao descobrir um grão de açúcar no lábio. Esticou a língua destramente, puxando o grão de açúcar para dentro da boca.

Bogan não teve que esperar muito tempo. Alguns segundos depois, um homem idoso e gordo encaminhou-se apressadamente para a fileira de carros estacionados, tateando os bolsos à procura das chaves. Bogan mudou de posição, recuando para as sombras mais densas, até que apenas os óculos de lentes grossas luziam na escuridão, firmes e vigilantes como os olhos de um gato à espreita.

O'Leary retornou a seu carro e comunicou-se com a sede da patrulha. O Sargento Tonelli disse-lhe:

— O Capitão Royce quer falar com você, O'Leary. Espere um pouco.

A voz do capitão era fria e metálica, quase tão impressionante quanto um tiro de revólver.

— O'Leary, descobriu alguma coisa sobre o homem que abandonou aquele Buick?

— Não, Senhor. Verifiquei com o atendente do posto e com as garçonetes do restaurante. Ninguém o viu. Tudo o que sei a seu respeito é que provavelmente não está usando chapéu nem sobretudo.

— Volte imediatamente para junto do Buick. E não deixe ninguém chegar perto. O Tenente Trask e os homens do laboratório já estão a caminho. Aquele Buick foi usado num duplo homicídio em Nova York, há menos de uma hora. Vá logo, O'Leary!

O Tenente Andy Trask era baixo e musculoso, com ombros largos que ameaçavam a todo instante romper o sobretudo preto. Aos 45 anos, o tenente era um verdadeiro estudo de tons neutros, com o rosto largo e bronzeado, os olhos castanhos e cabelos pretos que só no ano anterior tinham começado a pratear nas têmporas. Enquanto os homens do laboratório punham-se a trabalhar no carro, revistando a mala e o porta-luvas, recolhendo impressões digitais e fotografando tudo, Trask relatou a O'Leary as informações que haviam recebido de Nova York, num alarma geral para três Estados.

— Não temos nenhuma descrição do assassino. Sabemos apenas que é um homem grande e estava usando um sobretudo de tweed claro e chapéu cinza. Por volta das seis e meia da noite, ele entrou numa pequena loja de móveis na Terceira Avenida, em Manhattan, atirando e matando os proprietários, um casal jovem chamado Swanson. Não foi um assalto. 0 homem simplesmente atirou e depois fugiu. O Buick pertence a um farmacêutico, que o deixara estacionado a meio quarteirão da loja de móveis, com as chaves na ignição. O assassino foi visto por uma velha de um apartamento do outro lado da rua, ao sair correndo da loja de móveis. Mas ela é inválida e não tem telefone. Levou meia hora para conseguir atrair a atenção da senhoria. Esta, como todas as demais pessoas que moram no local, estava lá embaixo na rua, conversando sobre os crimes. Assim, só meia hora depois é que a inválida pôde contar sua história. Descreveu as roupas que o assassino estava usando e informou a placa do Buick. Mas, a esta altura, o assassino já passara pelo Túnel Lincoln e havia entrado em nossa estrada. — Trask virou-se, sacudindo o polegar na direção do Buick. — E agora ele largou o carro aqui e deve estar procurando por outro. Temos de encontrá-lo, antes que mate mais alguém.

— Não temos uma descrição — disse O'Leary, lentamente. — E o assassino já se livrou do sobretudo de tweed e do chapéu cinza. Não temos nada em que basear as investigações. E a esta altura, ele já pode perfeitamente estar em outro carro, correndo para longe daqui. — O'Leary olhou para a estrada, observando por um instante o fluxo interminável de veículos. — E pode ser qualquer carro, Tenente. Com um revólver na mão, o homem pode obrigar a que o levem numa caminhonete cheia de universitários. Ou pode ameaçar uma família inteira, fazendo-se passar por um inocente Tio Fred. Ou pode estar num caminhão ou num trailer, apontando o revólver para a cabeça de uma mulher, enquanto o marido guia o carro, levando-o para longe. E como caçar fantasmas de olhos vendados.

O rádio do carro preto de Trask, sem qualquer identificação, começou a chamar. Trask sentou-se no banco da frente e pegou o fone. Ouviu atentamente por alguns segundos, franzindo o rosto, antes de dizer:

— Entendido. Estamos indo para lá. — Repôs o fone no gancho e virou-se para O'Leary. — Acertou em cheio, Dan. O assassino já arrumou outro carro. Há um homem morto no Howard Johnson, no espaço vazio antes ocupado pelo carro dele. Vamos indo.

O cadáver fora encontrado por um jovem casal, voltando para o carro depois do jantar. A mulher quase tropeçara nas pernas do homem, o marido acendera o isqueiro para ver o que estava errado. Ao ver o cadáver, ela se pusera a gritar freneticamente, enquanto o marido corria até o restaurante, gritando por socorro.

O Sargento Tonelli recebeu o comunicado sobre o homicídio do gerente do Howard Johnson e imediatamente transmitiu a notícia ao Tenente Trask. Despachou Trask e O'Leary para o restaurante e depois passou a informação para o centro de comunicações do quartel-general da Polícia Estadual, em Darmouth. Era o centro nervoso de uma vasta rede de comunicações, abrangendo todos os carros, delegacias e subdelegacias da organização policial estadual. Além disso, estava ligado aos centros de comunicações de seis outros Estados próximos. Em caso de emergência, Darmouth podia alertar e acionar todos os recursos policiais do Maine à Carolina do Sul, movimentando a inteira Costa Norte do Atlântico.

O Tenente Biersby estava de plantão no Centro de Comunicações em Darmouth quando chegou a mensagem do Sargento Tonelli. Baixo, gorducho e metódico, Biersby não demonstrou a menor pressa ao se encaminhar até a sala onde uma dúzia de funcionários civis estava trabalhando em teletipos e transmissores de rádio, sob a supervisão de patru-

lheiros estaduais.

O talento especial do Tenente Biersby era a capacidade de julgamento. Cada mensagem que chegava a sua mesa tinha que receber uma prioridade. A responsabilidade dele era a de determinar a ordem cronológica de precedência a ser dada aos milhares de comunicados e alertas que o centro recebia a cada turno de oito horas. Era essencial que houvesse um fluxo suave, baseado na importância relativa. Erros de julgamento poderiam emperrar o sistema e sobrecarregar os departamentos policiais, já com excesso de trabalho, com detalhes e relatórios corriqueiros.

Enquanto se encaminhava para um operador de teletipo, o Tenente Biersby ia considerando os fatos. Um assassino estava à solta na auto-estrada, um homem insuficientemente identificado, que assassinara duas pessoas na cidade de Nova York e mais outra no estacionamento de um restaurante da cadeia Howard Johnson. Podia-se deduzir que matara o terceiro homem para conseguir outro carro. Mas havia uma outra possibilidade que o tenente não esqueceu: o assassino poderia ter deixado a auto-estrada a pé. Seria difícil, é verdade, já que a auto-estrada era protegida por uma cerca de três metros de altura, destinada em parte a impedir o acesso dos caronas. Mas um homem forte e ágil poderia transpor a cerca.

Nos seis metros entre a sua mesa e o teletipo, Biersby tomou uma decisão: iria alertar todos os organismos policiais num raio de 80 quilômetros do local em que o Buick fora abandonado. Se o assassino deixara a auto-estrada a pé, ainda estaria dentro desse círculo. Todos os caronas, vagabundos e pessoas suspeitas seriam detidos para averiguações. Era uma rotina e uma precaução provavelmente inútil, pensou Biersby. É que o seu julgamento, baseado em experiência, instinto e impressões que nunca conseguira analisar muito bem, dizia-lhe que o assassino ainda estava na auto-estrada. Afastando-se velozmente em segurança através da noite, um homem anônimo num carro anônimo, perdido no fluxo intenso do tráfego...

Biersby disse ao operador do teletipo:

— Este é um Comunicado Especial. Pode começar a transmitir...

O homem morto tinha sessenta e poucos anos, era pequeno, cabelos brancos, aparentemente respeitável. As roupas eram de boa qualidade e um emblema maçônico brilhava na lapela do paletó. Fora estrangulado e o rosto tinha um aspecto horrível. Estava caído em posição fetal, num espaço vazio do estacionamento, parecendo um dente arrancado numa

fileira de carros na noite escura. Perto da mão estendida havia um copo de café de papelão e um dos papéis com que se servia sanduíche para comer no carro. Não tinha qualquer identificação nas roupas. Os bolsos haviam sido arrancados.

Uma ambulância chegou e dois internos começaram a examinar o corpo, à luz da lanterna do Tenente Trask. Três carros de patrulha, azuis e brancos, bloqueavam a área imediatamente ao redor, as luzes vermelhas na capota girando na escuridão. Patrulheiros estavam postados nas proximidades do estacionamento, mantendo o fluxo do tráfego. Uma multidão reunira-se diante do restaurante, observando a atividade policial.

Dan O'Leary estava parado atrás do Tenente Trask, franzindo o rosto ligeiramente para o espaço vazio no estacionamento. Quando Trask se virou, O'Leary tocou-lhe o braço e disse:

— Tenho uma idéia. O assassino levou o carro que estava estacionado aqui. Isso é óbvio. Podemos descobrir que tipo de carro era, através das pessoas que estacionaram ao lado. Provavelmente chegaram depois, já que os carros ainda estão aqui. Talvez possam...

— Tem toda razão — interrompeu-o Trask, bruscamente. — Vá procurar essas pessoas e traga-as até aqui imediatamente.

O'Leary anotou as placas dos dois carros nos lados do espaço vazio e depois seguiu rapidamente para o restaurante.

O carro da esquerda era um sedã Plymouth, de um rapaz magro e de óculos, que gaguejava de nervoso. O carro da direita pertencia a uma mulher de meia-idade, de aparência tranquila, do tipo que parece adquirir ainda mais serenidade e controle nos momentos de tensão.

O Tenente Trask, sabendo que as memórias deles podiam ser consideravelmente prejudicadas pela pressa ou excesso de pressão, desperdiçou alguns segundos preciosos para acender um cigarro. Só depois é que falou, pausadamente:

— Estamos querendo descobrir a descrição do carro que foi roubado daqui há cerca de 15 minutos. O carro já estava aqui quando vocês chegaram. Estacionaram ao lado dele. Lembram-se de algum detalhe do carro? Pensem bem devagar. Não há pressa.

— Eu... eu estava com pressa — disse o rapaz, a voz estridente. — Precisava chegar a Cantonville às oito e meia. Saí correndo para tomar um café. E não estava pensando em mais nada.

— O carro era grande — informou a mulher, sacudindo a cabeça lentamente, com um ar de segurança. — A traseira ficava além da fileira. Tive que manobrar duas vezes para entrar na vaga ao lado.

Os dois foram-se recordando lentamente, hesitando muito. O rapaz recuperou-se do nervosismo inicial e mencionou detalhes do pára-choque. A mulher recordou coisas dos pára-lamas e dos faróis. Ambos concordaram que era uma caminhonete. Finalmente, depois de hesitações que pareciam intermináveis, os dois chegaram a uma conclusão sobre a cor: era branca ou amarela clara. Trask olhou para O'Leary.

— E então?

— Se eles estão certos, é uma caminhonete Edsel — disse O'Leary. — Não pode ser outra coisa.

— A que distância fica o próximo trevo?

— A 45 quilômetros daqui. E ele saiu há menos de 20 minutos. Não deve ter chegado lá. E não será difícil localizar uma caminhonete Edsel branca. Seria muito diferente se fosse um Ford, um Chevy ou um Plymouth.

— Pois então vá avisar o controle. — Mas Trask nem precisava falar, porque O'Leary já estava correndo para seu carro.

Na sede da patrulha, o Capitão Royce estava de pé atrás do Sargento Tonelli, verificando os comunicados que chegavam dos trevos e das patrulhas. O ritmo de trabalho aumentara consideravelmente na última meia hora. Todos os patrulheiros de folga estavam sendo convocados e esquadrões especializados em distúrbios tinham sido despachados para as Subestações Central e Sul. Royce tinha cinquenta e poucos anos, era alto e magro, com uma aparência de dureza nas feições firmes. De um modo geral, quase não havia qualquer indicação de tensão ou impaciência no comportamento dele. Agora, porém, enquanto enchia o cachimbo e acendia o fósforo, estava com o rosto franzido, com uma expressão ansiosa nos olhos castanhos.

O comunicado do patrulheiro O'Leary chegara meia hora antes. Cerca de 30 segundos depois, a auto-estrada fora transformada numa armadilha de 150 quilômetros, com todas as patrulhas alertadas, os trevos alertas ao aparecimento de uma caminhonete Edsel branca. Mas até agora ainda não se descobrira qualquer vestígio do assassino. Os patrulheiros tinham detido três Edsels, mas os passageiros de todas eram acima de qualquer suspeita. A primeira estava cheia de moças, a segunda levava um texano com a esposa e quatro filhos, enquanto a última transportava quatro freiras, que avançavam a uma velocidade impregnada de dignidade, com um motorista negro ao volante.

Royce olhou para o relógio grande na parede, por cima da mesa de controle. Eram oito e dez. O comboio do Presidente entraria na auto-es-

trada às nove horas e quarenta minutos. Dentro de apenas 90 minutos...

O Sargento Tonelli fitou-o e disse:

— O patrulheiro O'Leary pede permissão para falar-lhe, Senhor.

— Onde ele está?

— No Trevo Doze.

Ficava a 45 quilômetros do restaurante Howard Johnson em que o cadáver fora encontrado. O assassino já poderia agora estar muitos quilômetros além. Saíra do restaurante há cerca de 45 minutos.

— Vou atender em minha sala — disse Royce, afastando-se em passos largos.

Ao tirar o fone do gancho, percebeu que começara a chover. A auto-estrada faiscava lá embaixo e podia ver a água escorrendo pelo concreto, o clarão distorcido dos faróis.

— Capitão Royce falando. O que é, O'Leary?

— Apenas um palpite, Senhor. O assassino já teve tempo de alcançar as Saídas Doze ou Onze... se está mesmo pensando em deixar a auto -estrada.

— O que está querendo dizer com esse se? O que mais ele pode estar querendo?

— O assassino cometeu um erro ao pegar uma caminhonete Edsel branca. Talvez tenha percebido esse erro. Além disso, pegou o carro no meio de uma fila, o que nos proporcionou uma pista. Talvez ele tenha compreendido isso também. Meu palpite é de que não tentará sair da auto-estrada na Edsel. Creio que vai tentar trocar de carro, antes de procurar escapar.

— Espere um instante, O'Leary.

Royce contemplou o mapa da auto-estrada, que cobria uma das paredes de sua sala. Os trevos estavam assinalados e numerados em vermelho, os restaurantes da cadeia Howard Johnson em verde. O Capitão Royce percebeu imediatamente o que O'Leary estava querendo dizer. Antes da Saída 12, havia outro posto e restaurante Howard Johnson. Era o Nº 2, a apenas 20 quilômetros do anterior, em que fora encontrado o cadáver, que era o Nº 1. O assassino poderia ter ido simplesmente do Nº 1 para o Nº 2, conseguindo chegar sem qualquer dificuldade, com a dianteira de 15 minutos de que dispunha. E lá poderia arrumar outro carro...

— O'Leary, siga imediatamente para o Nº 2. A toda velocidade. Tonelli irá despachar outros carros para lá.

Harry Bogan fizera exatamente o que O'Leary imaginara: seguira com a caminhonete Edsel branca somente até o Howard Johnson Nº 2,

abandonando-a no estacionamento. Estava agora parado nas sombras, observando a atividade nas bombas de gasolina. Era um homem corpulento, a luz se refletindo nos óculos de lentes grossas, o vento chuvoso agitando os cabelos grisalhos curtos. Sorria debilmente, os lábios ligeiramente contraídos, os olhos grandes e meigos brilhando de excitação. A polícia devia estar agora vasculhando as saídas da auto-estrada. Os carros de patrulha estavam certamente à espreita, como gatos famintos diante de um buraco de rato, prontos para darem o bote.

Bogan sabia que cometera um erro ao pegar a caminhonete Edsel branca, mas é que não tivera muito tempo para ser exigente. O importante, naquele momento, era escapar da área em que deixara o Buick. Mas agora já podia escolher. Tinha algumas especificações e estava disposto a esperar até que pudesse satisfazê-las. O tempo já não era problema e nisso estava sua segurança. A polícia pensaria que ele estava desesperado, prestes a desmoronar ao primeiro sinal de perigo. Mas não era esse o caso. Um sentimento de poder e controle deixou-o inebriado.

Ouviu o gemido de uma sirene a sua direita, o som subindo e descendo, como o uivo de um animal. Na auto-estrada, apareceu o facho vermelho de um carro de patrulha girando na escuridão. Outras sirenes se aproximavam, da esquerda. O primeiro carro de patrulha fez a volta sobre a faixa gramada que dividia as duas pistas da auto-estrada e entrou no posto. Um atendente saiu do escritório do posto e parou a poucos passos de Bogan, observando o carro da patrulha passar pelas bombas e ir parar no estacionamento diante do restaurante iluminado. Bogan estava achando graça.

— Parece que eles estão com pressa, hem?

O atendente olhou na direção da voz de Bogan, mas viu apenas os contornos indefinidos de um homem corpulento, imerso nas sombras.

— É mesmo...

Bogan reconheceu o patrulheiro. Era o mesmo que andara sorrindo para a garçonete morena com quem ele comprara o café e o cachorro-quente. Observando-o caminhar por entre as fileiras de carros estacionados, Bogan experimentou um estranho prazer. O atendente comentou:

— Aquele cara está mais seguro dirigindo um carro a 150 quilômetros do que a maioria das pessoas a 75. É Dan O'Leary, que sabe como ninguém manejar aquela banheira.

O atendente voltou para junto das bombas e Bogan continuou a examinar pacientemente os carros que se aproximavam para encher o tanque. Não demorou a descobrir o que procurava, um seda Ford comum,

dirigido por um rapaz de óculos. Deve ser um universitário, calculou Bogan, reparando na gravata-borboleta e nos cabelos louros bem curtos. Era o ideal. O carro era igual a mil outros que rodavam pela auto-estrada e o rapaz parecia inteligente. O que era muito importante. Havia muitas coisas a explicar e seria cansativo ter de fazê-lo para um imbecil.

Àquela altura, mais dois carros da polícia já tinham chegado. Os patrulheiros tinham ido se juntar ao primeiro, o que se chamava O'Leary. E O'Leary estava parado ao lado da caminhonete Edsel branca, examinando-a à luz de sua lanterna. Bogan riu baixinho. Eles pensavam que eram inteligentes, mas não passavam de tolos, ostentando os uniformes e revólveres. Nada descobririam da caminhonete branca. Ninguém o vira estacioná-la e saltar. Poderiam rasgá-la em pedacinhos e mesmo assim nada iriam descobrir. Não tinham como identificá-lo, não poderiam saber qual o carro em que ele iria afastar-se agora.

O rapaz estava agora pagando a gasolina. Bogan saiu das sombras, avançando cautelosamente. Sabia que precisava calcular tudo à perfeição. O atendente deu o troco ao rapaz e afastou-se para o carro seguinte. O rapaz levantou o vidro da janela e ligou o motor.

Bogan só abriu a porta no momento em que o carro começou a andar. Sentou no banco da frente e mostrou o revólver ao rapaz, dizendo calmamente:

— Vamos embora. Temos uma pequena e agradável viagem pela frente.

II

— Eu não tencionava realmente matá-los — disse Bogan, alguns minutos depois, enquanto corriam tranquilamente pela auto-estrada.

O rapaz chamava-se Alan Perkins, e Bogan instruíra-o a seguir pela faixa da direita, de velocidade menor, a 70 quilômetros horários. Estava bastante escuro e ventando lá fora, a chuva dançando à luz dos faróis. Mas dentro do carro estava quente e agradável. Bogan sentia-se feliz e em paz consigo mesmo, examinando o reflexo de seus dentes e óculos no pára-brisa. O rapaz, Perkins, seria uma companhia das mais agradáveis. Tinha um rosto limpo e imaturo, estava imaculadamente vestido, com um casaco de tweed por cima do suéter. Muito polido e obediente, pensou Bogan, com sua gravata borboleta e óculos, as mãos finas e brancas agarrando firmemente o volante. Dirigia com cuidado, ligeiramente inclinado para frente, jamais olhando para o revólver, iluminado pela luz do painel.

— Se não tencionava matá-los, talvez o melhor agora seja entregar -se à polícia — comentou o rapaz, com todo cuidado.

Bogan sorriu, admirando satisfeito o reflexo no pára-brisa dos dentes grandes e brancos.

— Não, isso não seria o melhor. A polícia não precisa saber de nada. — Bogan tocou na testa com as pontas dos dedos. Não era isso o que estava desejando dizer. Queria falar sobre outra coisa, sobre o calor insuportável do verão, de observá-los noite após noite de seu quarto escuro e úmido. Era isso mesmo. Tinha que deixar tudo bem claro. — Eles não estavam casados há muito tempo. — Ficou satisfeito com o tom de sua voz, baixo, sereno, imparcial. — Evidentemente, eram uns egoístas. Mas sei que se trata de algo que os jovens geralmente não conseguem evitar. Mas é um erro deles excluírem todos os demais de seu mundo.

Bogan fez uma pausa, consciente de que sua respiração estava por demais acelerada. Era realmente muito simples, óbvio até demais. Mas toda vez que tentava aprisionar seus pensamentos com palavras, eles se dispersavam como ratos assustados.

O jovem casal possuía uma pequena loja de móveis na Terceira Avenida, quase esquina com a Rua 48. Bogan ficava observando-os de seu quarto, do outro lado da rua. A moça era esguia e loura, o rapaz alto e ruivo. Viviam rindo, mas levavam o negócio a sério. Vendiam mesas, cadeiras e escrivaninhas desmontadas e sem pintura, que podiam ser unidas com colas ou alguns pregos. Muitas vezes trabalhavam de noite, e o rapaz sempre levava sanduíches e cerveja. Comiam e bebiam sentados no balcão, a moça geralmente de shorts, as pernas nuas douradas à luz suave do fim de tarde. O rapaz ficava sorrindo para ela.

Bogan sentiu a respiração ficar presa na garganta. A recordação do casal que matara fazia-o pensar no patrulheiro e na moça de cabelos pretos do restaurante Howard Johnson. Foi invadido por uma dor intensa. Eram do mesmo tipo, egoístas e vorazes, expulsando o resto do mundo do calor de seu amor. Desenhavam em torno de si um círculo mágico que ninguém podia transpor.

— Você tem namorada? — perguntou ele abruptamente, olhando para o perfil jovem de Perkins.

— Não. — Perkins hesitou por um momento, procurando pensar em algo que pudesse aliviar a tensão que sentia se acumular no homem a seu lado. — Acho que, no momento, as namoradas seriam pura perda de tempo para mim. Mais tarde terei tempo de pensar nessas coisas.

Bogan assentiu, aprovadoramente. Se todos esperassem um pou-

co, ao invés de correrem precipitadamente para se refugiarem no círculo mágico... Era o que o deixava furioso no casal da loja de móveis. Bogan entrara duas vezes na loja para compras sem maior importância e haviam-no feito sentir-se um intruso, algo obsceno e repulsivo a profanar o isolamento e a felicidade deles. Eram polidos o bastante, superficialmente, presenteando-o com um sorriso ou um comentário sobre o tempo. Mas não lhe davam qualquer afeto. Isso era importante demais para desperdiçarem com outra pessoa que não eles mesmos. Bogan não podia recordar-se de quando decidira matá-los. Provavelmente, o pensamento sempre existira desde o início.

O planejamento fora algo terrível e estranhamente confuso. Comprara o revólver numa loja de penhores, cujo dono era metido a engraçado. E depois a busca cansativa por um carro, que fora o problema mais difícil. Mas acabara encontrando o que procurava, o Buick utilizado pela farmácia da esquina para entregas. O rapaz que guiava o Buick obviamente trabalhava num horário bem apertado, pois não tirava as chaves da ignição quando ia buscar novos embrulhos para entregar. Quando o carro estava estacionado junto ao meio-fio, as chaves encontravam-se sempre na ignição. Bogan verificara-o ao longo de uma semana inteira de observação paciente. Assim, o momento do ato decisivo seria determinado pelo horário de entregas da farmácia. Por alguma razão obscura, Bogan sentiu-se satisfeito por isso. Acrescentava um elemento de imprevisto a seus planos.

Bogan tateou os bolsos à procura de um chocolate, mas se lembrou de que deixara seu pequeno estoque de doces no sobretudo. Sentiu os olhos arderem de lágrimas. Precisava de algo doce, mas estava tão apressado e excitado que esquecera de tirar as barras de chocolate do sobretudo. Isso não era justo!

Bogan empertigou-se subitamente. Estava pensando na garçonete de cabelos pretos do restaurante, a que lhe servira o café e o cachorro-quente. Por que fora tão tolo? A necessidade de algo quente e doce fora muito grande, mas deveria ter resisitido. A moça iria descrevê-lo para a polícia... e o faria com o maior prazer. Bogan sentiu-se mal-humorado e infeliz. A moça adoraria denunciá-lo, metê-lo em dificuldades. Bogan não tinha a menor dúvida quanto a isso. Estava escrito no rosto e olhos da moça, onde não havia o menor vestígio de afeto, apenas uma polidez indiferente.

— Não fique nervoso — disse para si mesmo, os lábios formulando as palavras silenciosamente.

O patrulheiro não interrogara a moça a respeito dele. Ainda havia tempo. Bogan virou-se para Perkins:

— Vamos dar a volta.

— Mas isso não é legal! Seremos detidos!

— Vamos esperar até que não haja nenhum carro da polícia à vista. E os outros certamente irão pensar que se trata de um carro da polícia sem marcas.

Bogan encostou o cano do revólver no lado do corpo de Perkins.

— Você é um rapaz simpático. Não quero machucá-lo. Passe para a faixa da esquerda e fique atento a uma dessas aberturas no gramado que os carros da polícia costumam usar.

Bogan sentiu-se invadido por um excitamento agradável. Estava quase que contente pela maneira como as coisas estavam correndo. Seria maravilhoso ter aquela moça arrogante em suas mãos. E tinha a isca necessária para atraí-la, o nome que ouvira do atendente do posto de gasolina: Dan O'Leary.

O Tenente Trask e O'Leary nada descobriram na caminhonete Edsel branca. Percorrera os 20 quilômetros do Howard Johnson Nº 1 ao Nº 2 e depois fora abandonada, o motorista desaparecendo como um fantasma. O Tenente Trask interrogara as garçonetes do restaurante, enquanto O'Leary e uma equipe de patrulheiros revistavam o terreno ao redor e os caminhões, enfileirados como animais gigantescos na área de estacionamento que lhes era reservada. Acordaram os motoristas e revistaram tudo, à procura de um sinal de arrombamento.

Depois, O'Leary foi interrogar os atendentes do posto. Nenhum deles se lembrava de coisa alguma que pudesse ajudar. A única informação um pouco diferente parecia não ter a menor importância. Um dos atendentes contou que um homem, parado à sombra do escritório, fizera um comentário sobre a velocidade com que O'Leary entrara no posto, cerca de 10 a 15 minutos antes. O atendente afirmou que dissera ao homem que o patrulheiro O'Leary conhecia seu ofício... ou algo parecido. Não se recordava exatamente o que dissera, mas O'Leary concluiu que isso não fazia a menor diferença.

Foi encontrar-se com Trask, que voltara para junto da caminhonete Edsel. Trask se comunicara com o Capitão Royce. Já haviam identificado o proprietário da Edsel, o homem idoso assassinado no Howard Johnson Nº 1.

— Ele morava em Watertown — informou Trask, arremessando o

cigarro para a escuridão. — Chamava-se Adam Nelson e era viúvo, executivo aposentado de uma fábrica de tintas local. Identificaram-no através da etiqueta de lavanderia da camisa.

A etiqueta, um triângulo com os algarismos 356 por baixo, fora descrita pelo rádio para o quartel-general da polícia estadual. Haviam verificado na relação das marcas de todas as lavanderias do Estado. O sargento encarregado da investigação descobrira finalmente a lavanderia que usava um triângulo como marca registrada. Um telefonema para o gerente levara à identificação do freguês dos algarismos 356.

— Ele ia passar alguns dias com uma filha casada, que mora em Camden — acrescentou Trask. — Seja como for, essas informações não nos ajudam em nada.

O'Leary estava de rosto franzido. Procurava formar uma imagem acurada do assassino e suas impressões deixavam-no um tanto perturbado, por alguma razão estranha e inexplicável. A imagem tinha algum defeito, uma contradição qualquer. O'Leary tinha a impressão de que algum fato da maior importância lhe estava passando despercebido.

Mas que diabo seria? O'Leary procurou analisar as conclusões a que chegara pelo comportamento do homem. O assassino era audacioso e determinado. Matara brutal e eficientemente, sem demonstrar o menor indício de pânico. Cometera um erro ao pegar um carro que chamava muita atenção, mas tratara de corrigi-lo o mais depressa possível. O que significava que era capaz de pensar com lucidez mesmo sob pressão. E não repetira o mesmo erro. Abandonara a caminhonete Edsel sem ser visto e era de se supor que, àquela altura, se estivesse afastando num carro qualquer igual a centenas de outros. Parecia também que o assassino estava agindo de acordo com um plano. O tempo não era importante para ele, caso contrário teria corrido o risco de tentar escapar por uma das saídas na caminhonete Edsel. Afinal de contas, não podia ter certeza se a polícia conseguira ou não identificar o carro desaparecido. Mas o assassino preferira não correr o risco. Parecia não estar com pressa. E devia ter imaginado que a polícia seria tão esperta quanto ele.

Era a imagem de um homem impiedoso e astuto, um homem que pensava com clareza e avaliava suas chances meticulosamente. E era nesse ponto que a imagem apresentava uma falha qualquer, uma incongruência, algo deslocado, que O'Leary não conseguia determinar. Mas tinha certeza de que o assassino cometera um erro, fizera uma asneira qualquer...

— Que diabo está havendo com você, O'Leary?

O patrulheiro pôs as mãos nos ouvidos. O tráfego na auto-estrada parecia um rio de barulho e luz. Tentou isolar-se de todo e qualquer ruído, procurou desesperadamente encontrar a verdade que estava oculta em algum lugar daquele labirinto de fatos e palpites, de deduções e intuições. E foi então que se lembrou, subitamente, como se uma luz forte se acendesse em sua mente. Sabia agora o que era.

Pegou no braço de Trask.

— O homem assassinado, Nelson; ele tinha acabado de jantar, não é mesmo? Havia saído do restaurante e ido até seu carro. Mas havia um copo de café de papelão ao lado do corpo. E um desses guardanapos de papel com que servem os cachorros-quentes. Está lembrando?

— Claro que estou. Continue. — O rosto de Trask continuava impassível, mas um pequeno brilho de compreensão surgiu nos olhos dele.

— Essas coisas foram deixadas pelo assassino. Ele comeu e bebeu ao lado do carro de Nelson. E depois deixou-as cair no chão.

— O que significa que, no final das contas, ele realmente entrou no restaurante. Mas você mesmo me disse que interrogou as garçonetes. E elas certamente se teriam lembrado de um homem sem chapéu e sem sobretudo numa noite como esta.

— Não interroguei todas elas. — O'Leary sentia-se agora desolado, dominado por um sentimento de culpa e uma apreensão angustiante. — Falei primeiro com a hostess. Ela teria visto qualquer pessoa que quisesse uma mesa. Fui em seguida até o balcão. Mas interroguei apenas uma das moças. Eu... eu esqueci de interrogar a outra...

— Esqueceu? — disse Trask, asperamente. — O que está querendo dizer com isso?

— É uma amiga minha, Sheila Leslie... — O'Leary fez uma pausa, respirando fundo antes de continuar. — Para dizer a verdade, Tenente, eu estava mais interessado nela do que no trabalho que estava fazendo. Mas também não estava procurando naquela ocasião um assassino, mas apenas o dono de um carro enguiçado. O que não é desculpa.

— Não é mesmo. Mas acontece que acaba de nos reconduzir à pista certa. Vamos conversar com a moça que vendeu o café ao assassino. E quando soubermos como ele é, vamos fechar esta estrada de tal maneira que lhe será impossível escapar. Vamos indo. Falarei com o Capitão Royce no caminho.

O'Leary correu para seu carro. O assassino só podia ter comprado o café de Sheila. Se não tivesse cometido esse erro, um ato compulsivo e perigoso, era bem possível que jamais conseguissem descobri-lo. Poderia

ter escapado pelas malhas do cerco policial como um sopro de fumaça. E foi então que O'Leary recordou-se de outra coisa, de algo que lhe provocou um calafrio no estômago. O assassino corrigira um erro, livrando-se da caminhonete Edsel. Tentaria também corrigir aquele outro erro... livrando-se da única testemunha que poderia identificá-lo?

O'Leary acendeu a luz vermelha na capota e pisou no acelerador até o fundo.

Harry Bogan estava sentado no banco de trás do sedã de Alan Perkins, estacionado perto da entrada do Howard Johnson Nº 1. Sorria satisfeito. Haviam passado de uma pista para outra duas vezes, sem atraírem a menor atenção, como se estivessem circulando lentamente por uma aldeia sonolenta numa tarde de domingo. O revólver estava apontado para a cabeça de Perkins.

— Vamos ter de esperar até que um carro pare ao nosso lado — disse Bogan. — Lembra-se do que deve dizer ao motorista?

— Lembro, sim.

— É um bom rapaz, Perkins. Não quero machucá-lo.

Estava perto o bastante do restaurante para que Bogan pudesse ver a moça de cabelos pretos trabalhando por trás do balcão. Era bem atraente no uniforme branco, a pele parecendo muito macia, os dentes brilhando de vez em quando em sorrisos breves. Bogan sabia que aqueles sorrisos nada significavam e sentiu o coração bater mais depressa de raiva. Eram apenas como um osso jogado a um cão faminto, nada mais além disso. O sorriso que revelava os verdadeiros sentimentos dela não seria desperdiçado com pessoas miseráveis e solitárias que se enfileiravam diante do balcão. Ela guardaria tal sorriso para o patrulheiro, convidando-o com os olhos e os lábios a entrar no círculo mágico e egoísta de seu amor.

Não tiveram que esperar muito tempo. Um homem pequeno, de meia-idade, num casaco de couro, parou o carro ao lado deles e saltou.

— Agora! — murmurou Bogan, encostando o cano do revólver no pescoço de Perkins.

Perkins baixou a janela do carro e chamou o homem do casaco de couro.

— Com licença, senhor, mas poderia fazer-me um favor?

O homem virou-se, esquadrinhando a escuridão. As sombras tornavam indistinto o rosto de Perkins e escondiam Bogan completamente. O homem deu um passo para a frente, esticando a cabeça ligeiramente e

dizendo, com forte sotaque sulista:

— Se me for possível, não me incomodo...

— Preciso mandar um recado para uma das garçonetes — disse Perkins. — Pode vê-la daqui. É aquela de cabelos pretos, que está no balcão.

O homem olhou para o restaurante, meneando a cabeça lentamente.

— Estou vendo a moça. Qual é o recado?

— Basta dizer que o patrulheiro O'Leary deseja vê-la aqui fora por um segundo.

Bogan sorriu na escuridão. A descoberta do nome do patrulheiro fora um presente dos céus, um golpe de sorte incrível, um talismã a indicar que seu sucesso estava garantido. Sentia-se transbordando de confiança, pela combinação misteriosa de fatores trabalhando a seu favor.

— Patrulheiro O'Leary, hem? — repetiu o homem. — Está certo, vou dar o recado. — Ele soltou uma risada e acrescentou: — Um homem que leva recados para moças bonitas pode, às vezes, meter-se em encrencas. Mas acho que este caso é diferente.

Assim que o estranho se afastou, Perkins virou-se para Bogan:

— Desista, pelo amor de Deus! Não vai dar certo. A moça vai ficar assustada. Pode gritar ou fazer algo parecido. Não há necessidade disso... não precisa machucar ninguém. Irei levá-lo onde quiser. Pode viajar escondido na mala. Dou minha palavra de honra que nada direi a ninguém.

— Não preciso de sua ajuda para sair da auto-estrada — disse Bogan, rindo baixinho. — Limite-se a fazer exatamente o que eu mandar. Assim que a moça receber o recado, vá até a entrada do restaurante e pare. Mantenha o motor ligado. Não precisa preocupar-se com mais nada. — Bogan cutucou o rosto do rapaz com o cano do revólver, brutalmente. — Entendido?

— Entendido — balbuciou Perkins, num fio de voz.

Ficaram observando o homem de casaco de couro entrar no restaurante apinhado e seguir até o balcão. Ele tirou o chapéu e levantou a mão, para atrair a atenção da moça de cabelos pretos.

A moça sorriu-lhe e inclinou-se ligeiramente para a frente, a cabeça um pouco inclinada para o lado, enquanto o homem lhe falava. Ela olhou para fora. O homem gesticulou na direção do carro, obviamente indicando onde recebera o recado. A moça presenteou-o com outro sorriso e depois contornou o balcão, encaminhando-se para porta giratória do restaurante, uma das mãos a ajeitar os cabelos caídos na testa. Parou por

um instante para falar com a hostess, que estava ao lado do caixa. Está pedindo permissão para sair por um momento, pensou Bogan, sorrindo. Uma moça obediente e responsável. Ela estava andando novamente, aproximando-se da entrada.

— Vamos indo — disse Bogan para Perkins.

Perkins deu marcha à ré com o Ford, saindo da fileira de carros. Fez a volta e seguiu para a entrada de restaurante, que estava marcada como local em que era proibido parar. As portas giravam lentamente. A moça saiu para a calçada larga. Um toldo protegia-a da chuva, mas o vento frio sacudia a bainha da saia do uniforme branco.

Perkins parou o carro. Bogan inclinou-se e abriu a porta da frente. A moça aproximou-se, inclinando-se para olhar o interior escuro do carro.

— É você, Dan? — perguntou ela, a voz suave e despreocupada.

Bogan olhou rapidamente pela janela traseira. Uma família encaminhava-se apressadamente para o restaurante, pai, mãe e quatro filhos pequenos. Mas os pais estavam concentrados nas crianças e não prestaram a menor atenção ao carro estacionado e à moça de pé ao lado.

— Tenho um recado de Dan — disse Bogan.

— E qual é? — A moça pôs a cabeça dentro do carro, apoiando um joelho no banco da frente. A família de quatro filhos já tinha desaparecido. A moça perguntou novamente, agora com mais aspereza: — O que é?

Bogan agarrou-lhe o braço e puxou-a para o banco da frente, ao mesmo tempo em que ordenava a Perkins:

— Vamos embora!

Antes que a moça tivesse tempo de gritar, Bogan já lhe apontava o revólver para o rosto e o Ford arrancava bruscamente, a porta se fechando estrepitosamente.

Ela teria gritado, independente do revólver, se a voz de Perkins não a tivesse alcançado, através do terror que a dominava:

— Não grite, pelo amor de Deus! Faça o que ele está dizendo para não levar um tiro!

— Ele está certo — disse Bogan, satisfeito com a atitude do rapaz. — E agora vamos até a área de estacionamento dos caminhões.

Ele ainda segurava o braço da moça e podia sentir o corpo dela tremer.

— O que está querendo comigo? — indagou ela, a voz seca, cautelosa.

— Vai ter que esperar um pouco. Teremos tempo para conversar mais tarde.

O medo no rosto e olhos dela causou uma satisfação profunda a Bogan. Recordou-se como a moça da loja de móveis o fitara quando levantara o revólver, o rosto dominado pelo pânico, os olhos desvairados e frenéticos. Quando era menino, ele vira certa vez um cavalo aprisionado num estábulo em chamas. Os olhos da moça pareciam com os daquele cavalo, desvairados e impotentes. A visão do medo dela fora um excitamento quase insuportável.

A área reservada para os caminhões ficava 100 metros depois do posto, uma extensão de concreto sem qualquer iluminação,do tamanho de um campo de futebol, as vagas indicadas por linhas brancas pintadas no chão. Bogan determinou a Perkins que fosse até a outra extremidade da área. O carro em marcha lenta fundiu-se com a escuridão, apenas uma sombra contra os campos pantanosos que se estendiam mais além.

No silencio que se seguiu, depois que Perkins desligou o motor, Bogan podia ouvir a respiração entrecortada da moça. Isso deixou-o satisfeito. Ela não mais estava risonha e confiante, não mais se regozijava com os olhares de admiração a seu corpo esguio e atraente. Agora, ela iria prestar toda atenção a ele. Em voz calma e decidida, Bogan explicou o que desejava deles. E os dois obedeceram, cuidadosa e rapidamente, como crianças tentando apaziguar um adulto assustador e imprevisível. Não era ao revólver que estavam reagindo, mas sim à tensão que pressentiam por baixo daquela calma aparente. Sabiam, com um instinto primitivo, que Bogan estava torcendo para que desobedecessem, que adoraria o menor pretexto para perder o controle.

Saíram do carro, pelo lado da moça, e ficaram esperando, imóveis, até que Bogan também saísse. Depois, por ordem dele, a moça entrou atrás e deitou no chão, o rosto virado para baixo. Bogan já tirara a gravata e o cinto. Entregou-os a Perkins, que amarrou os pulsos da moça com a gravata e prendeu-lhe os tornozelos com o cinto, fechando-o com os dedos trêmulos. Assim que ele terminou, Bogan inspecionou o trabalho e em seguida fechou a porta.

— E agora, rapaz, sente-se no banco da frente.

Quando Perkins virou-se para obedecer, Bogan golpeou-o com o cano do revólver, acertando com toda força um pouco acima da orelha direita. Perkins dobrou-se para a frente, gemendo de dor. Bogan segurou -o antes que caísse ao chão e carregou-o até o campo contíguo à área de concreto para os caminhões. Jogou o corpo inerte numa vala cheia de lama e depois voltou para o carro, assoviando baixinho.

Sentia-se inteiramente seguro e por isso podia se dar ao luxo de

ser um pouco complacente. Perkins não iria recuperar os sentidos antes de transcorridas algumas horas... e se é que isso aconteceria. E a única outra testemunha que poderia identificá-lo estava agora toda amarrada e impotente no chão do carro. Agora, só lhe restava sair da auto-estrada. E sabia como resolver esse problema.

Deu a partida no carro e seguiu pelo caminho largo e curvo de acesso à auto-estrada. Ria satisfeito ao se integrar no fluxo de tráfego em direção ao sul. A chuva caía agora mais forte, saltando no concreto reluzente. O Ford rapidamente perdeu-se entre os carros incontáveis, sem mais identidade do que uma folha numa tempestade ou um pedaço de galho arrastado pela correnteza. Os faróis dos carros em sentido contrário batiam nas lentes grossas dos óculos e ressaltavam ainda mais o brilho da excitação no olhos dele.

— Está tudo bem aí atrás? — indagou ele, em voz alta e satisfeita. — Está confortável?

A moça estava com os pulsos amarrados nas costas, o rosto comprimido contra o chão do carro. Tremia de frio e de medo, mas conseguiu falar com alguma calma:

— Para onde está-me levando?

— Ainda não sei.

Era verdade. Bogan ainda não sabia. Mas tomaria uma decisão depois que saísse da auto-estrada. Iria descobrir um lugar escuro e retirado. Talvez um campo. Ou a margem de um córrego. Um lugar, em suma, onde ele pudesse descansar calmamente, onde pudessem conversar um pouco.

Olhou rapidamente para trás. A moça estava com os joelhos dobrados, os pés levantados no ar. Ele pôde ver as solas dos sapatos brancos e o brilho do cinto ao redor dos tornozelos. Estava tudo em ordem. E foi sorrindo que ele disse:

— Por ora, não precisa preocupar-se com coisa alguma...

No escritório do gerente do Howard Johnson Nº 1, Trask e O'Leary interrogavam o homem de casaco de couro que dera o recado a Sheila Leslie.

— Vamos começar tudo de novo — disse Trask, calmamente, depois de o homem ter contado a história pela terceira vez.

Haviam verificado a identidade dele e sabiam que não tinha ficha na polícia. Trabalhava numa firma de construções em Filadélfia. Tinha na carteira um cartão de crédito de gasolina, fotografias da esposa e dos

filhos. Parecia ser um cidadão respeitável.

— Vamos repassar tudo novamente — insistiu Trask. — Quero saber de todos os detalhes, tudo o que viu, ouviu e disse.

O homem estava sentado numa cadeira de encosto reto, a luz incidindo diretamente em seu rosto. Devia ter seus 50 anos, cabelos escasseando, as mãos calosas de operário. Vestia uma blue jeans e uma blusa de lã por baixo do casaco de couro. Piscou os olhos nervosamente ao falar:

— Já disse como foi. Primeiro o homem me chamou, muito delicado, perguntando se eu poderia fazer-lhe um favor. O carro era um desses tipos populares, mas não sei dizer exatamente qual. Não era novo. Tinha uma cor escura, como já falei. O homem me pediu que dissesse à moça desaparecida que o patrulheiro O'Leary estava querendo falar com ela.

O'Leary fechou os olhos e passou a mão pelo rosto. Sheila desaparecera. Estava nas mãos de um assassino, completamente indefesa. E a culpa era dele. Não cumprira seu dever. Em vez de interrogá-la, impessoalmente, limitara-se a corar e a sorrir como um tolo, permitindo que seus sentimentos interferissem com o trabalho.

— Entrei no restaurante e dei o recado à moça — disse o homem — Ela deu-me um sorriso muito simpático, agradeceu e saiu. Sentei para jantar. E ainda estava comendo quando vocês apareceram e começaram a me perguntar para quem dei o recado. — Uma das garçonetes se recordara que alguém falara com Sheila pouco antes de ela sair. Trask e O'Leary haviam-se dirigido aos fregueses, pedindo silêncio. Quando explicaram o que desejavam, o homem de casaco de couro se levantara, hesitante. — Acho que não fiz nada de errado — disse ele agora, apreensivo, olhando de Trask para O'Leary. — Estava apenas fazendo um favor a um homem.

— Tem certeza de que ele disse o meu nome? — indagou O'Leary, asperamente. — Tem certeza absoluta de que ele disse mesmo O'Leary?

— Claro que tenho.

— Vamos voltar ao começo — disse Trask. — O homem que lhe pediu para dar o recado era jovem?

— Tenho quase certeza de que sim.

— E estava sozinho no carro?

— Tive a impressão de que havia uma sombra mais escura no banco de trás, mas não deu para ver ninguém. — O homem hesitou por um momento, antes de acrescentar: — Mas o rapaz falou de uma maneira estranha... depressa demais, como se estivesse repetindo palavras que havia decorado.

O'Leary fez um tremendo esforço para pensar com clareza. Os sen-

timentos eram um turbilhão dentro dele, embotando-lhe a memória e a capacidade de julgamento. Enquanto Trask repassava mais uma vez a história do homem de casaco de couro, O'Leary ficou andando de um lado para outro da pequena sala. Conseguiu finalmente controlar-se, com um esforço intenso e consciente. Ocorreu-lhe novamente que o padrão de ação do assassino indicava que dispunha de bastante tempo. Por duas vezes poderia ter tentado sair da auto-estrada, a primeira na caminhonete Edsel e a outra no carro com que sequestrara Sheila. Mas não o fizera. Isso podia significar que tinha algum plano especial para sair da auto-estrada, que encontrara uma falha no cerco. Mas como explicar o fato de o assassino ter usado o nome O'Leary para atrair Sheila? O'Leary recordou-se então da informação que julgara irrelevante, fornecida pelo atendente do posto do Howard Johnson Nº 2. Alguém comentara a chegada dele ao posto e o atendente dissera que O'Leary estava mais seguro a 150 quilômetros horários do que a maioria das pessoas a 75. Ou algo parecido. Mas será que o atendente usara realmente o nome dele?

Trask concluiu o interrogatório do homem de casaco de couro, agradeceu e dispensou-o. Depois que o homem se retirou, O'Leary relatou a Trask sua conversa com o atendente do Howard Johnson Nº 2.

— Volte até lá imediatamente O'Leary. Temos que descobrir alguma pista e depressa.

— Ele está com a moça no carro — gritou O'Leary, desesperado. — Isso não é uma pista? Podemos revistar todos os carros que estiverem na auto-estrada.

Trask olhou para O'Leary, compadecido com a expressão no rosto do patrulheiro. Gesticulou impacientemente na direção da auto-estrada, que podiam avistar pelas janelas do escritório do gerente do Howard Johnson Nº 1.

— Há 25 ou 30 mil carros passando pela auto-estrada esta noite, O'Leary. Há médicos em chamados de emergência, mulheres grávidas a caminho do hospital, empresários que vão pegar um trem ou avião, pais seguindo apressadamente para a cabeceira de filhos doentes. Como podemos paralisar todo esse tráfego? E onde arrumaremos homens suficientes para revistarmos todos os carros? Em questão de minutos, haveria um congestionamento gigantesco na auto-estrada, um pára-choque encostado no outro. Bloquearíamos-o tráfego da maioria das estradas de três Estados. Talvez pudéssemos parar todos os carros de um determinado tipo, como fizemos com as Edsels. Ou deter todos os homens que correspondam a uma descrição específica. Mas não podemos paralisar

todo o tráfego da auto-estrada. E agora volte ao Howard Johnson Nº 2, Dan. Talvez aquele atendente nos possa dar a pista de que estamos precisando.

O'Leary percorreu os 20 quilômetros em apenas oito minutos, a luz vermelha na capota acesa, a sirene gemendo durante todo o tempo. O atendente com quem conversara anteriormente era um rapaz de cabelos vermelhos e pele rosada. Recordava-se perfeitamente do incidente.

— Eu estava saindo do escritório. Um homem estava parado ao lado e fez um comentário, dizendo que você parecia estar com pressa. E eu lhe disse que você sabia, melhor do que ninguém, como manipular um carro.

— Pense bem. Por acaso mencionou meu nome?

— Claro. E acho que já lhe contei isso. Não me lembro se falei que era o patrulheiro O'Leary ou Dan O'Leary, mas tenho certeza de que mencionei seu nome.

— E como era o homem?

— Ele estava meio escondido pelas sombras do escritório. E limitei -me a dar uma única olhada para trás, como a gente sempre faz com algo que não tem muita importância. Mas tenho a impressão de que era um sujeito grandalhão. E estava de óculos. Vi as lentes faiscarem, quando ele virou a cabeça.

Um homem grande e de óculos, pensou O'Leary, desesperado. Era uma descrição que podia ajustar-se a pelo menos metade dos homens que estavam passando pela auto-estrada naquela noite. Interrogou os outros atendentes, na esperança de que alguém tivesse visto o homem deixando as sombras ao lado do escritório. Mas nada conseguiu. Ninguém vira o homem nem se recordava de qualquer atividade fora do normal nas proximidades das bombas.

O'Leary voltou para seu carro e entrou em contato com o Sargento Tonelli, no controle. Informou o que soubera, sentindo o coração se contrair ao repetir a descrição insuficiente: um homem grande, de óculos. Era a mesma coisa que dizer que homem tinha dois braços e duas pernas.

— Mensagem recebida — disse Tonelli, em tom frio e impessoal. — Deve seguir agora para o sul, O'Leary. Apresente-se ao Sargento Brannon, no Trevo Cinco. Passará a receber suas ordens diretamente dele. Vai trabalhar no comboio presidencial.

O'Leary sentiu-se dominado pelo remorso e desespero. Era evidente que os planos para descobrir o assassino não o incluíam. Nem mesmo teria o consolo escasso de tentar salvar Sheila. Suas mãos se contraíram

no volante.

— Gostaria de dizer-lhe só mais uma coisa, Sargento. O assassino parece que não tem à menor pressa em sair da auto-estrada. Já tinha reparado nisso?

A pergunta de O'Leary era inteiramente fora dos regulamentos. Mas o Sargento Tonelli era um homem que compreendia muitas coisas que não estavam nos manuais da corporação.

— Já notamos, sim, Dan. Mas ainda não temos a menor idéia do que isso pode significar. E agora, siga para o Trevo Cinco.

— Está certo.

O'Leary deu a partida e entrou no acesso à auto-estrada. Sentia-se impotente e desesperado, dominado pelo medo.

Sheila tivera primeiro que lutar para conter o pânico que a dominara, algo parecido com o medo de morrer sufocada que tinha quando era criança. Certa ocasião, quando ainda era bem pequena, o irmão e alguns amigos a haviam trancado num baú, durante uma brincadeira. E depois haviam ido embora, esquecendo-se dela. Por muito tempo depois, não pudera suportar qualquer coisa que lhe ameaçasse a respiração, como nadar debaixo d'água, um chumaço de algodão em sua boca na cadeira do dentista, até mesmo a leve impressão de um broche na base de sua garganta. Isso era suficiente para fazer com que seu coração disparasse de terror. Mas finalmente conseguira dominar seu pavor. Enfrentara o problema armada de bom senso, recusando-se a sentir pena de si mesma, recusando-se a continuar agrilhoada a medos mórbidos.

E agora, impotente e indefesa na parte de trás do carro de Bogan, tentou aplicar a mesma terapia aos nervos tensos. Até aquele momento, nada lhe acontecera. Sentia muito frio e tinha cãibras. A poeira do tapete fazia seus olhos lacrimejarem. Mas isso era tudo. Sabia que estava segura enquanto continuassem na auto-estrada. Depois disso, estaria completamente indefesa. Bogan poderia levá-la para qualquer lugar, fazer com ela o que bem desejasse. Analisou o fato com extrema coragem. Significava que teria de escapar antes de deixarem a auto-estrada. De alguma forma, precisava fazer com que Bogan parasse o carro. Dan lhe dissera que qualquer carro parado seria rapidamente verificado pela polícia. O patrulheiro ficaria à frente dos faróis acesos de seu próprio carro, emergindo da claridade intensa com um revólver na mão.

Parecia-lhe agora uma terrível ironia que se tivesse divertido à custa dessa discussão muito séria dos diversos métodos de policiar a auto-es-

trada. Ficara mesmo um pouco entediada e aborrecida pelo entusiasmo que Dan manifestara por seu trabalho. E a eficiência dos patrulheiros era agora a única coisa que poderia salvá-la! Sheila tentou parar de pensar em Dan O'Leary. Sabia que isso a faria chorar e não tinha tempo agora para entregar-se a esse tipo de autopiedade. Poderia pensar nele mais tarde, na sua maneira altiva e alerta de andar, os cabelos pretos nas costas das mãos grandes, o jeito com que ele só entendia uma piada uma fração de segundo depois dela, sorrindo timidamente por sua compreensão mais demorada.

Agora, só tinha que se preocupar com uma coisa: fazer aquele louco parar o carro. Em voz fraca, murmurou:

— Acho que vou vomitar... Estou me sentindo enjoada...

— O que é uma pena. Mas agora não vai demorar muito.

Bogan olhou para o relógio e depois para um marco numerado que brilhava na escuridão, a sua frente. Estava um pouco atrasado, mas não muito. A chuva o atrasara. Sorriu, contemplando o reflexo de seu rosto no pára-brisa. Apesar das luzes internas do carro estarem apagadas, podia ver seu reflexo à luz dos faróis em sentido contrário. A chuva distorcia-lhe as feições a intervalos regulares, antes que o limpador voltasse para endireitá-las. Aquela distorção de suas feições, corrigida um instante depois, até que era interessante.

— Por favor... — falou a moça outra vez. — Estou congelando. Não há circulação em meus braços e pernas. Por favor, pare o carro e desamarre meus tornozelos.

— Sei que você é a garota do patrulheiro O'Leary. Vi o jeito com que sorriram um para o outro. Pretende casar-se com ele?

Bogan ainda estava sorrindo pela maneira como suas feições entravam e saíam de foco, aos movimentos do limpador de pára-brisa.

— Vamos, responda — insistiu ele, friamente. — Pretende mesmo casar como patrulheiro O'Leary?

Sheila ficou calada. O tom alterado do homem fez com que um calafrio lhe passasse pelo corpo com cãibras. Tentou adivinhar os pensamentos dele, imaginar suas necessidades e compulsões. Mas era tão inútil quanto tentar montar um quebra-cabeça de olhos vendados.

— Ainda não tenho certeza — disse ela finalmente.

— Ainda não tem certeza — repetiu Bogan, em tom zombeteiro.

Ah, a mentirosa! É claro que eles iriam casar-se e comprar uma casinha, fechando todas as cortinas, para que ninguém pudesse vê-los. E manteriam a todos os demais do lado de fora de seu pequeno círculo

mágico de prazer.

Bogan recordou-se como era em sua própria casa, as longas noites que pertenciam apenas ao pai e à mãe. E o alívio impregnado de culpa e a felicidade depois da morte do pai. Havia apenas a mãe e o irmão e tinha sido maravilhoso. A mãe fazia bolos e contava histórias. Fora um tempo longo e agradável. Até que o irmão trouxera uma moça para casa. Tinham brigado por causa disso. Bogan advertira-o da coisa terrível que estava fazendo. Mas o irmão se casara assim mesmo. E tinham ficado apenas ele e a mãe e fora ainda mais maravilhoso. Ele trabalhava como vigia noturno, porque a luz do sol irritava intensamente seus olhos sensíveis. Durante o dia, a mãe mantinha o apartamento com as cortinas fechadas. Assistiam à televisão juntos, a mãe lhe fazia comida, cuidava de suas roupas. Quando a mãe morrera, perguntara ao irmão se poderia ir morar com ele. Mas o irmão já tinha filhos e não havia quarto para ele. Fora então que alugara o quarto no Terceira Avenida e começara a vigiar o casal da loja de móveis.

Bogan sacudiu a cabeça bruscamente. Os pensamentos o estavam distraindo, surgindo subitamente e com um brilho intenso na escuridão tranquila de sua mente.

— Por favor! — gritou a moça de novo. — A fumaça do cano de descarga está entrando por baixo! Não consigo respirar!

— Vou baixar a janela — disse Bogan, sorrindo. — E pode estar certa de que não vou parar. Assim sendo, é melhor esquecer seus truquezinhos.

O vento frio e úmido envolveu o corpo enregelado de Sheila. Estava subitamente próxima do pânico. Era exatamente aquilo que o excitava, brincar de gato-e-rato com ela, saborear seu desamparo. Se ela não conseguisse fazê-lo parar, não haveria mais qualquer esperança... a menos que um carro de patrulha o abordasse. Mas a polícia, evidentemente, não tinha meios de identificá-lo. Caso contrário, ele não estaria tão confiante. Como ela poderia atrair a atenção da polícia? Para si mesma ou para o carro, isso não fazia a menor diferença.

Mas nada poderia fazer enquanto estivesse totalmente impotente. Começou a fazer força contra a gravata que lhe prendia os pulsos, torcendo as mãos até a pele ficar em carne viva. O rapaz não fizera um trabalho dos mais eficientes e ela o abençoava por isso. Talvez lhe tivesse dado aquela pequena chance deliberadamente. Os nós estavam frouxos e os esforços dela acabaram afrouxando a gravata em um ou dois centímetros. Era quase que suficiente, pois suas mãos eram bem pequenas. Ela tentou novamente, torcendo as mãos, em silêncio, desesperadamente, até que

os nós afrouxaram mais um pouco. Agora já dava. Ela livrou as mãos e levou-as à boca, para silenciar o ruído da respiração ofegante.

Mesmo assim, ainda não havia muito que pudesse fazer. Poderia destrancar a porta de trás. Mas seria quase impossível abri-la, contra o vento, na posição em que estava, o corpo dominado por cãibras. E de nada adiantaria abrir a porta, a menos que tencionasse jogar-se do carro em movimento. Tal pensamento levou imediatamente a outro: se não a si mesma, o que mais poderia jogar para fora do carro? A gravata de seda amarrotada, que lhe amarrava os pulsos, provavelmente não atrairia a atenção de ninguém. Tateou cautelosamente pelo chão do carro, mas encontrou apenas um jornal dobrado e o que parecia ser um maço de cigarros vazio. Não serviam. Tinha de ser alguma coisa que apontasse para ela.

Pensou em tirar um sapato. Mas depois de um esforço doloroso, compreendeu que não seria possível. Podia curvar-se ao máximo para trás e alcançar os tornozelos com as mãos. Mas não poderia desabotoar o cinto ou desfazer o laço dos sapatos, na posição em que se encontrava. E não podia correr o risco de virar-se e sentar. O homem certamente veria o alto da cabeça dela pelo espelhinho retrovisor. Mas a lembrança dos sapatos levou-a a efetuar um pequeno inventário pessoal. Anel, uma pequena travessa, fita nos cabelos, uma caneta no bolso do uniforme. Isso era tudo. E nenhum desses objetos possuía qualquer significado especial. Nada significariam para quem quer que os encontrasse.

— Já chega de ar — comentou Bogan, começando a levantar a janela.

— Não, por favor! — O coração dela batia descompassadamente. Acabara de se lembrar do avental que estava usando, o avental curto e engomado, com o nome de Howard Johnson bordado em vermelho por cima do bolso único. — Por favor, não feche a janela. Estou sufocando. — O terror na voz dela era genuíno. Se o homem fechasse a janela agora, perderia sua única chance.

— Está bem, está bem. Não queremos que isso aconteça, não é mesmo? — Bogan baixou novamente a janela e acrescentou: — Queremos que continue linda e saudável para o seu patrulheiro. Não ficaria nada bonita se sufocasse até a morte.

III

Sheila trabalhou rapidamente, para desfazer o laço que prendia o avental, na altura da cintura. Quando finalmente conseguiu tirá-lo, soer-

gueu-se cautelosamente, apoiada num cotovelo, e olhou para a janela, tomando cuidado em manter a cabeça abaixo do encosto. Desesperada, compreendeu que não seria possível executar seu plano. O braço e o ombro largo de Bogan tapavam inteiramente o espaço entre o banco de trás e a janela aberta. Se tentasse empurrar o avental além dele, Bogan sentiria a pressão e perceberia que ela estava-se mexendo às suas costas.

— Estamos um pouco atrasados — disse Bogan, — Vou ter de acelerar um pouco. Mas não precisa ficar preocupada. Não serei apanhado por excesso de velocidade.

O carro passou rapidamente para a faixa da esquerda, sacudindo-se todo. Sheila viu a cabeça e os ombros dele se deslocarem para a frente, saindo de seu campo de visão. Bogan se inclinara para perto do pára-brisa, a fim de observar melhor o movimento, ao passar de uma faixa para outra. O carro voltou a ficar firme e Sheila compreendeu que já estavam seguindo normalmente pela faixa do centro. A cabeça e os ombros de Bogan retornaram à posição habitual.

Ela fez uma prece silenciosa. Quando Bogan se inclinara para a frente, a janela ficara desobstruída de seus ombros volumosos. Se ele ultrapassasse outro carro, era bem provável que se inclinasse para a frente outra vez.

Amarrotou o avental com uma das mãos, transformando-o numa bola do menor tamanho possível. Levantou o braço, cautelosamente. Quando ele ultrapassasse outro carro, não poderia ver se novamente se inclinaria para a frente. Bogan ficaria muito perto do espelho retrovisor e poderia perceber qualquer movimento às suas costas. Ela teria que arriscar, levantando o avental e empurrando-o pela janela sem olhar, rezando para que sua mão não batesse no ombro dele.

Seguiram pela faixa central por vários minutos.

— Já chega de ar — disse Bogan subitamente, a voz um tanto ríspida. — Assim que eu tiver ultrapassado o caminhão, a janela vai ser fechada e assim ficará. Por que eu deveria importar-me que você esteja confortável ou não? Por acaso sente alguma simpatia por mim? Por acaso se importa comigo?

O carro desviou-se para a esquerda e aumentou de velocidade, os pneus rangendo no concreto molhado. Sheila contou até três, bem devagar, procurando conter o medo paralisante que lhe invadia o corpo. Agora!, pensou ela. Mas não conseguiu mexer a mão. O carro estava retornando à faixa do meio. Ela mordeu os lábios trêmulos com força e murmurou desesperada:

— Agora!

Ergueu a mão na direção da janela, temendo um contato qualquer com o corpo dele. Mas nada sentiu, a não ser o vento frio como gelo. Uma dobra do avental fez um barulho terrível, soprada pelo vento. Sheila segurava o avental entre o polegar e o indicador. Sentiu o puxão do vento e soltou-o, tirando a mão rapidamente da janela. Bogan voltou a recostar -se no assento. Os dedos de Sheila roçaram no paletó dele.

Mas Bogan parecia não ter percebido nada. Fechou a janela, comentando:

— Se você quer sufocar, o problema é seu. Por que eu deveria importar-me com isso? — Havia um tom perigoso e vingativo na voz dele, quando acrescentou: — Não me importo que seu rosto fique todo roxo e que seus pulmões explodam!

Bogan ligou o rádio do carro. Sheila ficou totalmente imóvel, esgotada pelo medo e tensão. Uma das mãos comprimia a boca com toda a força, para conter um soluço.

O vendedor chamado Harry Mills deixou escapar uma imprecação furiosa ao desviar o carro para o acostamento de cascalho. A esposa, Muriel, estava em lágrimas. A voz tremia quando disse:

— Poderíamos ter morrido, Harry. Você quase perdeu o controle do carro.

— Tem toda razão! — exclamou Harry, cada vez com mais raiva. — Fiquei sem ver nada durante quase cinco segundos. A maldita coisa prendeu nos limpadores de pára-brisa. Ah, mas vou denunciar isso à patrulha! — O homem desceu do carro, o rosto vermelho e belicoso, dando a volta até o lado da esposa. — Não demora muito e um patrulheiro vai parar aqui para ver o que aconteceu. — Ele levantou a gola do sobretudo para proteger-se da chuva e acrescentou: — Estamos vivos e ilesos, meu bem. Pelo menos tivemos alguma sorte.

— O que era? — indagou ela, a voz estridente e assustada. - O que foi que aqueles idiotas jogaram pela janela?

— Ainda está preso no limpador. — Harry Mills pegou o pano encharcado que fora jogado do carro da frente e viera colar-se no pára-brisa de seu carro. Abriu-o sobre o capô. — Essa não! — disse ele, empurrando o chapéu para trás.

A luz vermelha de um carro de patrulha já se estava aproximando deles, desviando-se habilmente através do intenso tráfego. Eram 9 horas e trinta e cinco minutos.

No quartel-general, o Capitão Royce estava estudando o mapa grande da auto-estrada, na parede de sua sala, juntamente com o Sargento Tonelli e o Tenente Trask. Não houvera o menor sinal do assassino nos últimos 45 minutos. O Capitão Royce sabia que ele deixara o Howard Nº 1 com a moça por volta das 8:50 horas. Quarenta e cinco minutos representavam 70 quilômetros... e em 70 quilômetros o assassino tivera várias oportunidades de sair da auto-estrada, entre as Saídas 5 e 12. É claro que todos os trevos estavam sendo vigiados, mas seria impossível efetuar uma busca em carro por carro. É verdade que se estava vigiando mais atentamente todos os sedãs Ford, Chevrolet e Plymouth, especialmente os que eram dirigidos por homens grandes e de óculos. O assassino já tivera tempo para escapar, mas Royce tinha quase certeza de que ainda continuava na auto-estrada.

Ele olhou para o relógio grande na parede do outro lado. O Sargento Tonelli verificou seu relógio de pulso.

O comboio presidencial deveria entrar na auto-estrada dentro de dois minutos, pelo Trevo 5.

Tonelli tossiu para chamar a atenção.

— Aqueles repórteres ainda estão lá fora, Capitão.

— É o melhor lugar para eles ficarem.

Repórteres de jornais, rádio e TV tinham começado a chegar ao quartel-general cerca de uma hora atrás. Poderiam criar dificuldades a Royce e à auto-estrada, se ele não os informasse o que estava acontecendo e não revelasse os planos para capturar o assassino. Mas Royce estava disposto a correr o risco. Todos os patrulheiros de folga já tinham voltado ao serviço. A auto-estrada era agora uma gigantesca armadilha de 150 quilômetros de comprimento, vigiada por todos os carros identificados ou não que estavam em disponibilidade. Três esquadrões especiais de distúrbios estavam cruzando a estrada de um lado para outro, a intervalos de 30 quilômetros, prontos para convergirem a qualquer ponto, ao menor sinal de alarme, com espingardas e bombas de gás lacrimogêneo. O Tenente Biersby, no centro de comunicações em Darmouth, já alertara todas as polícias num raio de 150 quilômetros em torno da auto-estrada. E a rede estava-se ampliando a cada minuto que passava. Os cobradores de pedágio, funcionários civis desarmados haviam sido substituídos por agentes da polícia estadual, colocados à disposição de Royce.

Se tal informação fosse passada pelo telefone por um repórter de rádio ou TV, a notícia estaria no ar alguns minutos depois. Seria realmente

uma coisa boa, pensou Royce. As pessoas que escutassem iriam assentir aprovadoramente, concluindo que a polícia, no final das contas, sabia trabalhar. Era possível até que isso atenuasse um pouco a indignação de muitos, na próxima vez em que fossem multados por excesso de velocidade. Mas havia um outro fator que anulava as vantagens decorrentes do apoio da imprensa: o assassino poderia ter um rádio no carro que estava usando e certamente iria interessar-se pelos planos para sua captura.

Soou uma campainha na mesa de controle e eles ouviram o ruído do rádio, com uma voz distante se comunicando. O controlador virou-se rapidamente e olhou para o Capitão Royce, que fora até a porta de sua sala.

— É um comunicado do Trevo Cinco, Senhor. O Presidente já está na auto-estrada. É um comboio de oito carros, com patrulhas nossas na frente e atrás. Estão seguindo pela faixa da direita, a 90 quilômetros horários, aproximadamente.

— Todas as outras patrulhas estão nas posições designadas?

— Estão, sim, Senhor.

Royce assentiu e esfregou a testa úmida. Voltou para junto do mapa. Podia visualizar o avanço do comboio. Sabia exatamente qual a densidade do tráfego naquela área e as condições do tempo naquele trecho da auto-estrada. Nada era favorável. Uma chuva forte caía na auto-estrada e o tráfego era intenso e vagaroso.

— Capitão Royce! — gritou o controlador, na sala ao lado. — Poderia por favor dar um pulo até aqui?

Royce, com Tonelli e Trask em seus calcanhares, alcançou a mesa de controle em poucas passadas.

— O Carro 16 acaba de se comunicar, Senhor. Foi verificar um carro parado no acostamento. O motorista havia parado porque um avental do Howard Johnson fora jogado do carro da frente e grudara em seu pára-brisa. O avental saiu pela janela de um Ford 52, com placa de Nova York. A esposa do motorista conseguiu ver os três últimos algarismos da placa: 642.

— Onde foi isso?

— O Carro 16 parou próximo do Marco 54, Senhor. Recebi o seu comunicado de que ia parar há dois minutos.

Royce fez os cálculos rapidamente. O Ford 52 tinha aqueles dois minutos de vantagem, mais o tempo necessário para que o motorista do carro estacionado no acostamento atraísse a atenção de uma patrulha. Um total de cinco minutos, provavelmente. O que lhe daria tempo para

alcançar o Marco 50, no Trevo Cinco.

— Qual é o carro mais próximo do Marco 50?

— É o carro 21, de O'Leary. Ele está acompanhando o comboio do Presidente, cerca de 200 metros atrás. — O controlador fez uma breve pausa, antes de acrescentar, desnecessariamente: — Está mantendo o tráfego lento por trás do comboio.

Ao receber as ordens do controlador, O'Leary estava na faixa central, seguindo para o sul, na altura do Marco 48. O comboio presidencial, algumas centenas de metros a sua frente, rodava pela faixa da direita. Ele podia ver a luz vermelha do carro de patrulha da retaguarda girando na escuridão.

O'Leary ficou subitamente tenso, as mãos grandes apertando o volante com força. Repetiu o número que o controlador informou e desligou em seguida. O coração estava disparado, de esperança e excitamento. Nos últimos cinco minutos vinha reduzindo lentamente a distância que o separava do comboio presidencial e tinha certeza de que não passara por nenhum seda Ford 52. O que significava que o assassino estava logo a sua frente, em algum ponto entre seu carro e o comboio presidencial. Dando uma olhada pelo espelho retrovisor, O'Leary passou para a faixa da esquerda, controlando o carro como se fosse uma extensão de seu corpo. Passou rapidamente por três carros mais lentos, verificou as placas e depois retornou à faixa central. Permaneceu nela apenas o tempo suficiente para verificar as placas à sua frente e à direita, voltando em seguida para a faixa da esquerda, de alta velocidade, e ultrapassando os carros que eliminara. A chuva dificultava seu trabalho, mas ele se deslocava com precisão e perícia, sem qualquer esforço aparente.

Foi na altura do Marco 43 que O'Leary finalmente avistou o Ford, rodando pela faixa do meio, uns 50 metros atrás do comboio presidencial, a distância encurtando lentamente.

O'Leary ficou para trás, discretamente, pegando o fone ao lado do volante. E disse para o Sargento Tonelli:

— O'Leary, no Carro 21. Já encontrei o Ford. Está na altura do Marco 43, seguindo pela faixa central.

— Espere um instante que o Capitão vai falar. A voz do Capitão Royce soou asperamente:

— Deu uma olhada no motorista, O'Leary?

— Não, Senhor. Estou três ou quatro carros atrás dele.

— Algum sinal da moça?

— Não, Senhor.

— Passe por ele. Iremos segui-lo a partir de agora com carros não identificados.

— Certo, Capitão.

O'Leary já estava prestes a passar para a faixa da esquerda, quando viu o Ford acelerar subitamente e emparelhar com o comboio presidencial. O comboio de oito carros estava a uma velocidade aproximada de 90 quilômetros horários, cada carro separado por cerca de 50 metros.

— Santo Deus! — murmurou O'Leary. O Ford estava-se deslocando para o lado direito da faixa central, aproximando-se lentamente de um dos intervalos entre os carros do comboio. O'Leary tornou a pegar o fone e avisou: — Ele está tentando entrar no comboio presidencial, Tonelli! Era isso o que estava esperando!

Era um plano desesperado, mas até que inteligente. Se o Ford se metesse no comboio na frente de um carro cheio de agentes secretos, seria imediatamente notado. Mas se entrasse num intervalo entre carros de jornalistas e assessores presidenciais, era bem provável que passasse despercebido. E assim que estivesse no comboio, o assassino poderia sair da auto-estrada com toda segurança. O Presidente não seria detido numa barreira, e o comboio inteiro passaria em meio a saudações dos patrulheiros.

O Capitão Royce já estava dando ordens, rapidamente, que chegavam a O'Leary pelo alto-falante do rádio. Determinou que os carros 30 e 40, sem identificações, interceptassem o Ford, mantendo-o fora do comboio. E disse a O'Leary:

— Emparelhe com o Ford. Ele não vai tentar coisa alguma ao notar sua presença. Assim que os carros 30 e 40 estiverem em posição, adiante-se algumas centenas de metros. E, pelo amor de Deus, tome todo cuidado. Não nos podemos arriscar a um acidente ou a um tiroteio.

— Certo.

O'Leary passou para a faixa da esquerda. Ao se aproximar do Ford, viu o motorista inclinado sobre o volante. Por causa da chuva, não pôde divisar-lhe as feições. Teve apenas a impressão de um homem corpulento, de um reflexo nos óculos — e nada mais. O'Leary reduziu a velocidade para emparelhar com o Ford, que continuava no lado direito da faixa central. O comboio presidencial continuava a rodar tranquilamente pela faixa da direita, com carros de patrulha na frente e atrás. O'Leary notou que o Ford estava aos poucos retornando ao meio de sua faixa. Era evidente que avistara-o e decidira adiar seu movimento. Pelo espelho retrovisor,

O'Leary viu um par de faróis aproximar-se rapidamente, através da chuva forte.

Era o primeiro carro policial sem identificação destacado por Royce. O'Leary adiantou-se um pouco, ficando dois carros à frente do Ford, dando espaço para que o colega pudesse passar para a faixa central, colocando-se à frente do assassino.

O'Leary compreendeu que Sheila devia estar deitada no chão do Ford. Tal pensamento deixou-o enfurecido. Detestava ter que se afastar agora, mas não havia lugar para atos impulsivos de heroismo no patrulhamento da auto-estrada. Além do mais, os anos de treinamento e disciplina eram uma influência muito forte para anular qualquer tentação de uma ação individual. Se Sheila estava no carro, a melhor chance de salvá-la era através de um trabalho de equipe. Se Sheila estava no carro... O pensamento deixou O'Leary angustiado. Sabia que o assassino poderia tê-la deixado sem sentidos ou morta nos campos que margeavam a auto -estrada. Precisaria de apenas alguns segundos para parar e livrar-se do corpo. O risco de ser avistado por um carro de patrulha, num intervalo tão reduzido, era muito pequeno.

O'Leary pisou no acelerador e afastou-se do comboio. Pelo espelho retrovisor, viu uma caminhonete preta postar-se sem maiores dificuldades à frente do Ford.

Harry Bogan amaldiçoou sua sorte, amaldiçoou a chuva que caía, pequenos riscos prateados iluminados pelos faróis do Ford. Inclinou-se para a frente e limpou com a mão o vapor que se formara no pára-brisa.

Poucos minutos antes, estava rindo de satisfação, convencido de que seu plano ia dar certo. Os intervalos entre os carros do comboio eram relativamente grandes e a chuva seria uma boa cobertura para o que pretendia fazer. Lera nos jornais a notícia da viagem do Presidente, sabia que ele compareceria a uma cerimônia num hospital de veteranos em Plankton, perto da Saída 5, retornando a Washington naquela mesma noite.

Ao se aproximar da Saída 5, ouvira um noticiário de uma emissora de Plankton, sobre a partida do Presidente. Tivera certeza então de que seu plano para interceptar o comboio presidencial daria certo. O prefeito de Plankton fora entrevistado. Falara sobre a honra feita à cidade pela visita do Presidente, sobre a mensagem inspiradora do Presidente, dirigida não apenas a Plankton, mas também à nação inteira, aos homens livres do mundo. Bogan escutara atentamente, irritado com o palavreado bom-

básticо. Ao final, o prefeito dissera:

"Apesar de o Presidente ter partido há apenas alguns minutos, já estamos sentindo a falta de sua presença. E lhe desejamos felicidades em sua jornada."

Era isso o que Bogan precisava saber: o momento da partida do Presidente de Plankton. Até aquele instante, só podia fazer suposições. A partir de então, passara a ter certeza.

Mas, de repente, no instante em que se preparava para executar o último ato do plano, um carro da polícia aparecera a seu lado e ali se mantivera, com uma persistência irritante. E quando o carro da polícia finalmente se afastara, um idiota numa caminhonete viera se postar a sua frente, obstruindo-lhe a passagem, obrigando-o a diminuir a velocidade para 70 quilômetros horários, ignorando arrogantemente suas buzinadas insistentes.

O comboio foi-se afastando, as luzes vermelhas do carro de patrulha da retaguarda sumindo na escuridão. Finalmente a caminhonete preta passou para a faixa da direita, a fim de dar-lhe passagem. Mas outro idiota apareceu para atrapalhá-lo, um homem numa pickup, que parecia embriagado ou suicida. Deslocava-se imprevistamente de um lado para outro da auto-estrada, frustrando todas as tentativas de Bogan para ultrapassá-lo.

Bogan não mais se sentia dominado pelo orgulho do triunfo. Tudo se tornara confuso e sem sentido. Como acontecera com o rompimento com o irmão e os longos anos de amargos desapontamentos, não havia qualquer sentido no que lhe estava acontecendo agora. Sentia apenas que fora de alguma forma enganado e precisava revidar contra seus algozes. A trilha de pensamentos fragmentados e incoerentes sempre chegava ao mesmo final: todos estavam empenhados em destrui-lo. Mas não iriam consegui-lo tão facilmente. Gritou asperamente para a moça na parte de trás:

— Está pensando que vai casar-se com seu patrulheiro bonito, hem? Está pensando que vou devolvê-la a ele sã e salva, hem? Ilesa e intata, para que ele possa afagá-la... Não é isso o que está esperando?

Sheila estava deitada de lado, posição que lhe permitia mexer na fivela do cinto que prendia seus tornozelos.

— Para onde está-me levando?

A moça não estava realmente interessada em saber. Queria apenas desviá-lo de sua preocupação terrível com ela e Dan. Não podia suportar o excitamento obsceno que se manifestava na voz dele. O frenesi das in-

sinuações.

— Saberá para onde a estou levando quando chegarmos lá.

Sheila já abandonara as esperanças de que o avental fosse encontrado. Imaginava-o encharcado e amarrotado no leito da auto-estrada, milhares de pneus a passarem por cima, transformando-o numa massa irreconhecível. A única chance que lhe restava seria no momento em que Bogan parasse numa saída a fim de pagar o pedágio. Se fosse possível, se ele não descobrisse antes que ela conseguira livrar as mãos, ela iria abrir a porta e jogar-se do carro. Bogan iria atirar contra ela. Sheila sabia, por tudo que ouvira e pelo tom de voz dele, que Bogan tencionava matá-la, de um jeito ou de outro. E ela preferia escolher a maneira como morreria. Sabia que uma bala era infinitamente preferível a ficar a sós com aquele homem, na escuridão deserta que se estendia além da auto-estrada.

Bogan soltou uma risada subitamente. A pickup saíra de seu caminho. Não perdera mais do que alguns minutos. O comboio do Presidente estava viajando abaixo da velocidade máxima permitida, provavelmente apenas dois ou três quilômetros a sua frente. Ainda tinha tempo de alcançá-lo. Pisou no acelerador.

Na sede da patrulha, os planos de batalha estavam sendo preparados. O Sargento Tonelli assinalara no mapa da auto-estrada a posição do carro do assassino, com uma tachinha vermelha. Uma dúzia de tachas verdes indicavam as posições dos canos policiais que o cercavam. O Capitão Royce sugava o cachimbo apagado e pensava no problema que precisava resolver. Iriam agarrar o assassino, é claro, mas o importante era fazê-lo sem que ninguém mais saísse ferido. O comboio presidencial já estava agora inteiramente fora de perigo. Depois de se afastar do carro bloqueado do assassino, o comboio se deslocara para a faixa da esquerda e aumentara a velocidade para 110 quilômetros horários, com um carro-patrulha abrindo o caminho, a sirene ligada. O comboio estava-se aproximando da última saída e dificilmente o assassino conseguiria alcançá-lo. Mesmo que estivesse num carro bastante rápido, havia outras patrulhas à mão para bloqueá-lo.

— Podemos agarrá-lo na própria estrada — sugeriu Tonelli. — Basta bloqueá-lo completamente e forçá-lo a sair da pista. Nossos homens lhe estariam apontando suas armas antes mesmo que ele percebesse o que acontecera.

Royce olhou para o mapa, de rosto franzido, considerando as condições do tráfego e do tempo na área em que o assassino estava. Não

gostava da idéia de Tonelli. Nunca era fácil bloquear um carro em alta velocidade e naquela noite seria ainda mais perigoso. Confiava em seus homens, sentia o maior orgulho pela perícia e capacidade de julgamento deles. Mas não tencionava expô-los aos caprichos de um louco, naquelas circunstâncias. Além disso, tinha de pensar também nos motoristas civis. Se houvesse tiroteio ou o assassino tentasse esquivar-se das patrulhas, poderia provocar um pânico que talvez resultasse num desastre de grandes proporções.

— Vamos deixá-lo sair da auto-estrada — disse Royce. — Ele só tem mais três chances, nas Saídas Três, Dois e Um. Só iremos agarrá-lo quando não houver mais possibilidade alguma de outras pessoas saírem feridas.

— E a moça, Capitão?

Royce virou-se e olhou pela janela. O tempo piorara consideravelmente, a chuva era cada vez mais forte. Podia ver os clarões dos carros na auto-estrada, avançando vagarosamente sob a chuva.

— Tentaremos manter o assassino tão ocupado que ele não terá tempo de preocupar-se com a moça — comentou Royce, lentamente. — É tudo o que podemos fazer. E não é muita coisa. Neste momento, ele é altamente perigoso. Perdeu o comboio presidencial e já deve ter compreendido que não mais conseguirá alcançá-lo. Isto é, se não estiver completamente louco... Os planos dele saíram errados e deve estar esperando encrenca. — Esfregou a testa, com uma expressão cansada. — Se pudermos acalmá-lo um pouco, fazê-lo,sentir-se novamente confiante, poderíamos... — Royce parou de falar abruptamente, ainda olhando pela janela. Um sorriso se insinuou em seu rosto. — Ele está à procura de um comboio, não é mesmo, Sargento? E se providenciássemos um comboio especial?

— Como assim?

— Preste bem atenção e depois tome as providências necessárias. Avise às patrulhas no Trevo Dois e depois ao Sargento Brannon, na Subestação Sul. Vamos colocar um comboio na estrada à frente do assassino. O nosso comboio. Com carros de patrulha na escolta, atrás e na frente. Deixaremos que o assassino entre nele. E depois fecharemos a armadilha.

Os oito sedãs pretos foram requisitados das administrações municipais ao sul da auto-estrada. Estavam reunidos num comboio 15 minutos depois da ordem de Royce ter sido transmitida ao Sargento Brannon. Um minuto depois das dez horas, os carros entraram na auto-estrada pelo Trevo Dois e começaram a rodar para o sul. O novo comboio foi postar-se

na faixa da direita, os carros de patrulha a abrirem passagem, as sirenes ligadas. Na vanguarda seguia o patrulheiro Frank Sulkowski, um veterano calejado que mantinha a velocidade do comboio abaixo de 75 quilômetros horários. Dan O'Leary estava na retaguarda, olhando a todo instante pelo espelho retrovisor, à procura do Ford do assassino. Os oito sedãs estavam ocupados por detetives e patrulheiros à paisana. Os motoristas deixavam deliberadamente que houvesse um intervalo grande entre cada carro. O comboio era uma armadilha em movimento, com sete buracos para atrair o assassino.

O'Leary pegou o fone do rádio e disse para Sulkowski: .— Acho que estamos indo depressa demais, Frank. Vamos diminuir um pouco a velocidade.

— Está certo.

A conversa foi ouvida pelo controlador no quartel-general, que transmitiu a informação ao Capitão Royce:

— O comboio está na faixa da direita, na altura do Marco 18, reduzindo a velocidade abaixo de 70 quilômetros horários.

Royce assentiu e conferiu a posição do carro do assassino no mapa. A seu lado estava o Major Townsend, subcomandante da polícia estadual. Chegara alguns minutos antes, para saber de Royce como estava a situação.

— Marco 18 — repetiu Townsend. — E onde está o Ford?

— Cerca de meio quilômetro atrás. Estamos mantendo-o sob rigorosa vigilância. No momento, está avançando rapidamente.

— O que faremos se ele morder a isca?

— O comboio irá reduzir os intervalos entre um carro e outro e passar para a faixa central. Carros sem identificação irão aproximar-se pelas faixas da direita e da esquerda. O carro do assassino ficará inteiramente cercado.

— E se ele não morder a isca? Há algo em nosso comboio que possa deixá-lo desconfiado?

— Creio que não, Major. A menos que ele possa ler pensamentos. Nosso comboio em nada se difere do comboio do Presidente, especialmente numa noite escura e chuvosa como esta. A velocidade é a mesma e o comboio está no lugar em que o assassino certamente espera encontrá-lo: na faixa da direita. O número de carros é o mesmo, com as luzes vermelhas da capota dos carros da patrulha da frente e de trás acesas.

— Se ele enfiar o pescoço no laço, onde pretende detê-lo?

Royce aproximou-se do mapa e apontou para a Saída 1, o último

trevo da auto-estrada.

— Bem aqui, Senhor.

O'Leary não identificou o Ford até vê-lo a seu lado, na faixa central da auto-estrada. Até esse momento, fora apenas um clarão indistinto a se aproximar na escuridão. Pôde ver o vulto corpulento do motorista e depois a placa, quando o Ford passou por ele. Pegou o fone e informou a Sulkowski:

— Ele acaba de passar por mim, Frank.

O'Leary ouviu outras vozes soando pelo rádio, a do controlador no quartel-general e as dos outros patrulheiros, ao volante dos carros sem identificação, seguindo o Ford.

O'Leary ficou observando o carro do assassino avançar ao lado do comboio, as luzes vermelhas traseiras piscando na noite chuvosa. O carro acelerou subitamente e deu uma guinada para a direita. As luzes traseiras desapareceram, abruptamente. O assassino se colocara entre o terceiro e quarto sedas do comboio.

— Ele já se meteu no comboio, Frank — informou, rapidamente, O'Leary.

— Ótimo — disse Sulkowski. — Vamos agora diminuir os intervalos.

Os motoristas do terceiro e quarto sedas do comboio reduziram rapidamente a distância que os separava do Ford. Um momento depois, liderados por Sulkowski, os carros do comboio deslocaram-se para a faixa central. Carros policiais não identificados avançaram rapidamente, pelas faixas da esquerda e da direita, colocando-se nos lados do Ford do assassino. A operação fora concluída com êxito. O assassino estava cercado por todos os lados, preso numa armadilha em movimento que o levava na direção da última saída da auto-estrada.

Os planos do Capitão Royce para capturar o assassino baseavam-se na simplicidade e surpresa. O comboio da polícia seguiria até o portão de pedágio do lado direito do trevo, mantendo-se distanciado do resto do tráfego. A estrada além da saída estendia-se por quase um quilômetro até a ponte da Washington Bay, uma área já isolada, com todo o tráfego sendo desviado para estradas secundárias.

No quartel-general, Royce explicou os detalhes finais ao Major Townsend:

— Vamos parar o comboio aqui — disse ele, apontando para o portão de pedágio na direita da Saída 1. — Já instalamos um sinal vermelho móvel na altura desse portão de pedágio. Quando o comboio parar, um

patrulheiro irá indicar ao primeiro carro qual a direção que deve seguir, depois de passar pelo portão. Fará a mesma coisa com os dois seguintes. O Ford do assassino será o quarto. É claro que ele estará observando atentamente a cena, mas tudo o que verá será um patrulheiro respeitoso indicando ao comboio do Presidente a melhor forma de deixar a auto-estrada. — Royce fez uma pausa, espetando o mapa na parede com o dedo, antes de continuar: — Enquanto isso, outros patrulheiros vão aproximar-se do carro do assassino, de arma na mão. Dan O'Leary, que está no carro à retaguarda do comboio, irá aproximar-se pela direita. Os demais patrulheiros e detetives que integram o comboio irão ajudá-lo, cercando o assassino por todos os lados. Irão atacá-lo por trás e poderão liquidá-lo sem maiores dificuldades, se tentar resistir. — Royce virou-se para o Major Townsend e indagou: — Vê alguma falha no plano?

— Não. Parece que está tudo perfeito. Mas não me agrada a idéia de expor o patrulheiro na frente do assassino. E também não me agrada o fato de a moça continuar no carro. Mas se as coisas fossem tão simples como eu desejaria, poderíamos ir pescar e deixar que um bando de bandeirantes efetuasse a prisão.

— Tem razão. — Royce esfregou a testa. A tensão das últimas três horas estava evidenciada pelas rugas em torno dos olhos e nos cantos da boca. — Vamos precisar também de sorte...

O controlador deixou seu posto e entrou na sala de Royce.

— Capitão, um motorista de caminhão descobriu o corpo de um rapaz no Howard Johnson Nº 1. Estava caído numa vala, ao lado da área de estacionamento de caminhões. O rapaz continua inconsciente, mas parece que está em bom estado. Os documentos em seu poder indicam que é proprietário do Ford que o assassino está dirigindo.

— A ambulância já está a caminho?

— Já, sim, Senhor.

— E o rapaz tem chance de escapar?

— É o que tudo indica, Senhor. Perdeu muito sangue e tem um ferimento grande na cabeça, mas está respirando normalmente.

— É uma boa notícia — comentou Royce. — Talvez a sorte esteja agora passando para o nosso lado. — Virou-se e contemplou o mapa com o rosto franzido. — Mas só saberemos disso com certeza dentro de alguns minutos...

No comboio em movimento, Bogan ria baixinho, de alívio e excitação. Sentia-se tranquilo e confiante no meio da coluna de carros oficiais.

Na frente e atrás dele, confortadoramente próximos, seguiam os privilegiados sedãs pretos do comboio do Presidente. Nos seus dois lados, por coincidência e sorte, seguiam carros exatamente na mesma velocidade que a sua. Ninguém poderia alcançá-lo agora. Estava absolutamente seguro naquela prisão de aço em movimento, a caminho da liberdade, protegido por um escudo invisível de poder e autoridade.

Sentia-se novamente astucioso e triunfante, invadido por emoções intensas, no grau mais alto de excitamento. Gritou para a moça:

— Vamos deixar a auto-estrada daqui a pouco, por uma cortesia especial da polícia. — Riu novamente, baixinho, saboreando a confiança que sentia em si mesmo. — Sabia que somos agora gente muito importante? Vamos sair da auto-estrada junto com o Presidente. Os patrulheiros irão bater continência quando passarmos. É uma pena que você não possa estar sentada a meu lado para apreciar o espetáculo.

Sheila já tinha conseguido desabotoar o cinto em seus tornozelos, mas as palavras de Bogan destruíram-lhe as esperanças. Se não parassem no portão de pedágio, de que teria adiantado livrar as pernas?

— Está cometendo um erro ao levar-me com você — disse ela, desesperada. — A polícia certamente está a minha procura. Se me soltar, prometo que não... — Parou de falar, sabendo que o apelo era inútil e desprezando o tom de súplica e medo animal de sua voz.

— Promete que não vai denunciar-me... não é isso o que ia dizer? — falou Bogan, sarcasticamente. — Tenho certeza de que jamais o faria. Mas a polícia não vai descobrir-nos. Não se preocupe com isso. Ninguém nos encontrará antes de termos uma conversinha. Iremos para algum lugar agradável e sossegado. Comprarei café e alguns bolinhos. Sei exatamente qual é o tipo que você irá gostar, uns bolinhos cobertos de açúcar, com geléia por dentro. Irei desamarrá-la e poderá ficar à vontade.

Bogan franziu o rosto de repente e levou a mão a testa. Estava confuso, sentindo uma dor estranha na cabeça. O que mesmo desejava explicar à moça? Era algo relacionado com o patrulheiro grandalhão com quem ela tencionava casar-se. Era isso mesmo. Tinha de dizer à moça que isso não era certo. E havia também a história da família dele, do pai e do irmão, daquele casal jovem de Nova York, a moça exibindo as pernas nuas de maneira tão cruel. Recordou-se que não tinham sido nada gentis com ele e pensou que seria interessante falar-lhes também. Mas não mais poderia fazê-lo. De alguma forma, o casal conseguira escapar-lhe.

Instintivamente, Bogan sabia que não deveria pensar nessas coisas. Só serviriam para confundi-lo e irritá-lo, e iria precisar de toda sua astúcia

e força para enfrentar um inundo empenhado em destrui-lo.

— Cale a boca! — disse ele à moça, rispidamente. — Foi você que me meteu nesta encrenca. É sobre isso que vamos conversar mais tarde. Espere só!

— Por favor, não... — Sheila finalmente se descontrolou. Não podia restar mais a menor dúvida de que o homem tencionava mesmo matá-la.

— Cale-se! — gritou Bogan, inclinando-se para frente, os olhos se estreitando com a tensão.

O comboio estava diminuindo a velocidade. A sua frente, podia ver as luzes altas dos portões de pedágio, no Trevo 1. O tráfego ia-se abrindo em leque ao entrar na área mais larga do pedágio na saída da auto-estrada. O comboio passou por alguns patrulheiros em posição de sentido e seguiu para o portão de pedágio na extrema direita. Iam parar e Bogan sentiu o coração disparar de medo. Estava errado, ninguém podia parar o comboio do Presidente... a menos que estivessem procurando por alguma coisa. O pensamento foi como um relâmpago de terror a brilhar subitamente na mente dele. Tirou o revólver do bolso e baixou a janela até a metade. Algumas gotas da chuva fria bateram em seu rosto. Gotas de suor acumularam-se nos óculos. Os faróis dos carros e as luzes vermelhas da polícia investiam em sua direção como lanças ameaçadoras. No silêncio, podia ouvir a respiração ofegante da moça.

— Não se mexa nem faça qualquer barulho — disse ele, baixinho. — Se desobedecer, será responsável pelos homens que matarei.

Bogan limpou os óculos com a ponta do indicador, abrindo um pequeno túnel de visibilidade através da chuva, das luzes e das sombras. Ao ver um patrulheiro se aproximar do primeiro carro do comboio, Bogan levantou o revólver, apoiando-o na janela abaixada. Mas o patrulheiro parou a dois metros do carro, assumiu a posição de sentido e bateu continência. Apontou na direção de um sinal vermelho, obviamente indicando ao motorista qual o caminho que devia seguir. O patrulheiro bateu continência outra vez e o carro pôs-se em movimento, lentamente. O mesmo ato foi repetido junto ao segundo carro. Bogan compreendeu que era uma simples rotina, um patrulheiro polido indicando ao comboio presidencial qual a faixa de tráfego que lhe estava reservada. Retirou o revólver da janela e deixou o ar contido escapar dos pulmões, bem devagar. Estava tudo bem. A sensação de alívio foi tão intensa que ele quase riu. O carro à frente dele estava começando a andar. O patrulheiro aproximou-se do Ford, em passadas longas, um vulto alto e escuro sob a chuva que caía.

Bogan ouviu a moça mexer-se às suas costas e o clique metálico da

porta do carro sendo aberta. Uma lufada de ar frio veio atingir-lhe a nunca. Virou-se desesperadamente, invadido pelo medo, a se espalhar por todo seu corpo em ondas incontroláveis. Percebeu no mesmo instante que a moça estava livre. O cinto desaparecera dos tornozelos, as mãos seguravam a porta entreaberta. Nada mais sentiu além da angústia de ter sido traído. A moça era pior que todos os outros, enganando-o em silêncio, conspirando furtivamente para frustrar-lhe os planos.

E foi neste momento que Bogan avistou, pela janela traseira, o vulto de um homem uniformizado a correr na direção de seu carro, meio agachado. Soltou uma imprecação, furioso, e embreou o carro. Ao mesmo tempo, virou-se e disparou contra o patrulheiro que se aproximava do carro pela frente. O carro deu um pulo para frente, o impulso fazendo a porta de trás fechar-se violentamente. Bogan ouviu a moça gritar de dor. Os dedos dela, pensou ele, virando o carro para atropelar o patrulheiro, que se jogara no chão ao ouvir o disparo. Os dedos esguios e alvos, macios como veludo numa carícia. Bogan girou o volante freneticamente, afastando-se do patrulheiro caído e partindo em direção ao portão do pedágio. O importante agora era escapar e não pensar no idiota caído na chuva. Cuidarei dele depois, cuidarei de todos eles depois.

O'Leary estava dois metros atrás do Ford no momento em que Bogan disparou contra o patrulheiro. Pulou rapidamente, cobrindo a distância num só passo. Mas o Ford já estava arremetendo para frente, afastando-se dele, virando para a esquerda. Um instante depois, o carro virou para a direita, seguindo na direção do portão de pedágio. O'Leary arremessou-se na direção da porta de trás, conseguindo segurar a maçaneta com as duas mãos. A velocidade do carro fê-lo perder o equilíbrio, derrubando-o. Mas ele continuou a segurar a maçaneta, conseguindo puxar o trinco e abrir a porta.

O Ford sacudiu-se todo no instante em que Bogan passou a marcha. Nessa fração de segundo, O'Leary enfiou a parte superior do corpo no assento de trás. Passou os braços pelos joelhos de Sheila e deixou que seu corpo ficasse inerte. Quando o carro arremeteu para frente novamente, suas pernas foram se arrastando pelo concreto. Um instante depois estava fora do carro, o corpo batendo no concreto molhado com toda força, os braços segurando e procurando desesperadamente proteger o corpo mais leve de Sheila.

O'Leary ficou de joelhos e por um instante manteve Sheila bem apertada contra seu corpo, isolando-o do rugido dos carros, do clarão dos tiros. Sheila chorava histericamente, repetindo o nome dele incessante-

mente. Mas não havia qualquer brilho de reconhecimento nos olhos dela. O terror não a deixaria por muito tempo, mas estava agora agarrada a alguém que permaneceria a seu lado até que isso acontecesse.

O'Leary entregou-a aos cuidados dos detetives saídos dos sedãs do comboio e correu para seu carro. O Ford arrebentara o portão de pedágio e seguia em disparada pela reta de um quilômetro que levava à ponte sobre a baía. Mas não havia agora escapatória. Três carros-patrulha já estavam seguindo no encalço do Ford, com uma precisão implacável. Não havia nenhum outro carro na estrada. Bogan seguia por uma estrada deserta, a polícia se aproximando.

O'Leary passou em disparada pelo portão de pedágio destroçado, seguindo os outros carros. Pegou o microfone e informou:

— Ele está sozinho agora. A moça já saiu do carro e está em segurança.

A informação foi recebida pelos carros-patrulha à frente dele e no quartel-general em Riverhead. O Capitão Royce disse:

— Não quero que ninguém se exponha agora. Não corram riscos desnecessários. Ele não tem como escapar.

Royce deu uma ordem para que a polícia na ponte abrisse o vão. As barreiras de acesso foram baixadas automaticamente e os cabos nas quatro extremidades da ponte começaram a ser enrolados, levantando o vão.

— Peguem-no quando ele parar — determinou Royce.

Bogan viu a água a sua frente, faiscando, estendendo-se interminavelmente como uma campina ao anoitecer, uma brisa a revolver suavemente as folhas e a relva, fazendo-as cintilar aos últimos raios do sol. Era uma paisagem deslumbrante, tranquila e repousante. Mas ele não podia parar para chorar. As lágrimas brotavam de seus olhos meigos e escorriam muito frias pelas faces. Precisava de alguém para confortá-lo, alguém de quem não tivesse medo.

Viu que os carros da polícia vinham em seu encalço, acossando-o como animais imensos e perigosos.

Luzes vermelhas muito fortes brilharam em seu rosto. Viu um cavalete a sua frente e mais além uma grossa corrente de ferro, a obstruir a estrada. E mais além não havia coisa alguma, a não ser a campina ampla e repousante que parecia água, na estranha confusão provocada pela escuridão. Bogan ouviu o estrondo do Ford batendo no cavalete e logo depois o barulho da corrente arrebentando. E agora estava livre, seguindo para a campina escura e aprazível, tão facilmente como se fosse um passarinho

ou um aviãozinho de papel de criança.

* * *

Dan O'Leary fez a volta abruptamente e desligou a sirene e a luz vermelha da capota. Parou o carro e ficou imóvel por um momento, com os braços cruzados sobre o volante, a testa repousando nas costas da mão. Estava tudo acabado. O Ford mergulhara na Washington Bay. Depois do barulho e da coluna de água que se levantara, nada mais restava além das ondulações na superfície da água escura e silenciosa.

O'Leary murmurou uma prece, porque Sheila estava salva. Ligou o carro e retornou ao Trevo 1, onde ela estava a sua espera. Seguiu a uma velocidade inferior à máxima permitida, as mãos grandes segurando firmemente o volante, olhos alerta, esquadrinhando a estrada. Não havia a menor necessidade de se apressar naquele último quilômetro até o Trevo 1, pensou ele. A parte importante dele já estava lá.

O HOMEM NO POÇO

Berkely Mather

Havia seis pessoas na sala de espera quando Sefton chegou. Ele as olhou rapidamente e saiu, indo postar-se à entrada de um armarinho, do outro lado da Strand.

Não se assustara com o que vira, mas tudo tinha que ser feito com dignidade, até mesmo candidatar-se a um emprego. Havia dois rapazes de casaco, um deles barbudo, um homem já velho e com um rosto duro, que poderia perfeitamente ser um antigo contramestre da Flotilha do Irrawaddy, dois orientais que pareciam absurdamente iguais com sua pele amarelada e uma mulher que dava a impressão de ter acabado de cruzar o Gobi num camelo. Se não havia mais ninguém, ele estava disposto a apostar qualquer coisa em suas chances.

Tinha acabado de acender o último cigarro quando o último deles saiu do prédio. Apagou-o, economicamente, e atravessou a rua, por entre o tráfego da manhã. Subiu novamente a escada estreita. Um escriturário anotou seu nome e, depois de uma breve espera, levou-o para a outra sala. Um homem velho e magro ergueu-se de detrás de uma escrivaninha escalavrada e estendeu-lhe a mão.

— Como vai, Sr. Sefton? Lamento se o fiz esperar. Sente-se, por favor. Espero que me desculpe a confusão... Meu agente cedeu-me o escritório dele para as entrevistas.

Sefton fez uma mesura ligeira, sentou e equilibrou o chapéu nos

joelhos. E ficou esperando. O outro homem mirou um ponto na parede acima da cabeça de Sefton, estreitou os olhos e contraiu os lábios.

Tão impostor quanto os jornais dizem que ele é, pensou Sefton, acrescentando mentalmente: Ah, mas que bode velho idiota!

Os minutos foram-se passando. Lá fora, o rumor do tráfego continuava. Um apito soou estridentemente nas proximidades da Charing Cross. Finalmente, o velho rompeu o silêncio:

— Já se apresentaram muitos candidatos, Sr. Sefton.

— Mas reduziu a lista a apenas sete... e nenhum deles serviu, até agora. Espero que me aceite. Estou ansioso em trabalhar com o Senhor.

O velho pareceu ficar um pouco desconcertado.

— Posso saber como obteve essas informações?

— Contei as pessoas que estavam na sala de espera quando cheguei e depois verifiquei a hora de saída de cada uma. Ninguém ficou muito tempo. — Sefton exibia um sorriso cativante, que anulava qualquer insinuação ofensiva de suas palavras. — Creio que sou o homem que está procurando, Professor Neave.

— É o que vamos ver — respondeu Neave, um tanto secamente. Folheou diversas cartas a sua frente e separou uma, a qual Sefton reconheceu como a que enviara. — Importa-se de me falar mais um pouco a seu respeito, Sr. Sefton?

— Absolutamente. Passei oito anos trabalhando como engenheiro -assistente da Corporação Mineira Sontal Gem, em Mogok, na Birmânia Setentrional. Falo birmanês fluentemente e posso fazer-me entender em qualquer dos dialetos, o shan, o chin e o karen. Conheço a região muito bem e fui oficial do Real Exército Indiano durante a guerra. Não tenho a menor dificuldade em estabelecer relações amigáveis com qualquer pessoa, sei aceitar e executar ordens... — Sefton fez uma breve pausa, antes de acrescentar: — ... e sei também ficar de boca fechada.

— Por que deixou a Sontal, Sr. Sefton?

— Pelo mesmo motivo que o resto da equipe. Os japoneses estavam a 15 quilômetros da nossa sede e avançando rapidamente. Despachamos os homens casados e suas famílias para Rangum antes de cortarem a ferrovia de Mandalay. Ateamos fogo a todas as instalações e partimos no último veículo. Conseguimos chegar apenas a Yeu, que fica um pouco ao norte de Bhame, pois a gasolina acabou. Seguimos a pé o resto do caminho até Chindwin, atravessando o chamado cinturão seco. Falei no plural, mas apenas eu consegui escapar. A disenteria, a malária e a fome acabaram com os outros. Foi um ano terrível, com as monções

se atrasando.

— Em quanto tempo fez a jornada?

— Cerca de três meses. Nossa velocidade era a do homem mais doente.

— E o que aconteceu depois?

Sefton deu de ombros.

— Não há muito mais para contar. Cheguei a Assam, atravessando a Trilha Tiddim, indo encontrar nossas forças em Imphal. Passei um longo período no hospital e depois alistei-me. Lutei até o final da guerra no XIV Exército e terminei como major.

— O que fez desde então?

— Investi minha gratificação e economias numa pequena oficina de engenharia em Lancashire. Acabei perdendo tudo. Depois, tive diversos empregos, sempre no meu campo de atividade. Entre outras coisas, estive fazendo perfurações no Brasil e trabalhei com uma empresa petrolífera no Golfo do México.

— É casado?

— Não. E não há ninguém no mundo que dependa de mim.

— Qual a remuneração que está esperando?

— Não quero receber coisa alguma... exceto a oportunidade de acompanhá-lo.

O rosto do professor iluminou-se de satisfação por um momento, mas ele tratou rapidamente de disfarçar.

— Não estou entendendo, Sr. Sefton.

Sefton inclinou-se para frente.

— Já lhe disse que tive diversos empregos, Professor. E todos eram razoavelmente bem-remunerados. Deixei-os por livre e espontânea vontade, em algum caso resistindo a insistentes argumentos para continuar. Inquietação... a incapacidade de encontrar um lugar neste mundo do pós-guerra... pode chamar como quiser. Mas sei que jamais conseguirei sossegar enquanto não me livrar disso.

— Não se livrar do quê?

Sefton olhou pela janela durante um minuto inteiro antes de responder:

— É difícil explicar... Mas vou tentar. Eu era um jovem bem-ajustado na vida, com uma carreira promissora na Sontal. A guerra acabou com tudo isso. A companhia nunca mais voltou a funcionar. Muitos amigos meus morreram naquela jornada terrível e nada pude fazer para ajudá-los. Não sou um neurótico, mas ... mas... — Sefton abriu os braços, num

gesto desolado. — Oh, diabo, não sei direito o que é! Apenas sinto uma vontade incontrolável de voltar até lá, de ver os lugares que percorremos, sentir o sol forte a bater-me nas costas, sentir novamente o fedor da selva. Quero enfrentar algo de que tenho corrido durante todos esses anos, compreender que, agora, todos aqueles acontecimentos já não têm mais qualquer significado. — Sefton parou de falar abruptamente. Ensaiara o discurso, cuidadosamente, mas agora se perguntava se não havia exagerado. *Diabo, minha história não enganaria uma criança*!, pensou ele, tristemente. E tratou de acrescentar: — Sei muito bem que essa história parece absurda, Professor.

Mas o professor presenteou-o com um sorriso de simpatia.

— Não acho nada absurdo. Posso perfeitamente compreender. Também fiz parte de uma geração perdida, em 1918. Foi muito franco, Sr. Sefton. Agora, deixe-me dizer-lhe algumas coisas a meu respeito e os motivos da viagem que estou querendo realizar.

Ele empurrou uma caixa de cigarros por cima da mesa. Sefton notou que o cinzeiro ainda estava virgem e compreendeu que era o primeiro a ser assim favorecido. Sentiu sua confiança aumentar consideravelmente.

— Suponho que sabia alguma coisa a meu respeito, Sr. Sefton... minhas expedições solitárias... minha modesta reputação como autor e conferencista...

Sefton assumiu uma expressão convenientemente chocada.

— E quem não sabe, Professor?

— Nenhum dos candidatos anteriores, ao que parece — respondeu o professor, a voz um tanto amargurada. — Um rapaz já havia escutado, sem muito interesse, uma palestra de 15 minutos que fiz na televisão. A mulher confundiu-me com o Professor Lever, o ornitólogo. Os outros estavam mais interessados no que eu poderia pagar-lhes do que na expedição e seus objetivos. Seja de que maneira for, quero um homem que conheça a Birmânia Setentrional, que esteja preparado para desbravá-la, que possa guiar um jipe e cuidar de dois, que esteja disposto, em suma, a acompanhar-me numa viagem pela velha Estrada da Birmânia, partindo de Calcutá e chegando o mais perto possível da fronteira chinesa. Deve ser um homem que possa aliviar-me das tarefas indispensáveis da viagem, dando-me tempo para coletar material e tirar fotografias para meu próximo ciclo de conferências. Ao mesmo tempo, esse homem tem de ser... intelectualmente superior ao empregado assalariado comum. — O professor levantou-se e estendeu a mão. — E estou convencido de que é o homem que estou procurando, Sr. Sefton.

No coração de Sefton havia um hino de alegria e alívio.

Ele parou o jipe no alto da última elevação antes de Kohima. Na estrada sinuosa que descia até Mnipur, podia ver o segundo jipe contornando as intermináveis curvas fechadas, que multiplicavam a distância por dez. A estrada já fora quase que totalmente recuperada pela selva desde a última vez em que a vira, ao final da guerra. Era então um milagre da engenharia, uma estrada sólida por onde passavam intermináveis comboios militares, dia e noite. As pontes já estavam quase inteiramente apodrecidas e em muitos pontos a estrada ficava irreconhecível. Sefton, seguindo na frente em velocidade superior, por muitas vezes tivera que parar e esperar o professor, depois que haviam cruzado o Brahmaputra, em Gauhati.

Acendeu um cigarro e procurou, pela centésima vez, controlar a impaciência febril que o dominava. Se estivesse sozinho, poderia alcançar o cinturão seco em menos de uma semana. Mas, com a insistência do velho idiota em parar constantemente para tirar fotografias e sua recusa em viajar no auge do calor da tarde, achava que levariam pelo menos quatro vezes mais tempo. E agora parecia mais do que provável a possibilidade de ficarem detidos em Imphal. O governo indiano estava empenhado em combates esporádicos na selva com as tribos nagas, às quais fora prometida autonomia depois da partida dos ingleses e que estavam agora exigindo-a, em termos que quase equivaliam a uma guerra em pequena escala. Ah, a política! Fora a política que o impedira de ir à Birmânia Setentrional por duas vezes, anteriormente. Que diabo ele tinha a ver com tudo aquilo? Desejava apenas ter duas horas sozinho num pagode perto de Yeu...

O professor alcançou-o. E foi parar o jipe, com uma expressão triunfante, justamente no lugar que deveria evitar. Sefton gritou-lhe, furioso:

— Pelo amor de Deus! Quantas vezes já lhe disse que não deve parar na lama?

Foi até o outro jipe e empurrou o velho para longe do volante, rudemente. Ligou o jipe. O motor pegou no mesmo instante, mas as rodas ficaram girando no mesmo lugar. Sefton foi pegar a corda de reboque em seu próprio jipe e, pela vigésima vez, puxou o professor para terreno firme.

— Existem algumas regras fundamentais de boas maneiras — comentou o professor, acidamente. — As coisas estão começando a escapar ao controle, Sefton. Gostaria de lembrá-lo de que, embora você não es-

teja recebendo um salário, eu é que estou no comando desta expedição.

— Não quer atravessar a Birmânia Setentrional até a fronteira chinesa? Pois então é melhor deixar que alguém que conhece esta região dê as ordens e fazer tudo o que lhe for dito.

— Não sou criança e esta não é a minha primeira experiência na selva — reagiu o professor, furioso. — Se as coisas continuarem assim, prefiro contratar um motorista em Imphal e pagar sua passagem de volta a Calcutá.

Sefton reconheceu os sinais de perigo e procurou apaziguar o velho. Passou a mãos pelos cabelos, num gesto de cansaço, e disse:

— Desculpe, Professor. É que tudo isso me traz recordações... e acho que estou com um princípio de febre. — Sorriu, bravamente, antes de acrescentar: — Tem toda razão de censurar-me. Procurarei comportar-me da maneira devida, daqui por diante.

O professor aceitou o pedido de desculpas com uma ligeira inclinação de cabeça e voltou para seu jipe.

Assim que passarmos pelo Chindwin você pode ir para o inferno, seu velho idiota!, pensou Sefton, ao partirem novamente. Mas até então terei de tomar cuidado. Não quero estragar tudo, quando estou tão perto.

Os documentos do velho, expedidos por Nova Delhi, permitiram-lhes passar pela barreira em Imphal sem qualquer dificuldade e até mesmo com o oferecimento de uma escolta até a fronteira, que Sefton recusou polidamente. Acamparam naquela noite no alto da Trilha Tiddim, onde tanques japoneses enferrujados formavam pequenos morros verdes, cobertos por plantas trepadeiras. Depois de 12 anos, a selva ainda não conseguira apagar inteiramente as cicatrizes da batalha encarniçada que ali fora travada.

Sefton ficou deitado sob o mosquiteiro a observar as nuvens prémonções se acumularem no alto do desfiladeiro, apagando as estrelas. Também havia nuvens assim na última vez que passara por ali. Ele ficou escutando os ruídos noturnos da selva e os roncos suaves do professor, no outro lado da fogueira. Seus pensamentos remontaram há alguns anos antes.

No início, eram seis pessoas no caminhão: Findlay, o gerente escocês, alto, sombrio, ascético, estudioso de sânscrito e, segundo alguns, convertido secretamente ao budismo; Muirson, o escriturário eurasiano; dois trabalhadores karens; Ngu Pah, a linda enfermeira birmanesa, que insistira em permanecer em seu pequeno hospital até o fim; e ele próprio. Os karens haviam desertado logo no início da viagem. Muirson, intoxica-

do de ópio e dominado pela malária, morrera ao final da terceira semana. Haviam ficado apenas os três, a pé, no meio daquele anômalo cinturão seco, depois que o caminhão finalmente enguiçara. Chegaram a um pagode, pouco antes de Findlay desmaiar. Havia um poço ali. Ngu Pah, a mais leve dos três, descera pela corda semi-apodrecida para ver se restava um pouco de água no fundo do poço. Mas o poço estava totalmente seco. A corda arrebentara quando ela estava subindo, deixando-a agarrada nas pedras, a pouca distância do alto do poço. Os dois homens haviam-se esforçado arduamente para salvá-la.

Fora naquela noite que Sefton tomara a decisão. Era mais do que óbvio que Findlay não conseguiria seguir adiante. E Ngu Pah estava também começando a apresentar sinais de fraqueza. Seu corpo frágil suportara bravamente o fardo da jornada infernal, pois desde o início que carregava sua cota de água e rações, a sacola de couro que Findlay só a ela confiava.

Sefton sabia o que havia na sacola, pois vira Findlay selecionando os rubis que levariam, antes de dinamitarem as instalações. Há alguns meses que estavam sem poder despachar regularmente para Rangum as pedras encontradas. Assim sendo, eram muitas as que se acumulavam lá. A sacola deveria pesar pelo menos três quilos. Santo Deus!, pensara Sefton, três quilos de rubis não-lapidados! Mas Ngu Pah não largara a sacola um instante sequer, desde que Findlay a confiara. Chegara a pendurá-la no pescoço ao descer no poço. Sefton não sabia quando Ngu Pah começara a desconfiar das intenções dele. Por muitos anos tentara justificar-se aquele ato final de traição. Agora, não mais se importava. No mundo de Sefton, era cada um por si. Roubara a sacola naquela noite, enquanto Ngu Pah dormia e Findlay delirava de febre. E roubara também a pouca água que ainda restava aos dois e as escassas rações, partindo sozinho para a última e desesperada etapa da viagem, até Chindwin e a segurança.

Mas Ngu Pah, a pequena demônio, enganara-o. Sefton descobrira -o uma noite antes de cruzar a fronteira. Abrira a sacola para escolher as pedras que poderia levar em segurança escondidas no próprio corpo. Pretendia enterrar o resto. Se a guerra terminasse de maneira conveniente, poderia voltar mais tarde para pegá-lo. Ainda se recordava da sensação da areia e cascalho a se derramarem por suas mãos, da sacola desamarrada. Gritara desesperadamente, dominado por um acesso de fúria, no meio da selva. Ao recuperar o controle, pensava em voltar. Mas os japoneses avançavam rapidamente e podia ver a fumaça das aldeias incendiadas, a menos de dez quilômetros atrás dele. Os rubis tinham ficado no maldito

poço e ainda estavam lá. Os dois não poderiam ter sobrevivido por muito tempo. Findlay já estava quase agonizante quando ele partira. E Ngu Pah não poderia ter descido pelo poço novamente, para recuperar os rubis, porque a corda arrebentara. Por muitas vezes Sefton se torturara com a possibilidade de a jovem ter sobrevivido à guerra e voltado para buscar as pedras. Mas acabara afastando tal perspectiva. Sem comida e sem água, Ngu Pah não poderia ter sobrevivido por mais uma semana. Ele estava absolutamente convencido de que os rubis continuavam no fundo do poço.

Por duas vezes, Sefton levantara o dinheiro necessário e fora até Rangum, a pretexto de reiniciar explorações. Por mais que tentasse, no entanto, não conseguira obter permissão para ir à Birmânia Setentrional. Desde que os ingleses haviam partido que se travavam combates encarniçados ao longo do Irrwaddy. Os dois lados encaravam os visitantes com a maior desconfiança. Sefton tentara ir mesmo sem permissão e quase acabara morrendo. Na terceira vez em que tentara, haviam-lhe recusado o visto. O governo da Índia também recusara a licença que ele solicitara para exploração mineira nas montanhas de Shan. O anúncio do professor fora um presente dos deuses, a sua última chance. Desta vez, chegaria até lá. De qualquer maneira!

Seu plano já estava feito. A estrada passava por Yeu. Não havia outro caminho. Simularia um ataque de malária. O resto do caminho até Mandalay era fácil e persuadiria o professor a continuar sozinho, prometendo alcançá-lo dentro de alguns dias. Não estavam em termos tão amigáveis assim para que o professor pudesse hesitar em deixá-lo sozinho e doente. E Sefton iria de fato alcançá-lo, mas tornaria a deixá-lo logo depois. Tinha dinheiro suficiente para pagar sua passagem de volta à Inglaterra. E levaria os rubis com ele.

Sefton soltou um resmungo, jogou o cigarro no mato rasteiro e úmido, matou um mosquito e depois tratou de dormir.

Chegaram a Yeu quatro dias depois, sem qualquer novo incidente, exceto mais alguns atolamentos do professor. Sefton já tivera malária e não teve maiores dificuldades em simular os sintomas com bastante realismo, deixando o professor assustado. Teve a previdência de quebrar o termômetro da caixa de primeiros socorros. Assim, sua temperatura não podia ser tirada, o que iria desmentir a farsa das tremedeiras angustiadas todas as noites.

Reconheceu imediatamente o desvio para o pagode, ao passarem por lá durante a tarde. Alguns quilômetros a leste havia uma pequena aldeia, abandonada naqueles dias de pânico, mas agora novamente habita-

da. Existia um poço ali, que poderia ter salvado os outros dois, se soubessem de sua existência. Um sacerdote de túnica amarela estava sentado debaixo de uma árvore na junção da estrada com a trilha, com uma tigela de latão a sua frente, para receber as oferendas dos fiéis. Era o primeiro que viam desde que haviam cruzado o Chindwin, e o professor ficou deliciado, apesar de sua preocupação com a febre de Sefton. Saltou do jipe, com a máquina fotográfica nas mãos. Mas o sacerdote baixou a cabeça e cobriu a cabeça raspada com uma dobra da túnica.

— A câmara é uma espécie de olho do mal — explicou Sefton. — Esses sacerdotes não gostam delas. Mas não se preocupe com isso. Encontraremos muitos outros no lugar para onde estamos indo. Há um mosteiro em Yeu. E não sabe como estou querendo chegar lá logo de uma vez, pois me sinto cada vez pior.

Ficaram na casa de repouso do mosteiro e o professor vagueou pela aldeia durante dois dias, na maior felicidade, com a câmara nas mãos, enquanto Sefton se recuperava do ataque simulado de malária. O velho ficou ligeiramente indignado diante da sugestão de Sefton de que deveria prosseguir sozinho. Mas Sefton acabou convencendo-o, recorrendo a toda a sua habilidade. A festa Budista do Dente estava prestes a começar em Meikhtila, com fiéis vindos de todas as partes da Ásia. Seria um crime perder a oportunidade de fotografá-la. Bastava o professor acompanhar os primeiros carregamentos de teca a descerem o Irrawaddy, com o indício das monções. Ele, Sefton, não teria qualquer problema, pois os monges tratavam muito bem aos viajantes. Iria alcançar o professor em Mandalay dentro de uma semana, já totalmente recuperado. O professor acabou cedendo, lançando muitos olhares culpados para trás, ao se embrenhar pela estrada.

Sefton esperou durante a metade do dia, como medida de segurança, antes de retornar pela estrada por que tinham vindo. Não receava que o pagode estivesse ocupado. Construíam aqueles templos praticamente em todas as colinas da Birmânia Setentrional, punham uma estátua de Buda dentro e um par de dragões do lado de fora para protegê-los dos maus espíritos, abriam um poço e depois evitavam o lugar, como se estivesse infestado pela praga.

O pagode continuava exatamente como o vira na última vez. Talvez a buganvília roxa sobre a arcada que dava acesso ao pequeno pátio estivesse um pouco mais viçosa. Talvez as monções, de curta duração mas de grande intensidade naquela região, tivessem arrancado mais um pouco do reboco branco do teto. Mas o Buda continuava o mesmo, sentado, os

pés cruzados, as solas para cima, o indicador e o polegar da mão direita segurando o dedo mínimo da outra mão, a jóia na testa, tão sereno quanto há 15 anos.

Sefton avançou por mais cem metros e foi esconder o jipe num bambuzal. Não era necessário, pois ninguém o vira subir até ali. Além disso, nenhum birmanês pensaria caminhar por dois ou três quilômetros para investigar. Foi apenas o que havia de furtivo na natureza dele que o levou a agir assim, exatamente como os animais da selva, que se dão ao trabalho de esconder suas pegadas, mesmo quando nenhum perigo os ameaça. Pegou uma corda e uma lanterna na caixa de ferramentas e seguiu para o pagode. Estava suando agora, apesar do frio de fim de tarde. O coração batia descompassado e a respiração saía em ofegos curtos e irregulares, quase o sufocando.

Havia um tapete de folhas mortas dentro do pagode, que estalavam sob seus pés, ao contornar a estátua de Buda, dirigindo-se para o poço que havia atrás. Este era escuro e o facho da lanterna mal conseguiu iluminar o fundo. Sefton jogou uma pedra lá dentro e ouviu com satisfação o pequeno baque quando caiu na areia seca. Provavelmente, nunca existira água naquele maldito poço. Havia quem dissesse, como Findlay, que aqueles buracos nunca haviam sido abertos como poços, sendo apenas remanescentes de uma religião mais antiga e mais sombria, na qual desempenhavam um papel mais sinistro, destinados a sacrifícios humanos ou algo parecido.

Sefton prendeu a corda numa cornija de pedra saliente e a foi baixando na escuridão, até sentir que havia chegado ao fundo. Começou então a descer. No princípio, foi relativamente fácil, pois as pedras estavam colocadas de maneira irregular, proporcionando pontos de apoio para os pés. Fora exatamente isso que salvara Ngu Pah. Mais abaixo, porém, os lados do poço eram lisos como mármore e ele se .sentiu satisfeito por ter -se lembrado de usar sapatos especiais.

A facilidade com que encontrou os rubis foi um anticlímax, quase um desapontamento. Sentia-se como uma criança a que se incumbiu de um papel simples demais numa festa. Viu-os assim que tocou no fundo do poço e acendeu a lanterna. Estavam numa saliência na parede de pedra, envoltos no que restava de um lenço azul de seda, um monte de pedras não-lapidadas e não-polidas, que mesmo assim refletiam a luz da lanterna, com um brilho avermelhado.

Teve vontade de gritar e cantar, de jogar os rubis para o alto, como confete. Em vez disso, sentou-se na areia e acendeu um cigarro, com as

mãos trêmulas. Depois fixou o facho da lanterna nos rubis e ficou simplesmente a contemplá-los.

Dez minutos se passaram antes que conseguisse controlar-se o suficiente para tirar a camisa encharcada de suor e nela colocar os rubis. Outros dez minutos angustiantes se passaram antes que ficasse plenamente convencido da segurança da bolsa improvisada. Prendeu-a finalmente no cinto, enrolou a corda no pulso duas vezes e iniciou a difícil escalada.

Já tinha subido cerca de cinco metros quando aconteceu, o corpo afastando-se subitamente da parede do poço, enquanto os pés continuavam nas pedras. Não percebeu que estava caindo. Só o sentiu ao bater de costas na areia, com a corda sobre o seu corpo e a pedra solta a poucos centímetros de sua cabeça. Pôs-se a gritar, em tom estridente, desesperado. E ainda estava gritando e arranhando com as unhas a parede do poço quando o luar lá no alto foi subitamente bloqueado pela cabeça e ombros de um homem — um homem com a cabeça raspada e uma túnica amarela de algodão. Sefton não pôde divisar-lhe as feições, mas teve certeza de que era o monge pelo qual haviam passado na junção da estrada com a trilha para o pagode. Parou de gritar e começou a balbuciar em birmanês.

O monge respondeu em inglês, com um forte sotaque de Edinburgo:

— Eu sabia que algum dia você voltaria para buscá-los, Sefton. Sefton tentou falar, mas os músculos da garganta recusaram-se a funcionar. A voz continuou, implacavelmente:

— Os abutres sempre voltam atrás da carniça. E essas pedras são justamente isso. Antes de você, eu já estava pensando em roubá-las dos meus patrões. Já tinha infringido a fé pela intenção. Foi exatamente isso que me levou a abraçar totalmente a fé. Estas roupas que estou usando agora não são um disfarce, Sefton, mas sim a minha expiação.

Ele está louco!, pensou Sefton, procurando conter a histeria que o invadia. E foi com a voz trêmula que gritou:

— Findlay! Voltei para ver se encontrava algum sinal de você, Findlay! Não tenho podido descansar durante todos esses anos...

— Acredito, Sefton. Um homem não pode escapar a seu carma. Pois você tem agora uma oportunidade de encontrar a paz... assim como eu também.

— Findlay... não pode fazer isso comigo... não pode... não me mate...

— Eu nada fiz. Em sua ganância, Sefton, prendeu a corda numa pedra que não estava segura. Não percebe o simbolismo que há nisso?

— Findlay... Findlay... pelo amor de Deus... sei o que deve ter pensado durante todos esses anos... mas parti à procura de água e comida... para todos nós... E não consegui voltar, Findlay... juro por Deus que não consegui... perdi-me e fiquei doente... vagueei durante semanas, até ser encontrado... e tinha perdido a memória... Tem que acreditar em mim, Findlay... tem de acreditar...

Findlay parecia não ter ouvido. Sua voz era monótona, sempre no mesmo tom:

— Ah, o simbolismo divino de tudo... o sacrifício da pequena Ngu Pah... por três vezes ela fez a jornada de oito quilômetros até a aldeia, para trazer-me água e comida, depois que você roubou nossas reservas. Ela morreu ao voltar da última viagem. Enterrei-a sob a buganvília na entrada. Não sentiu alguma coisa ao entrar? Ou será que sua ganância cegou-o para qualquer outra coisa que não essas pedras?

— Não quero seus malditos rubis...

— Eles não são meus, Sefton... nem seus. Retornaram à terra, que os fizeram. Aí embaixo, não podem mais causar mal a ninguém.

— Está bem, está bem... vamos deixá-los aqui. Mas você tem que me ajudar a sair, Findlay...

— Não posso ajudá-lo nem impedi-lo, Sefton. Esse é o seu carma... e este é o meu! — Findlay estendeu as mãos para a abertura do poço. À luz do luar, Sefton viu os dedos deformados, transformados em meros cotos e sentiu um frio no estômago. — É lepra, Sefton, uma maldição que se transformou em bênção, porque foi a única coisa que me impediu de pegar as pedras para mim mesmo. E, assim, proporcionou-me a oportunidade de encontrar a expiação e a paz.

— Não pode deixar-me aqui, Findlay... isso seria assassinato. Você é um budista... e os budistas não podem matar... nem mesmo a um animal. Vá buscar outra corda, Findlay... vá buscar outra corda! — A voz de Sefton era agora um sussurro suplicante.

— Não vou matá-lo, Sefton. Nem mesmo por omissão. Mas você terá que fazer uma opção. Se eu arrumar outra corda, não conseguirei amarrá-la direito, com os dedos nestas condições. Portanto, terei de ir pedir ajuda na aldeia. Neste caso, você terá de sair daí com as mãos vazias... É uma coisa em que insisto e serei obrigado a pedir a ajuda dos aldeões caso você quebre a palavra.

— E... e qual é a alternativa? — perguntou Sefton.

— Eu lhe jogarei água e comida, enquanto precisar.

Sefton soltou um novo grito, angustiado.

— Há muito dinheiro aqui, Findlay! Muitos milhões! Seja sensato. Já existe cura para a lepra atualmente, na Europa. E você pode ter mãos artificiais, capazes de fazerem tudo o que suas mãos verdadeiras faziam. Há dinheiro de sobra, para nós dois. Arrume uma corda comprida o bastante para passar em torno da estátua e jogue as duas pontas para mim. Não precisa nem tentar prender a corda em lugar algum. Apenas deixe-me subir para conversarmos. Se não concordar com o que lhe vou dizer, irei embora pacificamente e nunca mais voltarei... juro...

— Se você subir e eu estiver aqui sozinho, Sefton, tenho certeza de que irá matar-me. Já está pensando nisso. Eu não poderia impedi-lo... nem mesmo tentaria. Mas se isso acontecesse, eu o estaria privando de qualquer chance que ainda possa ter de encontrar a paz. O que contraria tudo aquilo em que acredito. Todos nós estamos envolvidos nos destinos uns dos outros. Um homem simplesmente não pode ficar de braços cruzados, vendo outro destruir-se.

Sefton desmoronou por completo. De joelhos no fundo do poço, caiu para a frente, martelando a areia com os punhos cerrados e uivando como um animal em tormento.

Os aldeões tiraram-no do poço por volta de meia-noite e os monges de Yeu trataram-no cuidadosamente, até que o professor, preocupado por não vê-lo chegar em Mandalay, voltou para procurá-lo. Mandaram-no para sua terra, para uma casa grande, cercada por muros altos, na quietude dos campos ingleses. E lá Sefton encontrou a paz... exceto nas noites de lua cheia, quando se debate freneticamente em seu casaco de lona e põe-se a gritar sobre rubis e cordas e um monge que fica sentado à beira da estrada e é alimentando pelos fiéis.

AS LAGOSTAS

Ardath F. Mayhar

Acho que deve estar muito frio lá no rio. Mas ela não sabe disso. Não pode saber. Aqueles olhos grandes e castanhos, parecendo inocentes, ainda devem estar arregalados lá no rio, a menos que as lagostas... Oh, Deus, como eu gostaria de não saber coisa alguma a respeito das lagostas!

Ela tem uma pele muito branca e macia, como um filhote de coelho ou de qualquer outro animal. E a pele brilhava, mesmo através da água lamacenta do rio. Pude ver perfeitamente, a pele brilhando e brilhando, enquanto ela afundava. Os cabelos se abriram na água, pretos e se enrascando, ao luar. E se remexendo na água enquanto ela afundava... e depois as lagostas...

Posso dizer-lhes que ela era uma vagabunda. E acho que todo mundo sabia disso. Vivia sorrindo para todo homem que aparecia. Foi por isso que mudei para longe, para perto do rio. Nenhum caixeiro viajante aparece por aqui. Não há mulheres da Avon vendendo a danação. Não há homens passando nos carros e caminhões e olhando para ela, enquanto trabalhava no jardim. E ela se abaixava, mostrando as pernas! Ah, a vagabunda!

Deve ter nascido assim. Tinha apenas 14 anos quando me casei com ela e ainda não tinha tido tempo de aprender coisa alguma a respeito dos homens. Era má por natureza, flertando quando íamos à cidade, sor-

rindo para os caixas do banco, com seus ternos e camisas brancas. Olhando para eles com olhos de luxúria e adultério. Na primeira vez, quando voltamos para casa, dei-lhe uma surra de verdade.

Pela maneira como ela chorou, qualquer um pensaria que estava doida. O pai dela nunca teve muita energia com as mulheres da família. Deixava que agissem a sua vontade, no caminho para a danação. A mulher dele tinha até dinheiro para gastar quando tivesse vontade. Por isso tudo é que, às vezes, penso que Mattie não era a única culpada por seu comportamento pecaminoso.

Mas a surra que dei nela não adiantou muita coisa... não por muito tempo. Ela passou a andar de cabeça abaixada e com os olhos fixados no chão, como o decoro exige. Mas de repente ela via alguma coisa, uma flor, um passarinho, algo assim. E toda decência desaparecia num segundo e ela desatava a rir para si mesma. Quando Mattie ria, qualquer homem num raio de um quilômetro ficava olhando para ela, como se já a conhecesse.

Uma tarde cheguei em casa e Mattie me recebeu falando pelos cotovelos. Estava na porta, com um palavrório que quase me deixou surdo. Dei lhe uns dois bons tapas e acalmei-a, exatamente como meu pai costumava fazer com minha mãe, se ela falava mais do que convinha a uma mulher. Mattie não disse mais nada. Pôs o jantar na mesa e saiu para o quintal dos fundos, pondo-se a arrancar o mato. Dei uma olhada para ver se ela não se estava encontrando com ninguém, antes de sentar para comer.

No dia seguinte, nossa vizinha, a Srta. Rogers, encontrou comigo e perguntou, com um ar de malícia, quem andara visitando Mattie no dia anterior. Tive a sensação de ficar ardendo todo, um calor que subiu dos pés e logo alcançou a cabeça. Pensei que ia explodir de tanta raiva. A vizinha me olhou com uma cara assustada e foi embora antes que eu pudesse responder.

Ainda não era meio-dia, mas voltei para casa imediatamente. Quando cheguei, Mattie estava na cozinha, rindo. Aproximei-me de mansinho e dei uma olhada. Mas não havia mais ninguém. Mattie estava rindo sozinha. Era mesmo doida. E uma rameira ainda por cima.

Abri a porta de tela com um safanão. A cabeça parecia que ia explodir, com o sangue latejando, latejando... Mattie me viu e ficou muito branca, com uma cara esquisita. Joguei-a no chão e fiquei esperando que se levantasse. E disse então tudo o que ela era. A Meretriz da Babilônia não era nada perto das coisas que falei para Mattie.

Fiz ela engolir todas as suas mentiras, junto com alguns dentes. Ela balbuciou uma história qualquer de pneus furados e mulheres com crianças que tinham sede. Mas logo acabou desistindo de falar qualquer coisa. E já não estava tão bonita assim quando terminei. O nariz estava virado para o lado e os olhos estavam tão inchados que nem dava para ver a cor. E eu pensei: Que diabo, é melhor estar casado com uma mulher feia, para não ter que ficar o tempo todo ocupado a manter os outros homens longe dela.

No dia seguinte fui ver meu pai. Não contei para ele o que estava acontecendo, mas papai está sempre lendo a Bíblia e sabe de uma porção de coisas. Imaginou logo o que era. E me disse que sabia de uma terra boa que estava para alugar, perto do rio. Disse também que, se eu quisesse, podia arrumar alguém para cuidar da minha terra e terminar a colheita. A primavera mal tinha começado e eu ainda teria tempo para plantar uma nova colheita na terra úmida perto do rio.

E assim mudamos para lá. Tinha uma cabana que não era nada ruim, embora sem esses confortos. Mattie começou a falar alguma coisa sobre ter que carregar água tão longe. Mas bastou eu olhar de cara feia para ela se calar. Preparei o terreno na frente da cabana e Mattie plantou um jardim. Mas parecia não se importar se as plantas crescessem ou não. Simplesmente não cuidava das plantas. Foi por isso que tive certeza de que só o fazia na outra casa para poder abaixar-se e mostrar as pernas aos homens que passavam na estrada. E também não se interessava mais em arrumar a casa. Passava o dia inteiro andando de um lado para outro, como se escutasse alguma coisa dentro da cabeça. A mãe dela apareceu algumas vezes para uma visita. Mas eu não queria que a mãe ficasse metendo idéias tolas na cabeça de Mattie e acabei com essas visitas.

Chegou ao ponto que eu detestava voltar para casa, depois que terminava o trabalho. Ficava fora de casa até depois do escurecer ou ia pescar à noite no rio junto com os negros. Mattie me olhava de uma maneira esquisita, como se eu metesse medo. Eu tinha uma sensação estranha toda vez que ela me olhava assim.

O fato é que Mattie pareceu secar depois que a levei para um lugar em que não podia mais sorrir para os homens e flertar por toda cidade nos sábados. Ela nem mesmo tentava conversar comigo. Eu ainda tentava puxar conversa, para animar um pouco as coisas. Mas Mattie mantinha os lábios fechados por cima dos dentes quebrados.

Os olhos dela foram ficando cada vez mais esquisitos. Já eram muito grandes, mas foram ficando cada vez mais profundos, como o remanso

no rio e igualmente cheios de coisas estranhas. Eu chegava em casa de noite e ela ficava-me olhando e olhando, como se estivesse vendo um inseto ou uma cobra. Estava louca de verdade.

Uma noite cheguei em casa morto de cansaço. A colheita já tinha acabado e eu passara o dia inteiro pescando. Mas estava um daqueles dias quentes que deixa qualquer um sem fôlego. Não havia ar à beira do rio, porque as árvores pareciam formar uma muralha e não deixavam o ar passar.

Enquanto eu comia, Mattie ficou parada junto da bacia, esperando pelos pratos. E de repente ela se virou, com o facão de carne na mão, partindo para cima de mim. Se eu não tivesse levantado a cabeça nesse momento, Mattie teria acabado comigo. Mas acontece que vi a tempo e compreendi tudo no momento em que ela me atacou. Fechei as mãos em torno do pescoço macio dela e apertei. Quando abri as mãos, Mattie estava morta.

Minha família sempre foi muito orgulhosa, honrada e respeitada por estas bandas. E eu tinha certeza de que meu pai morreria se me enforcassem por causa de uma mulher. Por isso, carreguei o corpo de Mattie pelo mato até o rio.

Podia ouvir as cobras saindo da minha frente quando a arrastava pela trilha. Os crocodilos estavam urrando e a lua cheia se levantava no céu. Não foi fácil levar Mattie até a beira do rio. Ela era bem alta, apesar de ser magra. Mas acabei conseguindo. Amarrei no corpo alguns pesos das redes que estivéramos preparando durante o dia. Não eram muito pesados, mas também ninguém subia depois que afundava. Empurrei o corpo de Mattie para dentro da água. E ela afundou, devagar, a lua fazendo sua pele brilhar e brilhar, como se fosse um sonho.

Só no dia seguinte é que comecei a pensar nas lagostas. Mesmo quem nunca viu um corpo comido pelas lagostas não vai querer ver. É um espetáculo para deixar embrulhado o estômago de uma cabra, quanto mais o de um homem. Fiquei pensando nela lá no fundo do rio, com os bichos comendo primeiro os olhos, depois a pele macia. E não estava suportando. Ainda me contive por dois dias inteiros. Saí com os negros para uma pescaria rio abaixo e só voltei na manhã do terceiro dia. Ah, essa manhã... parece que foi para sempre.

Alguma coisa me arrastou até o remanso fundo onde tinha jogado o corpo. Foi como se eu não me conseguisse controlar. Não pude ver nada quando cheguei lá. Pensei que as lagostas já deviam ter comido uma boa parte do corpo. E fiquei pensando e pensando nisso, e tive vontade de ver

o que já tinham feito com ela. Pensar era pior do que saber. Peguei uma vara comprida e comecei a remexer o fundo do remanso. Eu não queria, mal podia suportar o que estava fazendo, mas alguma coisa me fazia continuar a remexer e cutucar com a vara, até que a encontrei.

O corpo devia ter ficado preso num tronco submerso ou algo parecido, porque subiu facilmente e devagar, assim como tinha afundado. E vomitei na água, até pensar que ia jogar também minhas entranhas para fora. Fui então pegar pedras grandes e corda, a fim de afundar o corpo para sempre, pois nunca mais queria ver o que as lagostas tinham feito com ela.

Mas acho que devo ter ficado meio fora de mim. Saí vagueando a esmo pelo mato e terminei todo roxo de tropeçar e cair, de esbarrar nas coisas. Voltei para casa, mas a casa parecia espiar-me de maneira tão terrível que nem entrei. Fui para a casa de papai. Claro que não lhe contei o que tinha acontecido, mas percebi que ele estava imaginando. Emprestou-me uma calça limpa e cinco dólares. Fui para a cidade. Precisava ver gente, ficar longe do mato.

A primeira pessoa que encontrei foi Will Pollard, que me lançou uma piscadela e disse:

— Tenho uma moringa cheia escondida lá nos fundos da loja de ferragens.

Fui com ele. Acho que Will Pollard quase não bebeu. Eu é que tomei quase tudo. E a próxima coisa de que me lembro é que ele estava-me olhando com os olhos esbugalhados naquela cara branca de peixe morto.

E agora me trancaram aqui e todo mundo foi até lá, para tirar Mattie do fundo do rio. E me olham como se eu fosse o doido e o pecador: Mas eles vão ver o que eu vi quando o corpo subir.

Malditas lagostas!

LUDMILA

David Montross

Geralmente a avó começava a gritar-lhe no instante em que a porta se abria, indagando por que Ludmila se demorara no bosque ou se, por acaso, se comportara mal na escola e por isso fora castigada. Havia ocasiões em que a avó nem mesmo isso dizia, arremessando o travesseiro contra Ludmila, sempre preparada para pular de lado. Mas naquele dia foi diferente. Nenhum travesseiro foi-lhe arremessado. E também não houve gritos.

— Babushka?

Arriscando um olhar para a avó, Ludmila viu as trancas brancas espalhadas sobre o travesseiro e a coberta puxada para o alto, como a arrumara algumas horas antes. Teve vontade de dizer: "Perdoe-me pelo que fiz esta manhã, Babushka. Não queria ser uma menina má. Por favor, perdoe-me e diga alguma coisa. Por favor..."

Se a avó não falasse agora, passaria dias e dias sem dizer coisa alguma. Nem uma única palavra. Talvez só voltasse a falar depois que a neve começasse a cair e o pai e irmãos de Ludmila tivessem voltado da colheita.

Cuidadosamente, para não acordar a avó, Ludmila arrumou os rabanetes e o repolho sobre a mesa, juntamente com uma preciosa fatia de porco salgado. E depois foi pôr lenha no fogo. Babushka vivia-se queixando de estar com frio, mesmo no tempo mais quente. A cada dia, Ludmila

tinha que descrever círculos maiores pelo bosque, a fim de pegar lenha. Na primavera seguinte, pediria ao pai e irmãos para deixarem uma pilha maior de lenha, antes de partirem para a colheita no início do verão. Se Babushka quisera a cabana mais quente naquele verão do que no anterior, certamente haveria de querê-la ainda mais quente no verão seguinte.

Mas, por outro lado, Ludmila já estaria então com 13 anos e seria capaz de cortar alguma lenha. Ou pelo menos os galhos mais baixos dos pinheiros e bétulas em torno da clareira. Se pudesse fazê-lo, os homens teriam o tempo necessário para escavar o poço que algum dia levaria água para dentro da cabana. Ou talvez pudessem fazer um cercado em torno da horta, a fim de que os coelhos e veados não roubassem tudo o que plantavam, como vinha acontecendo. E agora quase não havia comida para o inverno que se avizinhava. O simples pensamento deixou-a mais faminta do que o habitual. E quase já não havia rublos em casa, até que o pai voltasse.

Evitando olhar para a avó, que detestava ser surpreendida dormindo, Ludmila fritou o porco, descascou os rabanetes e cortou o repolho, pondo tudo para cozinhar no fogo, com o resto de água que ainda estava no balde. Pôs o xale e saiu de novo, atravessando a clareira na direção do riacho que corria ruidosamente sobre as pedras, quase como uma balalaica de Shura.

Se ficasse fora de casa por mais algum tempo, Babushka continuaria a dormir e haveria menos tempo para que se queixasse. De qualquer forma, era melhor ficar ali fora, pensando e contemplando as moitas e as árvores. E o cheiro era também melhor. O cheiro no interior da cabana era simplesmente horrível.

Ao voltar para casa, fingiria que acabara de chegar da escola e do armazém. A avó, como sempre, poderia gritar ou jogar-lhe o travesseiro. Depois, tomariam a sopa e iriam dormir. Dentro de alguns dias, talvez uma semana, o pai e os irmãos estariam de novo em casa. Babushka ficava mais calma sempre que eles estavam em casa.

Mas era como o pai dissera, na primavera anterior:

— Se você tivesse que ficar na cama com as pernas paralíticas, minha querida Ludmila, também estaria rabugenta e implicante.

Se o pai o dissera, então era assim mesmo. Afinal, ele não era o melhor pai que existia no mundo? Ajudava-a nos deveres de casa e sempre aparecia na escola nos dias mais escuros do inverno, no momento em que Ludmila se preparava para iniciar a longa e solitária viagem de volta a casa, através dos bosques. O Camarada Varvara, o mestre-escola, dizia

que cada pessoa devia produzir de acordo com sua capacidade e colher de acordo com suas necessidades. Mas a avó comia sem produzir qualquer alimento. O pai dizia que, na idade dela, isso era natural; no passado, a avó já produzira muito.

Naquele verão, quando os passarinhos e outros animais vinham devorar a horta, quando não havia forragem para alimentar o gado e os carneiros, quando não havia o que dar aos porcos e galinhas, estavam presentes todos os indícios de que os lobos voltariam a aparecer no próximo inverno, segundo o velho Nikolai, do armazém. Há três anos que ninguém da aldeia via um lobo. Mas todos sabiam que, quando as pessoas morriam de fome, os lobos sempre apareciam.

Ludmila jamais vira um lobo, mas já os ouvira uivando. E com bastante frequência. Babushka sempre dizendo que as meninas más só serviam mesmo para alimentar animais selvagens.

Ah, seria maravilhoso quando o pai e os sete irmãos voltassem! Provavelmente ainda naquela semana, dissera o velho Nikolai, sacudindo a cabeça tristemente, porque um retorno prematuro significava uma má colheita e menos comida para todos. De qualquer maneira, o pai manteria os lobos longe da cabana, como sempre o fizera antes.

Assim que todos estivessem em casa, não mais haveria as manhãs escuras e solitárias, quando Ludmila tinha que se levantar da cama em que dormia com a avó, quebrar o gelo no balde com água e cozinhar a *kasha*, depois de ajudar Babushka com o penico.

Havia ocasiões em que a avó reclamava tanto e a retardava de tal forma que Ludmila tinha de correr pelo bosque até a estrada e daí até a aldeia, mesmo assim chegando atrasada à sala comunal onde funcionava a escola. O Camarada Varvara sempre a castigava com deveres de casa extras, a serem feitos à luz de vela. Se a avó pelo menos pudesse produzir velas ou não demorasse tanto no penico...

E lá estava a primeira estrela. Outras despontaram um instante depois, brilhando cada vez mais intensamente, apesar da lua já estar subindo pelo ar, que naquela noite estava tão amarela quanto as bétulas durante o dia. Uma noite maravilhosa, impregnada pelos sussurros que vinham do bosque.

No ano passado, o pai e os irmãos tinham chegado um mês depois, cantando ruidosamente, vindos da aldeia, onde os caminhões tinham-nos deixado. Haviam saído correndo ao verem-na acenar, disputando para ver quem a alcançaria primeiro. Quem quer que o conseguisse, imediatamente a levantava nos braços e quase a sufocava de apertos e beijos, demo-

rando bastante antes de largá-la para o seguinte na fila. Mas nenhum deles jamais corria para beijar a avó.

Seria ótimo se eles voltassem mais cedo este ano, como o velho Nikolai afirmava que iria acontecer. Mas seria triste por causa das pessoas que iriam morrer de fome naquele inverno, talvez até algumas de sua própria comuna.

Qual das pessoas de sua família poderia morrer?

Não o pai, que era forte e saudável. Não os irmãos, porque eram jovens e fortes. Não Babushka, que não era jovem nem saudável, mas era a mais forte de todos. Era o que o pai estava sempre dizendo. Cada vez que Babushka lhe perguntava:

— Quem é o mais forte de todos nós?

— E você, querida mãezinha.

Babushka sacudia a cabeça e sorria, mostrando as gengivas encolhidas. Os sete meninos e Ludmila riam e aclamavam. Porque o pai sempre se postava num lugar em que Babushka não podia vê-lo e piscava alegremente, para indicar o que realmente pensava.

Mas com todos eles tão fortes, restava apenas uma pessoa que era fraca. Uma menina má, que não podia cortar lenha, que ficava irritada quando Babushka se demorava no penico todas as manhas, que detestava trazer-lhe água para que se lavasse, que não gostava de arrumar a cama e ajeitar o travesseiro sob as trancas brancas.

Pobre Babushka... Era fácil demais odiá-la, era difícil recordar que estava velha e aleijada. Mas como alguém poderia amá-la, se cheirava tão mal e gritava tanto? Naquela manhã, quando Ludmila já estava atrasada para a escola, Babushka arremessara-lhe o travesseiro, alegando que estava duro. Ludmila desatara a chorar. Jogara o travesseiro contra a avó, vendo-o cair sobre o rosto encarquilhado. Minutos depois estava correndo a caminho da escola, o mais depressa que podia, chorando sem parar.

Mais estrelas. Ao luar, as sombras iam ficando cada vez mais difusas e compridas. Ludmila afastou-se do córrego e atravessou a clareira até a porta da cabana. Sentou-se no balde virado ao contrário, sem querer entrar.

Um grito ou um travesseiro em sua cara? Uma queixa ou uma exigência? O que aconteceria se reagisse ao grito? Ou se tornasse a jogar o travesseiro em Babushka? E se ela não entrasse, ficando ali fora, à espera do pai e dos irmãos?

Quando eles chegassem Ludmila gostaria mesmo de ficar dentro de casa. A cabana estaria então ressoando de conversas e risadas. E de noite

ouviria o violino de Oleg e a balalaica de Shura, sob o acompanhamento das palmas ritmadas do pai. Rodio, Vukuly e Kyril dançariam um *gopak*. E depois Ludmila valsaria com todos eles, contando cuidadosamente para que não brigassem para decidir quem seria o próximo. Não havia música e dança todas as noites, porque, uma vez por semana, os homens iam até a aldeia, para beber cerveja e conversar com os amigos.

Se ela morresse de fome naquele inverno, com quem eles iriam dançar? Ludmila assoou o nariz com a ponta do xale. Morrer talvez não fosse tão ruim assim. No céu, ela descobriria pessoalmente como a mãe era. É verdade que o Camarada Varvara dissera que não existia o paraíso. Ela contara a história ao pai, que comentara:

— É bem possível. Mas, seja como for, sua mãe era um anjo.

Só que o pai não conseguia recordar-se se ela era grande ou pequena, feia ou bonita. Sabia apenas que tinha sido a mulher certa para ele e jamais descobrira outra igual.

Babushka dizia que nenhuma mulher, muito menos a segunda esposa do filho, merecia tal devoção. Além do mais, ele não precisava de uma segunda esposa, já tendo sete filhos homens. O que a segunda esposa poderia fazer a não ser produzir outra menina inútil? Era ótimo que não tivesse havido outra filha além de Ludmila. A própria Ludmila já era demais, tão faminta que era. Às vezes, quando Babushka começava a falar sobre meninas fracas, meninas más, meninas famintas, Ludmila sentia vontade de machucá-la.

Dois anos atrás, quando Babushka se levantava pela manhã da cama que partilhava com Ludmila, sofrera subitamente uma queda. O pai atravessara correndo a cortina que dividia a cabana. Ludmila estava tão assustada que se pusera a chupar o polegar, coisa que há anos não fazia. Babushka estava de olhos fechados e respirava tão ruidosamente como se estivesse roncando. Quando o pai se ajoelhara ao lado dela e começara a chorar, Ludmila desatara também a chorar.

Mas a avó finalmente abrira os olhos, revirando-os. E mais algum tempo se passara antes que resmungasse:

— Ludmila... Ludmila... ela me empurrou...

Um médico viera examiná-la, para determinar sua remoção para um hospital. Dissera que Babushka sofrera um derrame e nunca mais voltaria a andar. E acrescentara que havia poucos leitos para os vivos, muito menos para os agonizantes. Alegara que não havia razão para transferir Babushka para o hospital. Ela poderia morrer a qualquer momento, de um choque súbito ou simplesmente pelo coração parar. Ou podia sobreviver

por muitos anos. Mas era justamente esse o problema. Eles estavam mais preocupados com aqueles que podiam recuperar-se e voltar a produzir.

Ludmila pensara em perguntar: e o que vai acontecer comigo? Os verões já eram terríveis. E se a avó tivesse de ficar na cama, o próximo verão seria ainda mais longo e difícil, com os homens longe de casa.

Dois anos... Um tempo interminável. E jamais ouvira um "obrigado" ou um "por favor" de Babushka. Só fazia gritar e jogar o travesseiro nela. No inverno passado, o pai ficara furioso por causa disso:

— Já chega! Está sendo rude demais com Ludmila. Ela está trabalhando mais do que você poderá voltar a fazê-lo.

Babushka ficara tão ofendida que mal falara durante todo o inverno. E passara a beliscá-la durante a noite, os dedos cruéis encontrando a perna, o braço ou uma orelha de Ludmila. Ela beliscava e beliscava até que Ludmila não conseguia mais aguentar. Empurrava a avó para longe. Mas a velha nunca mais caíra da cama.

Ludmila suspirou e pegou o balde. Abriu a porta e hesitou por um instante, esperando que o travesseiro voasse em sua direção. Mas a avó continuava exatamente como a deixara pela manhã. Com o travesseiro ainda comprimido sobre o seu rosto.

Cuidadosamente, Ludmila largou o balde no chão. Tirou a panela do fogo e serviu sopa em sua tigela. Pegou uma colher e tomou tudo, saboreando lentamente. Depois, sem olhar para a cama, levantou-se e serviu-se do resto da sopa, tomando tudo tranquilamente.

OBITUÁRIO

Paul Theridion

O repórter Bartholomew Schreiber e o copydesk A.T. Ropos estavam mesmo fadados a um final trágico.

Como editor de assuntos municipais, eu os conhecia muito bem. Eram como elementos químicos que são inofensivos quando estão separados, mas tornam-se perigosos quando são reunidos.

Schreiber, repórter de assuntos gerais, era um cara grandalhão e meio molenga, que se desenvolvera fisicamente em todas as direções, mas não emocionalmente.

Às vezes, eu conseguia arrancar excelentes resultados de Schreiber com um apelo ao orgulho dele. Afinal de contas, vinha de Yale e considerava excelente sua preparação profissional. Mas seu trabalho era por demais irregular, apesar de ter chegado perto do Prêmio Pulitzer.

Nosso jornal é de tamanho médio e temos quatro redatores no copydesk, dirigidos pelo editor-geral, encarregados de pentear as reportagens locais e as notícias vindas das agências e de fazer os títulos e manchetes. Tudo transcorria tranquilamente, até que Dlem Lotho decidiu largar o jornal e se aposentar, pelo plano mesquinho de pensão do jornal.

Com tantos jornais encerrando suas atividades como acontece atualmente, podíamos escolher o substituto de Lotho entre diversos candidatos. A escolha acabou recaindo em Ropos, que já fora copydesk de alguns jornais importantes e era um típico egresso de Harvard. Nós o

chamávamos familiarmente de A.T. Como sua ficha no Departamento de Pessoal indicava, as iniciais não representavam nome algum, conferidas por pais caprichosos, que não acreditavam em prenomes.

Ropos era baixo e magro, cabelos sempre rebeldes, sobrancelhas espessas, bigode imenso, que lhe cobria a boca e boa parte do queixo. Encarava a língua, apesar de sua textura delicada, como algo tão tangível quanto ferro batido. E estava disposto a defendê-la até a morte contra a corrosão insidiosa da mudança e as investidas drásticas do abuso.

Ao entrar no jornal, Ropos levou sua tesoura pessoal, instrumento sempre usado por todo copydesk que se preza. Eu jamais tinha visto uma tesoura igual numa redação. Tinha dois palmos de comprimento, niquelada, forjada com aço Soligem. Ele guardava uma pedra de amolar em sua gaveta, na extremidade da mesa em forma de ferradura do copydesk. Todas as manhãs, antes de começar a trabalhar, ele afiava a tesoura meticulosamente, a luz dançando nas lâminas.

Era um velho costume de nosso jornal que todas as fotos de uma reportagem fossem coladas numa tira de papel grande pelo repórter que a escrevera. Sempre que eu passava uma reportagem para o editor-geral, podia ver a ansiedade com que Ropos aguardava a matéria. Com uma das mãos, ele brandia a tesoura, enquanto a outra acenava freneticamente com um lápis, como se fosse um maestro a conduzir uma ópera de Wagner num teatro em chamas.

A primeira vez em que Ropos pegou uma matéria de Schreiber ocorreu a escaramuça inicial do que em breve iria tornar-se uma guerra total. A notícia, fora dos padrões habituais de Schreiber, era por demais sentimentalista, contando a história de uma menina cega que morava nos arredores da cidade. Os vizinhos rústicos haviam-se cotizado para enviá-la aos cirurgiões mágicos da Clínica Mayo e se esperava que houvesse uma cura milagrosa.

Schreiber ficou observando, de trás de sua velha máquina de escrever, com uma expressão apreensiva, enquanto Ropos pegava a matéria.

— Ah! Ah! — Gritou Ropos, os olhinhos pretos se iluminando. — Consenso geral de opinião, hem? — O lápis implacável cortou a redundância, deixando apenas consenso. — Agarrava a boneca contra o peito esquerdo, hem? — E o lápis tornou a entrar em ação, corrigindo para lado esquerdo do peito. Um instante depois, Ropos sacudiu a cabeça, murmurando: — Pura conversa fiada... — E a tesoura afiada cortou a matéria, fazendo com que Schreiber sentisse um frio no estômago. Um parágrafo irrelevante caiu na cesta de papel, como um apêndice extirpado pelo bis-

turi do cirurgião.

E o lápis de Ropos deslizou velozmente sobre o papel por alguns momentos. Ao terminar, Ropos deu uma pancadinha no texto agora subjugado e exclamou novamente:

— Ah! Ah!

E em seguida fez um título irônico, que se ajustava perfeitamente.

Mais tarde, quando as rotativas começaram a girar, o velho prédio tremeu todo, assim como Schreiber. Ao receber um exemplar com a tinta ainda úmida, Schreiber empalideceu ao ler sua reportagem truncada.

Schreiber foi até a mesa do copydesk, onde Ropos estava admirando sua obra.

— Carniceiro abominável! — gritou-lhe Schreiber.

— Repórter de meia-tigela!

— Abutre de Harvard!

— Besta de Yale!

Se o editor-geral e eu não tivéssemos intervindo, a tragédia não teria sido adiada. Na minha opinião, o texto de Schreiber ficou bem melhor depois da cirurgia de Ropos. Mas foi a alegria sádica de Ropos, no decorrer da operação, que deixou o repórter enfurecido.

Por algum tempo, tive esperanças de que algo de bom resultasse do conflito. Schreiber passou a se esforçar cada vez mais. Antes de entregar uma reportagem, passou a relê-la com todo cuidado, à procura de erros.

A evidente devoção de Ropos à excelência editorial inspirou os outros membros do copydesk, que passaram a sentir um novo ânimo em sua eterna luta contra os repórteres.

A tragédia ocorreu quando o editor-geral e eu estávamos no café imundo do jornal, tomando uma xícara. A história foi-me relatada mais tarde em detalhes pelos que a testemunharam. Schreiber levantou-se de sua mesa com uma notícia pequena que tirara da gaveta. Há semanas que vinha remendando aquela notícia, não deixando que ninguém a visse.

A redação ficou em silêncio quando Schreiber encaminhou-se para Ropos, na mesa do copydesk.

— Quero ver se consegue cortar esta notícia — disse-lhe Schreiber, beligerantemente.

O sorridente Ropos pegou o texto, a tesoura cortando o ar em expectativa.

O sorriso de Ropos desapareceu quando ele leu a notícia. Virou-se para olhar Schreiber, que havia sacado de um revólver e disparou à

queima-roupa no peito de Ropos.

Impulsionado pelo sentimento de ultraje, Ropos pulou de sua cadeira como uma mola, a tesoura *en avant*. E mergulhou-a no coração do repórter. Os dois adversários tombaram mortos em plena redação.

Quem foi o vencedor dessa trágica batalha? Talvez a resposta estivesse no sorriso débil que ficou nos lábios do repórter, a vida perdida pela mesma tesoura que mutilara tanto a sua prole.

Pois na mão de Ropos tinha ficado a notícia escrita por Schreiber e que informava sucintamente:

> *A. T. Ropos, 49 anos, copydesk do Bugie, foi mortalmente baleado às 10:30 horas da manhã de hoje, em plena redação, pelo repórter Bartholomew Schreiber, de 42 anos o qual, por sua vez, foi mortalmente apunhalado pelo copydesk.*

A notícia de Schreiber, que exigia apenas um título, feito pelo editor-geral, foi publicada na edição seguinte, sem que se alterasse uma única palavra.

O LOUCO DAS HISTÓRIAS INFANTIS

Betty Ren Wright

Apenas uma coisa diferenciava aquela carta, que assinalou o início do terror, das outras vinte que já abrira. As outras eram dirigidas ao Editor Juvenil da Companhia Editora Webster. Aquela era endereçada à Sra. Julia Martell, Editora de Livros para Crianças.

Julia não sentiu o menor prazer nisso. Preferia o anonimato em seu trabalho, que consistia principalmente de dizer não às pessoas. De um modo geral, mal olhava para as cartas, concentrando-se rapidamente nos originais que as acompanhavam. As cartas quase sempre falavam demais, descrevendo em cores vivas o principiante desesperado, a dona-de-casa frustrada, a mãe atormentada pela pobreza.

Ela tirou uma única folha do envelope. *Cara Miss Muffet*, começava a carta. Julia deixou escapar um suspiro de alívio, prevendo pela citação da personagem infantil uma carta inteligente. *Em anexo, encontrará minha contribuição a seu trabalho. Foi planejada especialmente para você mesma e ninguém mais. Espero que seja útil. Se não for, voltará a receber notícias minhas. Atenciosamente J. Smith.*

Examinou os pacotes, procurando o que estivesse endereçado com a mesma letra. Ali estava, com meia dúzia de carimbos de *Frágil e Manipular com Cuidado.*

Fred Thompson parou ao lado dela, os braços cheios de pranchas com desenhos, olhando com uma expressão divertida para o pacote.

— Deve valer o peso em ouro.

— Então não vale nada, porque parece vazio — respondeu Julia, secamente.

Ela abriu o pacote. Era uma caixa pequena, com um tampa fina de madeira. Puxou a tampa.

Sua primeira reação foi de incredulidade. Mas ali estava, a aranha preta e peluda, as pernas dobradas, o corpo tremendo, pronta para se defender. E subitamente as pernas se mexeram.

— Oh, não! — exclamou Julia.

Ela se encolheu toda, pois tinha pavor de todos os bichos que rastejavam, enquanto Fred batia com as pranchas em cima da aranha.

A drugstore muito iluminada assinalava o início de sua casa. Parava ali todas as noites, depois de saltar do ônibus, para comprar um jornal, algum sorvete ou o colírio que lhe permitia ler por tantas horas. Talvez gostasse daquela drugstore porque a recordava de outra em que trabalhara, quando estava na universidade — antes de conhecer, casar e ser rejeitada por Ted Martell. Certamente a simpatia dela nada tinha a ver com os vendedores e farmacêuticos, que entravam e saíam, à maneira da cidade grande, com uma regularidade monótona.

Acenou com a receita para o homem de casaco branco que estava nos fundos da loja e deixou-a em cima do balcão. Foi pegar um jornal e largou uma moeda ao lado da receita.

— Mais alguma coisa? — indagou o homem.

— Não — respondeu Julia, com alguma relutância.

A loja tão aconchegante parecia-lhe extremamente repousante, depois de tudo o que passara durante a tarde.

É claro que ficara tão perturbada em parte pela agitação dos outros. A começar por Fred, demonstrando mais preocupações nos olhos do que deixava manifestar em seus comentários, quase todos mandando para o inferno; e lugares afins os autores de brincadeiras de mau gosto. E depois os demais leitores de originais e secretárias que haviam comentado a aranha até o final do expediente. O próprio Sr. Webster aparecera, atraído pelo excitamento naquele santuário normalmente tão silencioso.

Julia detestava atrair atenção, que sempre ameaçava transpor as barreiras que erguera a seu redor. Não era fácil manter essas barreiras. Sabia que, de acordo com os psicólogos, não apenas era difícil, como também errado. Mas não lhe restava outra coisa a fazer. Havendo-se entregado integralmente, tolamente, recebendo o presente de volta sem

qualquer agradecimento, não podia mais arriscar-se novamente. Portanto, não mais iria depender de ninguém. Era parte da barganha que fizera consigo mesma, nos meses seguintes à partida do marido.

Mas não fora apenas a atenção dos colegas de trabalho que a deixara transtornada. E foi pensando nisso ao deixar a drugstore e seguir apressadamente pelo quarteirão, até o prédio de apartamentos em que morava. E também não era apenas por causa da aranha — inofensiva, diga-se de passagem. Estava perturbada porque fracassara em sua determinação de evitar qualquer confusão. Em algum lugar, existia uma pessoa que se chamava J. Smith e que a odiava intensamente. Julia assim o sentia, intuitivamente. Logo ela, que se esforçava tanto para permanecer alheia a todo e qualquer sentimento, via-se agora envolvida nas emoções intensas de outra pessoa.

Abriu sua caixa de correspondência e pegou um punhado de cartas. Contas. Dois convites para conferências sobre livros. Uma carta de sua tia, de Bangor, agradecendo o presente de aniversário.

E um envelope endereçado à Sra. Julia Martell, Editora de Livros para Crianças.

Pôs as outras cartas na bolsa, abriu a porta do elevador automático e entrou. Abriu o envelope quase que com ansiedade. Percebeu imediatamente que era o mesmo tipo de papel, o mesmo tipo de letra. Mas a saudação era diferente.

Cara Miss Humpty Dumpty. Gostou da minha primeira sugestão? Espere outra para breve.

O elevador começou a subir, com um solavanco. Julia estendeu a mão para o botão de emergência. Mas hesitou, não chegou a apertá-lo. O elevador diminuiu a velocidade, parou. As portas se abriram e ela deparou com seu vestíbulo familiar, a luz abafada, o tapete cinza, a mesinha com lilás. Saiu do elevador e ficou esperando que o coração parasse de bater tão violentamente.

Humpty Dumpty levou um tombo...

Recordava os tempos de criança, o enigma de Humpty Dumpty, um ovo, que levava um tombo e nunca mais se conseguia juntar os pedaços.

Mas não seria no elevador nem ali no vestíbulo, onde outro morador poderia ser a vítima. Dentro de seu apartamento ou talvez...

Julia virou-se na direção da porta de seu apartamento. Se estivesse andando rapidamente, como geralmente fazia, teria sido um tombo terrível. Mas a cautela levara-a a andar mais devagar e isso permitiu-lhe parar imediatamente quando o fio esticado mal lhe roçou no tornozelo. E um

momento depois caiu sentada, bruscamente e sem a menor dignidade, simplesmente porque os joelhos cederam.

Era um fio cinza, da mesma cor que o tapete, esticado de um lado a outro, a cerca de dez centímetros do chão. Quase invisível.

Depois de algum tempo, Julia levantou e tirou um lenço branco de linho da bolsa, colocando-o sobre o fio, como um aviso a quem quer que pudesse passar por ali. Entrou no apartamento e foi dar uma olhada no quarto, na pequena cozinha, no banheiro e nos armários. Depois voltou para a sala e telefonou para a polícia.

Na manhã seguinte, pegou os arquivos de rejeição de originais e foi trancar-se na sala de reuniões. Se seu correspondente realmente era, como a polícia pensava, um escritor amador desapontado e fanático, ela própria iria descobrir-lhe a identidade. A letra era bem característica, as voltas do L inacabadas, o traço do T enviesado, o O muito estreito. Seria fácil reconhecê-la.

Havia nos arquivos apenas uma carta de alguém que se intitulava J. Smith. Era um garrancho quase ilegível, que aparentemente acompanhara reminiscências de infância. Tratava-se do Sr. Jack Smith, de 89 anos. A carta fora enviada há mais de dois anos.

Pacientemente, Julia começou a examinar o arquivo desde o início. O tenente da polícia advertira-a de que J. Smith era provavelmente um pseudônimo. Também não precisava dizer-lhe, porque o bom senso era suficiente para concluir que o autor das cartas, muito embora se tivesse dado ao trabalho de disfarçar a letra, dificilmente assinaria o próprio nome no que poderia ser usado como prova contra ele.

Estava na metade do terceiro fichário, quando a porta se abriu e Fred entrou.

— Teve sorte?

Julia sacudiu a cabeça e depois levantou os olhos, ficando surpresa com o sorriso dele.

— Todo mundo já adivinhou o que está fazendo aqui dentro. E pelo menos seis pessoas se ofereceram como voluntárias para ajudar sua secretária a separar a correspondência esta manhã... Não encontraram nada.

Julia mordeu o lábio.

— Eu gostaria que esquecessem tudo. Essa história está-se tornando absurda demais. Gostaria que todo mundo esquecesse.

O tom saiu mais ríspido do que ela tencionava e a resposta de Fred

foi no mesmo jeito:

— O que a está corroendo? Por que não quer que as pessoas se preocupem com você? Acha que isso é um crime?

Era como se as perguntas estivessem na ponta da língua dele há muito tempo, esperando apenas o momento de ser formulada. Os dois ficaram-se olhando em silêncio por um longo tempo, até que Fred finalmente voltou a falar:

— Conversa encerrada. Ponto final. E agora... o que me diz de jantarmos no Charlie's esta noite... com todo o espaguete que conseguir comer e mais bolinhos de carne?

— Não, obrigada.

— Podemos conversar sobre política, discutir quem vai ganhar as eleições este ano.

— Não vou aceitar, mas de qualquer maneira muito obrigada. Depois, olhando para a porta fechada com um sentimento próximo da vergonha, Julia ficou pensando como teria sido agradável, se tivesse aceitado. Fred era um homem simpático, divertido, gentil como o marido dela jamais sonhara ser. Se ela ao menos fosse do tipo que pudesse esquecer e começar tudo de novo... No mesmo instante, ela recordou os meses depois que Ted pedira o divórcio. Era o inferno a que as pessoas se condenavam, ao gostarem de alguém, dias intermináveis de sofrimento, o passado a se imiscuir no presente a todo instante. Noites intermináveis e terríveis. Ela jamais poderia arriscar-se a passar por tudo isso novamente.

A tarde já estava acabando quando ela terminou de verificar os arquivos. Não encontrara uma letra igual à das cartas. O dia fora desperdiçado. E censurou a si mesma, pois tinha certeza de que poderia ter feito o trabalho bem mais depressa. O problema é que não pudera simplesmente dar uma olhada nas cartas e seguir adiante. Sabia que J. Smith estava ali naqueles arquivos, em algum lugar, mas descobriu-se a reconstituir as emoções dos outros, a sorrir com as piadas tímidas, a reagir a cada pergunta e conselho.

A secretária apareceu para informar que já estava de saída. Mas Julia continuou na sala de reuniões. Ao examinar os arquivos, Julia tinha separado todas as cartas que continham qualquer referência à Mamãe Gansa, a lendária autora das cantigas infantis mais conhecidas da língua inglesa. E essas cartas estavam agora empilhadas à frente dela, prontas para serem examinadas por uma segunda vez.

Havia cartas criticando a métrica dos versos antigos, outras elogiando a edição de dois volumes lançada pela Webster. Havia cartas in-

dagando o significado de algum verso em particular, outras oferecendo explicações. Uma das cartas, em letra ascendente, fora escrita em papel timbrado do Sanatório Ravensfoot, Belden, Colorado, sendo datada de 11 de fevereiro. Julia achou-a comovente.

Prezado Editor: Estou enviando meus originais das Cantigas da Mamãe Gansa Moderna para Crianças Modernas. Durante minha doença, passei muitas horas a escrever estes poemas. Creio que agradariam imensamente às crianças de hoje. Tenho permissão para ficar sentada por meia hora, diariamente. Aproveitei esse período para escrever os poemas. Não o menciono para conquistar alguma simpatia, mas para mostrar-lhe como me empenhei na qualidade dos versos. Agradeço sua atenção.

A carta era assinada por Dorothy Kesselman. Um bilhete anexo informava que a carta padronizada de rejeição fora enviada a 16 de fevereiro. Julia pegou o telefone.

— Quer-me ligar com o Sanatório Ravensfoot, em Belden, Colorado, por gentileza? Quero falar com o médico que está cuidando de Dorothy Kesselman.

Ficou esperando, com a carta na mão, até que a telefonista voltou a chamá-la. Escutou sem fazer qualquer comentário. Quando a telefonista terminou de falar, Julia agradeceu e pediu uma ligação para o Detetive Schwarz. Quando o Tenente atendeu, ela disse:

— Aqui é Julia Martell. Acho que descobri alguma coisa que merece ser investigada. Uma mulher chamada Dorothy Kesselman enviou-me algumas cantigas infantis há cerca de dois meses. Devolvemos o original com a nossa carta padrão de rejeição. Ela estava doente, com tuberculose aguda. Morreu no dia em que recebeu nossa carta. O hospital no Colorado, onde ela estava internada, informou que o marido, Adolph, mudou-se para esta cidade, depois que ela morreu.

A primavera manifestava-se intensamente quando Julia desceu do ônibus naquela noite e percorreu o quarteirão a caminho de sua casa. As crianças corriam alegremente de um lado para outro. Na frente das velhas casas de tijolos, perto da esquina, despontavam os junquilhos amarelos. Julia olhou para as janelas estreitas, pensando nas pessoas que ali viviam. Seriam felizes? Seriam solitárias? Será que notavam sua passagem, quando voltava para casa, noite após noite?

Na drugstore, uma das moças que trabalhavam em meio expediente é que estava por detrás do balcão. Julia pegou um jornal, algumas re-

vistas e seu colírio, que já estava embrulhado e à sua espera.

Como se sente esta noite? —Percebendo que a moça ficou espantada com a cordialidade inesperada, Julia acrescentou tolamente: — É primavera...

Saindo da drugstore, Julia sentia-se como se estivesse doente. As palavras que dissera à moça eram um sintoma, tão pressago quanto um espirro. O ar estava impregnado com o sofrimento, anseios, desapontamentos e alegrias de todos que o respiravam. Ela sacudiu a cabeça, mas não conseguiu livrar-se daquele início de consciência. Mas sabia que precisava fazê-lo. A cidade inteira estava agora investindo contra suas barreiras e tinha que mantê-la a distância, a qualquer custo.

Andou mais depressa, tentando não ouvir os gritos das crianças, os murmúrios dos velhos nas sacadas, as risadas dos jovens casais que passavam. Chegando a seu prédio, tentou passar pela caixa de correspondência sem dar uma olhada. Mas não podia ignorar o envelope branco divisado através da fenda.

Prezada Miss Peep-Peep. Não sei se sabe nadar muito bem ou escalar montanhas. Mas isso não importa. O nome é apropriado... ou será em breve. Esta é a minha terceira contribuição, a que fez jus por sua simpatia, compaixão e compreensão. Atenciosamente, J. Smith.

Julia releu a carta. Depois, de rosto franzido, entrou no elevador e subiu. Atravessou o vestíbulo lentamente, atenta a qualquer obstáculo invisível. Ao abrir a porta, ficou parada por um instante, antes de entrar.

Agora poderia ser qualquer coisa. Nunca ouvira falar em Peep-Peep.

A sala parecia estar como a deixara. Revistou rapidamente o resto do apartamento. Depois, ainda sem tirar o casaco, tirou da prateleira a sua História da Mamãe Gansa e verificou no índice. Ali estava, um enigma curto sobre uma estrela.

Tenho uma irmãzinha, a quem chamam Peep-Peep;
Ela anda pelas águas, fundo, fundo, fundo;
Sobe pelas montanhas, alto, alto, alto;
A pobre criatura tem apenas um olhinho.

O telefone tocou. Julia atendeu e ouviu a voz do Tenente Schwarz:
— Pode ficar descansada, Sra. Martell. Já pegamos o homem, pouco

depois que nos telefonou. Foi mesmo o marido da Sra. Kesselman quem lhe escreveu. Ele confessou imediatamente. Ficou meio fora de si quando a esposa morreu. Disse que ela havia trabalhado durante seis meses nos versos que lhe enviou e nem mesmo... Ele disse que se tivesse mandado uma palavra de estímulo ao invés de uma rejeição seca, numa carta padronizada, faria uma grande diferença. Segundo ele, a esposa estava viva, resistindo à doença, apenas por causa de sua resposta. E quando recebeu uma negativa seca, simplesmente cessou de resistir.

Julia recostou-se na cadeira.

— Estou entendendo, Tenente. Mas isso não é justo, não é mesmo? Ele não podia atribuir-me toda a culpa...

O tenente parecia pouco à vontade.

— Ele disse que escreveu uma carta que deveria tê-la alertado. Sabia que ia ser descoberto, mas não se importava... Lamento que tudo isso tenha acontecido, Sra. Martell. Seja como for, não precisa mais preocupar-se.

— Eu conheço o homem?

— É possível — disse o Tenente Schwarz, nitidamente aliviado por deixar para trás o delicado assunto do motivo. — Pelo menos já deve tê-lo visto. Era o farmacêutico da drugstore na esquina do seu quarteirão.

Julia repôs o fone no gancho e continuou sentada por algum tempo, completamente imóvel. Depois, pegou o vidro de colírio na mesinha de café e abriu-o. O lenço estava em cima da mesa. Despejou em cima um pouco da solução. A mancha alargou-se rapidamente e logo em seguida o pano começou a dissolver-se. E pelo buraco no lenço ela viu a madeira da mesa ficar amarelada.

A pobre criatura tem apenas um olhinho. Julia correu os olhos pela sala que durante tanto tempo fora seu refúgio seguro e confortador. Foi pegar o catálogo telefônico e folheou-o rapidamente. Discou.

— Fred? Aqui é Júlia. O espaguete e os bolinhos de carne ainda estão à disposição? Tenho a impressão de que vou gostar imensamente...

O TAPETE AZUL

Mitsu Yamamoto

— Aquele cara seria perfeito.

Levantei os olhos da equação que estava verificando e fitei os dois homens parados à entrada do laboratório. Um deles era Jamison, vice-presidente encarregado de relações públicas e publicidade. O outro, percebi no mesmo instante, era o chamado homem de criação, com um suéter de cashmere, calça de veludo e sem gravata. Era Reg, o Reg do Tapete.

Mas só mais tarde vim a tomar conhecimento do tapete. Um instante depois, Jamison estava-me dando uma palmadinha cordial no ombro e dizendo:

— Don é um dos nossos cérebros. Faz quase toda a sua química de trás daquela mesa.

Reg parecia ter 30 anos, bem vividos, efusivo, com um sorriso fácil. Descobri que estava simpatizando com ele, mesmo sabendo que era uma praga da Madison Avenue, o paraíso dos publicitários. Apontando para minha mesa, ele indagou:

— Que história é essa de experiências por controle remoto?

— Não são tão remotas assim. Imagino tudo, meus assistentes fazem os preparativos, realizamos a experiência, fracassamos, eles limpam tudo e eu volto para minha mesa com um lápis na mão.

Jamison franziu o rosto ligeiramente.

— Ora, Don, deixe de modéstia. O purificador de zinco foi todo seu.

Reg ignorou-o, sacudindo a cabeça para mim e comentando:

— Para o comercial, Don, você vai ter que entrar no laboratório pessoalmente e acender os bicos de Bunsen.

Ele já me estava chamando de Don. Lembrava-me um cara que eu conhecera no Exército. A mesma cordialidade e intimidade.

— Comercial? — repeti. Jamison interveio rapidamente.

— Já deve ter ouvido falar que estamos pensando em fazer alguns anúncios institucionais na televisão, Don. Para melhorar a imagem. E Reg é que está encarregado... redator, diretor, tudo enfim.

— E quero um químico da Parkson de verdade — explicou Reg. — Mas vamos usar uma atriz para o papel da dona-de-casa.

— Mas eu não sou um ator!

Reg riu.

— Nem precisa ser. Com essa pinta de sábio e esse jeito confiante é o homem talhado para o papel.

E foi assim que entrei na TV. Reg planejava quatro comerciais, usando uma cozinha comum e um laboratório como o meu. Levamos toneladas de provetas e outros equipamentos para um estúdio no West Side. Tentei arrumar os equipamentos de maneira a fazerem algum sentido, mas Reg disse que isso não tinha a menor importância, pois seria apenas um cenário de fundo e nada mais. Mas ele passou uma hora focalizando a câmara para filmar os bicos de Bunsen com a mais nova tinta de fogão da Parkson.

O homem que mais se agitava era o diretor de iluminação. Descobriu, primeiro, que o reflexo das provetas e outros vidros era demasiado. Concluiu, em seguida, que meus cabelos eram pretos demais e absorveriam muita luz. Tive que mudar de posição. Parado ali, iluminado por refletores quentíssimos, com um jaleco azul de laboratório, senti-me um idiota consumado. Mas Reg estava adorando tudo e dando uma demonstração impressionante de vitalidade, correndo de um lado para outro, gritando, filmando, entrevistando as candidatas que apareciam para o papel de dona-de-casa.

Ao final do primeiro dia, eu estava exausto de ficar em pé o dia inteiro, mudando de um lado para outro, conforme as ordens. Reg levou-me a seu apartamento para tomarmos um drinque. Eu esperava encontrar um típico apartamento de solteiro. E de um solteiro que ganhava 40 mil dólares por ano, a cotação atual dos autores de comerciais de TV, segundo Reg revelou, para grande desgosto meu. Mas o apartamento de Reg era apenas Reg.

Na sala de estar, havia apenas três sofás grandes, azuis, mesinhas de lado, um bar, um equipamento de som e um tapete azul-claro. O tapete devia ter 5m x 5m, inteiramente liso, exceto no centro, onde havia um desenho que não deu para divisar da porta. Todos os móveis estavam em torno do tapete e sobre ele estavam jogadas algumas almofadas, também azuis, só que mais escuras.

— E agora, meu chapa, a vida pode começar — disse Reg, tirando o casaco e encaminhando-se para o bar. — Dois uísques reforçados para dois homens necessitados. — Ele virou-se para fitar-me. Eu ainda estava parado na porta. — Ora, Don, entre logo de uma vez.

Apontei para o tapete.

— Está querendo dizer que se pode andar em cima desse tapete... de sapato?

Reg soltou uma risada.

— De sapato... no começo. Tenho um serviço de limpeza que vem aqui todos os meses.

Pisei no tapete. Era como andar com almofadas nos pés. Reg ficou-me observando, com um sorriso deliciado.

— Gostou, hem? Está sentindo vontade de andar no tapete de meias ou mesmo descalço, não é?

Assenti, timidamente. Tirei o chapéu, o casaco e depois os sapatos. A sensação foi ainda melhor. O tapete era macio, sibarita, quase tranquilizante.

— É maravilhoso — murmurei, sentindo que todos os colchões de penas do mundo inteiro estavam debaixo de meus pés

Reg tirou também os sapatos e entregou-me o drinque.

— E agora começa a Fase Dois. Você sente vontade de sentar no tapete.

Ele sentou, recostando-se num dos sofás.

— Tem vontade de acomodar-se, talvez mesmo deitar, sentir-se bem por todo corpo, assim como seus pés estão sentido. Não é isso?

— É, sim. O problema é que meu terno acaba de vir do tintureiro.

Mas acabei sentando no tapete e recostando-me num sofá, assim como Reg. Provei o drinque. Era um escocês de alta classe e eu sabia disso mais como químico do que como bebedor, pois meu salário não dava para aqueles luxos. Relaxei e fiquei observando Reg, agora estendido para o meio do tapete, deslizando o dedo preguiçosamente pelo desenho azul-escuro.

— Existe uma Fase Três, Reg?

Ele sorriu.

— A Fase Três é quando ela diz... — Reg virou-se, olhando para o desenho no meio do tapete com uma surpresa simulada e acrescentando em voz de mulher: — Oh, mas é um desenho mostrando gente! E a garota olha mais atentamente para as duas pessoas, que parecem estar entrelaçadas.

Tomei outro gole do scotch.

— Ela?

Reg suspirou.

— Não seja estúpido, cara. Acha mesmo que eu ia gastar cinco mil dólares num tapete de encomenda para caras como você esfregarem as meias?

— Cinco mil dólares por este tapete?

Reg terminou o drinque.

— E a Mãe Natureza é testemunha de que tem valido até o último centavo.

— Mãe Natureza, hem?

Adiantei-me até o desenho azul-escuro. Examinei-o cuidadosamente, começando pela perna da mulher no ombro do homem e terminando pelos dedos entreabertos da mão direita do homem. Estendi a mão automaticamente para receber o segundo drinque que Reg me oferecia. Arrastei-me de volta à posição anterior, encostado no sofá. Já tinha esquecido completamente a preocupação em não amarrotar a roupa.

— Esta é a mais real, a mais delicada e a única peça de pornografia em tapeçaria que já tive o privilégio de ver.

E bebi a isso. Reg assentiu, sorridente, o rosto brilhando de felicidade.

— Esta é apenas a metade da história. Esse negócio aí é arte. Saiu direto do Kamasutra. Foi um casal de Greenwich Village que fez para mim. Ele era desenhista e ela tapeceira. Copiaram o desenho de um livro sobre arte oriental. — Reg fez uma pausa, suspirando, reminiscente. — O casal foi para o México com os meus cinco mil dólares e meu tapete e eu partimos para a glória com incontáveis beldades.

Interrompi o devaneio dele.

— Mas Kinsey diz que as mulheres não são muito estimuladas pela pornografia.

Reg empertigou-se.

— Antes de mais nada, vamos parar de chamar isso de pornografia. É arte. E arte indiana famosa. Em segundo lugar, é verdade, Kinsey real-

mente disse isso. Mas ninguém pode saber com certeza como reagem todas as mulheres.

Tornei a arrastar-me até o desenho, examinando-o mais uma vez.

— Confesso que adoraria ter este tapete em minha casa, mas detestaria gastar tanto dinheiro e descobrir que Kinsey está certo sobre a maioria das mulheres, na maior parte do tempo.

Reg trouxera a garrafa de uísque na última viagem ao bar. Arrastou-se também até o centro do tapete e tornou a encher meu copo.

— Acho que não está compreendendo nada, cara. Não espero que toda menininha fique excitada ao ver o desenho. — Ele fez uma pausa, acariciando as nádegas da mulher. — O que espero é justamente o que está acontecendo neste momento. Estamos conversando sobre sexo. Ou melhor, estamos falando de cópula. Algum dia já conseguiu levar uma mulher a conversar sobre o assunto tão depressa assim? E ao mesmo tempo conseguiu levá-la ao chão, sem sapatos e com o desejo sensual de deitar-se, só porque o tapete é macio?

Sacudi a cabeça, dominado por uma profunda admiração.

— Bebo a dois tapeceiros que estão no México e a uma grande mente obscena que está a meu lado.

Para mim, era apenas uma piada. É que eu estava no mercado para casamento. Tinha um bom emprego, de que gostava, estava cansado de aventuras inconsequentes. Queria uma mulher toda minha e queria três filhos. Estava, em suma, pronto a entregar-me de pés e mãos atados à chamada garota certa. O que não me impedia de apreciar a tática de Reg e seu tapete, digna de Madison Avenue. E que funcionava invariavelmente, conforme eu soube depois no estúdio de TV. As garotas sabiam que era um truque ostensivo, uma armadilha. Mas adoravam conferir, achando algo fantástico. Além do mais, o tapete era macio e Reg um homem encantador.

O primeiro comercial deveria ser rodado na terça-feira. Às 10 horas da manhã, Reg ainda estava recusando moças para o papel de dona-de-casa. Era o mesmo agente que sempre providenciara o elenco de que ele precisava. Nunca antes houvera qualquer problema. Mas desta vez Reg queria uma moça que combinasse comigo. Como sou moreno, ela tinha que ser loura. Como tenho mais de 1,80m, ela não devia passar de 1,70m. E para compensar minha voz, que tende a ser rápida e autoritária, a moça precisava ter uma voz suave e meiga.

Sarah “Sally” Larsen atendia a todas as exigências. Reg contratou-a depois de uma única olhada e da primeira frase que ela disse:

— Vim candidatar-me ao papel do comercial da Parkson.

Do ponto de vista físico, fazíamos o contraste ideal. E Sally demonstrou ser meiga e inteligente. Ao rodarmos o terceiro comercial, eu já estava apaixonado por ela. Ao final do quarto comercial, já havia declarado meu amor, a fim de acostumá-la à idéia.

É claro que todos gostavam de Sally. Assim que ela entrava no palco, cada homem passava a executar seu serviço como um profissional, do encarregado do som ao garoto que ficava vigiando os fios para impedir que se emaranhassem. Todos nós queríamos fazer a melhor figura possível diante dela. Inclusive Reg.

Durante a semana em que fizemos os comerciais, Sally, Reg e eu fomos como os Três Mosqueteiros. Mas nunca fomos ao apartamento de Reg. Ele tinha que guardar o tapete como surpresa para qualquer garota nova. Assim, todas as noites íamos a um bar e um restaurante diferentes. E a grande questão não demorou a se delinear. Eu queria Sally, Reg queria Sally. Mas a quem Sally queria?

Ficamos adiando a resposta pelos dois meses seguintes. Voltei a meu laboratório na Parkson, mas nós três permanecemos em contato constante, pelo telefone e em encontros noturnos. Eu não perdia uma oportunidade de assistir aos comerciais na TV, só para ver os olhos de Sally se iluminarem ao contemplar os bicos do fogão pintados com a nova tinta da Parkson. Eu sabia que Reg andava pressionando Sally para ir jantar no apartamento dele. Mas ela estava em Nova York há apenas seis meses e sentia algum receio. Falei a ela a respeito do tapete de Reg, apenas com uma advertência, sem especificar que era uma advertência contra Reg. O que provavelmente foi um erro, pois deixou Sally intrigada, pensando no tapete. Mas eu dizia a mim mesmo que também tinha algo para atraí-la: a proposta de casamento. Não percebi o quanto estava apaixonado por Sally até a manhã em que saí correndo do laboratório, às 11 horas, só para ir em casa assistir ao comercial da Parkson que já vira mais de 20 vezes. Foi então que compreendi que teria de me casar com ela de qualquer maneira.

Os feriados do Natal foram terríveis. Sally foi passá-los em Ohio com a família e Reg foi convidado a ir às Bahamas. Passei a maior parte do tempo no laboratório, inclusive à noite. Mas decidi que, no Natal seguinte, passaria o dobro daquele tempo em casa, com minha esposa, planejando a casa que iríamos construir num terreno cheio de árvores que eu comprara, perto da Parkson.

Fiz tantos planos para nós dois que mal pude suportar quando Sally

me falou. Ela disse que pensara bastante em casa e chegara à conclusão de que não era justo deixar-me na indecisão. Ela queria casar-se e provavelmente comigo, mas não por enquanto. Uma de suas resoluções de Ano-Novo tinha sido a de divertir-se em Nova York, enquanto ainda era a moça para a qual todos os homens olhavam, sempre que entrava. Começaria por aceitar o convite de Reg para jantar no apartamento dele, no próximo domingo.

Fui para casa e embriaguei-me. A única coisa de que me lembro é de haver explicado ao guarda-chuva:

— Quero casar-me com ela, e por isso não a tenho. Reg não quer casar, e por isso a consegue.

Levei dois dias para ficar realmente sóbrio. Quando isso aconteceu, já era sexta-feira. A sexta-feira antes do domingo. E domingo seria o final do meu sonho de uma vida maravilhosa com Sally.

Sempre penso melhor na minha escrivaninha, com um lápis na mão. Preparei-me um café da manhã reforçado, tirei o fone do gancho e fui para meu gabinete. Sentei na escrivaninha e peguei um lápis. Pus um bloco de anotações à minha frente e depois comecei a pensar no problema. Um cientista começa por absorver os fatos de seu campo de atuação e depois apreende as técnicas. Isso o transforma num técnico em seu setor. Quando aprende a orientar a mente, a pensar, a resolver problemas em seu setor, torna-se um cientista. E eu era um cientista com um problema. Sentei na escrivaninha e pensei durante a maior parte da sexta-feira. Fui deitar por volta da meia-noite. Despertei às quatro horas da madrugada. Tomei um copo de leite e voltei para a escrivaninha. Por volta das nove horas da manhã de sábado já tinha resolvido o problema e voltei à cama para um cochilo, até chegar a hora de telefonar para Reg.

Consegui localizá-lo em seu apartamento às seis horas, depois de tentar diversas vezes durante toda a tarde. Procurei imprimir um tom ligeiramente trêmulo à voz, ao telefone:

— Quero conversar com você a respeito de Sally. Ela... ela me disse que tem um encontro marcado com você amanhã.

Reg ficou embaraçado com a emoção que sentiu na minha voz, mas disse jovialmente:

— Claro, claro. Mas vou sair esta noite. E amanhã não há a menor possibilidade. Que tal almoçarmos na semana que vem?

Mas insisti que tinha de ser naquela noite, de qualquer maneira, alteando um pouco a voz, deliberadamente. Reg finalmente concordou em receber-me em seu apartamento por volta da meia-noite, prometendo

que abreviaria seu encontro. Desliguei na maior satisfação.

Saí e fui comprar o licor adocicado de que Sally tanto gostava. Jantei sozinho e fui assistir a um filme francês. Fiquei satisfeito ao descobrir que estava tranquilo o bastante para apreciar o filme, embora de vez em quando sentisse o peso da garrafa de licor no bolso. Bebi de 11 horas à meia-noite. Reg era perito em calcular quão embriagado um homem estava. Era parte do trabalho dele, divertindo clientes para a agência em que trabalhava, deixando-os felizes mas sem ficarem incontroláveis. Assim, eu tinha que me situar na fronteira, continuando alerta o bastante e ficando ao mesmo tempo embriagado o suficiente para enganar Reg.

Reg abriu a porta no instante mesmo em que toquei a campainha. Percebi o brilho de irritação nos olhos dele ao ver-me encostado na porta para não perder o equilíbrio. Reg não queria falar sobre Sally, não queria ver-me e, acima de tudo, não queria brigar com um amigo embriagado e magoado.

Estendi a garrafa de licor.

— Isto é para Sally. Ela gosta muito. — Sentei abruptamente no chão, ainda segurando a garrafa.

— Calma, Don, calma. Vou preparar um café.

— Não, espere! — ordenei, altivamente. — Eu pretendia dar-lhe uma surra. Mas... mas achei que isso era muito degradante para Sally. E agora quero apenas que você saiba que arruinou minha vida.

Reg suspirou.

— Ora, Don, deixe disso. Sally e eu vamos simplesmente nos encontrar algumas vezes e depois estará tudo acabado. Ela não está realmente interessada em mim. É apenas uma ânsia de experimentar tudo o que Nova York tem para oferecer. Você vai ver como é isso apenas.

Ele me deixou sentado no chão e foi fazer o café. Não me dei ao trabalho de tirar o casaco. Abri a garrafa de licor e, cuidadosamente, derramei-o sobre o tapete azul. Esvaziei as últimas gotas sobre os corpos entrelaçados e esfreguei o líquido rosado e pegajoso com o pé.

Levantei a cabeça quando vi Reg soltar uma exclamação de espanto. Vi-o se esforçar para manter o controle e acabar conseguindo, a muito custo. Seus lábios estavam apertados quando pôs a bandeja com o café em cima de uma mesinha.

— Muito bem, Don. Você está bêbado e infeliz e acha que tem o direito de estar assim. Talvez tenha mesmo. Mas não penso assim.

Continuei a olhar para o borrão rosado em que se haviam transformado os dois corpos entrelaçados no meio do tapete.

— Ela era minha garota... — Procurei engrolar a voz, no jeito típico do bêbado.

— Vá para casa, Don. Não temos nada que conversar. Acha mesmo que isso... — Reg fez uma pausa, sacudindo a mão para as manchas no tapete. — ... vai impedir Sally de vir até aqui? Está redondamente enganado. Nem mesmo vai adiar a coisa.

Olhei para Reg e sorri interiormente. Eu não me enganara. O valor que lhe atribuíra na equação era correto. Reg estava furioso, mas decidido como nunca.

— Vou limpar o tapete e trazer Sally para jantar aqui amanhã, Don, conforme está planejado. Há uma drugstore na Terceira Avenida que fica aberta a noite inteira. Deve haver algo para limpar tapetes. E agora suma daqui e volte para seus tubos de ensaios!

Cambaleei na direção da porta. Reg ficou-me observando. Chegando à porta, virei-me, passando a mão pela testa.

— Reg... eu... eu... precisa compreender como isso me abalou. Não posso acreditar que eu tenha cometido um ato tão infantil.

Mas meus olhos brilhavam de prazer ao perceberem que as fibras grossas do tapete tinham absorvido o licor pegajoso e estavam agora rebrilhando. Reg respondeu, a voz um pouco menos áspera:

— Mas acontece que fez, Don. Só espero que não tenham deixado de plantão na drugstore apenas um garoto que não sabe de nada.

Reg foi, até o armário para pegar o casaco. Girei a maçaneta da porta da frente, ao mesmo tempo em que dizia:

— Basta pedir tetracloreto de carbono.

A expressão de Reg se desanuviou um pouco:

— Tetra o quê?

— Tetracloreto de carbono.

Parti finalmente, e caminhei durante uma hora pela noite fria. Começou a nevar.

No domingo, por volta das oito horas da noite, Sally telefonou-me de um hospital. Estava quase histérica e por isso peguei o automóvel e fui até lá, o mais depressa possível. Ao me ver entrar correndo no vestíbulo do hospital, Sally jogou-se em meus braços e desatou a chorar convulsivamente. Compreendi que ela estava em meus braços para ficar.

— Oh, Don, foi horrível! Apareci na hora marcada para o jantar, mas Reg não foi abrir a porta. Chamei o zelador, porque estava ouvindo a vitrola tocar.

— E Reg estava... ?

Sally levantou o rosto banhado de lágrimas.

— Ele estava estendido no chão, inconsciente. E morreu na ambulância! — A voz dela se alteou histericamente. — Reg morreu!

Sacudi-a de leve.

— Controle-se, Sally. E diga-me exatamente o que aconteceu.

— O médico disse que ele se envenenou. Estava tomando cerveja e o álcool fez com que absorvesse o veneno mais depressa, Oh, Don, ele estava todo roxo! — Sally estremeceu de horror com a recordação.

— Reg envenenou-se?

Sally deixou escapar um suspiro.

— E tudo tão horrível que jamais esquecerei. Ele estava limpando o tapete, aquele tapete abominável de que você me falou. E limpando para mim. Havia um balde e uma escova ao lado do corpo. O médico disse que foi envenenamento por tetracloreto de carbono.

Sally começou a tremer novamente, apertei-a nos braços. Minha Sally.

— Não pense mais nisso, Sally. Vou levá-la para casa agora. Foi apenas um acidente. Um erro comum. Podia acontecer a qualquer um.

Ela me deixou levá-la para fora do hospital, mas parou na calçada e fitou-me através da neve que caía.

— Apenas um erro comum... e é por isso mesmo que a coisa se torna terrível, Don. Se ele estava querendo um fluido para limpar o tapete, por que não perguntou a você o que era melhor? Você é químico, poderia ter indicado algo inofensivo.

— Tem razão, Sally. Sou químico e poderia ter dito a Reg o que era melhor.

E depois levei-a para casa.

A DÍVIDA SALDADA

Robert L. McGrath

Chulie Ross era esquisito e ninguém o contestava. Para um garoto de nove anos, fazia coisas muito estranhas. Não era estúpido, apenas diferente. Sensível. Um garoto que lia livros. Por isso, ninguém em Sunrise lhe prestava muita atenção. E quando ele apareceu com seu gato preto na manhã em que se estavam preparando para uma festa de enforcamento, em que Tanner Higgins seria o convidado de honra, ninguém se deu ao trabalho de mandá-lo embora. Nem pensaram nele.

— Vamos acabar logo com isso! — gritou alguém.

— Mas temos que deixá-lo dizer as últimas palavras! Enforcar um homem sem deixar que ele diga as últimas palavras vai fazer com que a alma dele atormente a gente sete vezes setenta anos!

Estavam todos lá, todos os homens de Sunrise: Rim Cutler, de cabeça branca, que, por falta de juiz, pregador, delegado e diversas outras autoridades, sempre assumia o papel que fosse necessário no momento; o tatuado Seth Anders, que singrara os mares até a Índia e voltara com uma porção de idéias estranhas; Tanner Higgins, temente a Deus, algumas vezes mestre-escola, um homem tranquilo, condenado pelo assassinato do melhor amigo; e diversos outros cidadãos, todos dispostos a acabarem logo com tudo antes do sol nascer, conforme a tradição da cidade.

— Está certo, pessoal! — gritou o velho Rim Cutler. — Acho que qualquer homem tem o direito de dizer suas últimas palavras. Comece

logo a falar, Tanner. E fale depressa, pois não temos o dia inteiro.

— De que vai adiantar? — disse Tanner Higgins tristemente, sentado no cavalo, as mãos amarradas nas costas. — Já passamos por tudo isso antes.

— Isso é tudo o que tem a dizer? — indagou Rim Cutler.

— Não fui eu que o matei! — berrou Tanner Higgins. — Não tive nada a ver com isso!

Rim Cutler deu uma cusparada na terra.

— Quem foi então?

— Já disse que não sei! — Tanner sacudiu a cabeça, desesperado.

— O machado não era seu?

— Era... mas não fui eu que matei!

— A garota que ele estava perseguindo não era a sua?

— Era, sim! Mas eu não mataria um homem por causa de uma mulher!

— Pode ter sido por causa de dinheiro — sugeriu Rim Cutler. — Há quem diga que Jack Bronson tinha muito dinheiro. Talvez tenha sido por isso.

— Pela última vez, eu não matei Jack! Ele era um homem bom... meu melhor amigo! Não poderia tê-lo matado! Jamais poderia matar ninguém!

— Estamos perdendo tempo, Rim — interveio Seth Anders. — O sol já está despontando. Vamos acabar logo com isso.

— Está bem, rapazes — disse Rim Cutler. — Tragam o cavalo até aqui.

— Sr. Cutler... — Era uma vozinha pequena, estridente e insistente.

— O que... ora! Vá para casa, Chulie. Isto não é lugar para crianças.

— Sr. Cutler, estão... se preparando para dar uma chicotada no cavalo de Tanner Higgins?

Rim Cutler olhou ao redor, embaraçado.

— Acho que, de certa forma, é justamente isso o que vamos fazer. E agora vá para casa, Chulie, que é o seu lugar.

— Ele não fez nada, Sr. Cutler.

— Ei, alguém quer tirar esse garoto impertinente daqui?

— Ele não matou Jack Bronson, Sr. Cutler. Não foi ele.

— Vamos, suba! Isto não é lugar para crianças!

Seth Anders abaixou o braço para puxar o menino para a sela, mas o gato preto atacou e as garras acertaram no alvo.

— Ora, seu filho de uma...

— Sei quem foi — disse Chulie Ross nesse momento, alisando o pêlo do gato preto. — Sei quem matou Jack Bronson.

Por um momento, o silêncio foi total.

— O que foi mesmo que disse, filho? — Rim Cutler sabia falar mansinho quando queria.

— Eu... eu disse que sei quem matou Jack Bronson. E não foi o Sr. Higgins.

— Essa não! — resmungou Seth Anders. — Suponho que vai dizer que foi você!

Chulie fitou-o, afagando o gato, sem dizer nada.

— Está certo, filho — disse Rim Cutler. — Você sabe quem foi. Pois então diga para nós.

— Tenho mesmo que dizer?

— Acho que tem, Chulie. Temos que fazer justiça.

— Foi... foi... — Chulie olhou de homem para homem e mais de um se remexeu, inquieto.

— Vamos, filho, diga logo.

— Foi... ele!

O dedo pequeno apontava. Dezessete pares de olhos, inclusive os do gato, estavam fixado num homem.

— O diabo que fui eu! — explodiu Seth Anders, o rosto vermelho de raiva. — Vão acreditar na palavra desse garoto estúpido?

— Não disse que vamos — falou Rim Cutler. — Mas também não vamos mais enforcar ninguém hoje. O sol já se levantou.

A bola vermelha a leste já se elevara acima do horizonte. Os olhos desviaram-se de Seth Anders, contemplaram o raiar do sol, depois fitaram uns aos outros, a Tanner Higgins, a Rim Cutler, a Chulie Ross e ao gato preto.

— Por que diz que Seth Anders matou Jack Bronson, Chulie? — indagou Rim Cutler, gentilmente.

— Eu... eu vi! — balbuciou o garoto. — Estava escondido!

— Ele é um maldito mentiroso! — berrou Seth Anders, mais alto do que o necessário.

Rim Cutler continuou a falar baixo, suavemente:

— Chulie, tem certeza de que sabe o que está dizendo? Tem certeza de que não... leu tudo isso num livro?

— Eu vi! — insistiu Chulie. — Eu... e Jack!

— Jack? Está-se referindo a Jack Bronson?

— Não. Jack é o meu gatinho. Nós dois vimos tudo.

— Mas por que Seth ia querer machucar alguém? — continuou Rim Cutler, pacientemente. — Por que Seth ia querer matar Jack Bronson?

O garoto olhou para Seth Anders, que se manteve firme.

— Dinheiro! — disse Chulie, finalmente. — Foi por dinheiro!

Seth Anders desceu rapidamente do cavalo, investindo contra o menino. O gato preto voltou a atacar e por pouco não acertava também a outra mão.

— Jack... meu gato... não gosta dele!

Todos estavam agora olhando para Seth Anders. Não podia haver mais qualquer dúvida. O rosto dele, antes muito vermelho, estava agora extremamente branco.

— É... ele! — Era Seth Anders quem falava, a voz saindo de sua garganta num sussurro rouco e apavorado.

— O que deu em você, homem? Ficou maluco?

— É... ele... que voltou! Ele! Ele! — Um grito, um soluço, na quietude da manhã.

— Chulie, leve seu gato para longe daqui — ordenou Rim Cutler.

A poeira se levantou ligeiramente quando o menino se afastou. Rim Cutler gritou:

— E agora, Seth, tem alguma coisa para nos dizer?

— Fui... eu! Fui eu mesmo! Não sabia que ele tinha voltado! Não sabia! Não estava esperando!

— Usou o machado de Tanner? — perguntou Rim Cutler.

— Eu... eu tomei emprestado. Não pretendia matar ninguém. Mas ele não me queria emprestar dinheiro. — Seth Anders estava agora soluçando. — Eu... eu não sabia... que ele tinha voltado!

Rim Cutler virou-se para os outros:

— Rapazes, acho que cometemos um erro. E creio que ficamos devendo algo a Tanner Higgins. Vamos ter que fazer alguma coisa para pagar.

O homem com as mãos amarradas nas costas estava lívido, a camisa encharcada de suor.

— Acho que tenho uma dívida para com Chulie Ross — disse Tanner Higgins, baixinho. — E talvez não seja eu o único. — Tanner levantou os olhos para o céu, enquanto os outros miravam o chão.

— Acho melhor você vir conosco, Seth — disse Rim Cutler, gesticulando em seguida para os outros homens. — Vamos voltar.

Ele pegou a faca e cortou as cordas que prendiam as mãos de Tanner Higgins. Deu uma palmada na perna dele, hesitou por um momento e depois afastou-se.

Tanner Higgins ficou esperando. Depois que os outros se foram, apeou do cavalo e caminhou lentamente até o lugar em que o menino parara, a alguns metros de distância.

— Quero agradecer-lhe, Chulie. Foi uma coisa maravilhosa o que fez. — Estendeu a mão e o menino apertou-a, timidamente. — Mas deveria ter contado antes, Chulie, há vários dias, quando realizaram o julgamento. Por que não contou antes?

— Eu... eu não sabia o que iam fazer. Sr. Higgins...

— O que é, Chulie?

— Sr. Higgins, o que Seth Anders estava querendo dizer quando falou "É ele"?

— Acho que ele estava pensando que o seu gato preto era Jack Bronson, que tinha voltado para assombrá-lo, Chulie. E o que costumam chamar de reencarnação... uma espécie de superstição.

— Como a história de que gatos pretos dão azar?

— Isso mesmo, Chulie. E como seu gato se chama Jack, Seth Anders pensou que o espírito de Jack Bronson estivesse no corpo do bicho, para persegui-lo.

— Sr. Higgins, preciso contar-lhe uma coisa.

— O que é, Chulie?

— Jack Bronson não podia estar dentro do meu gato. Porque é uma fêmea. O nome verdadeiro é Jackie. Só que eu sempre tive medo de chamar assim, porque não queria que ninguém risse.

Tanner Higgins limpou o suor da testa com as costas da mão, olhando novamente para o céu, com uma expressão reverente.

— Sr. Higgins...

— Mais alguma coisa, Chulie?

— Eu... eu não vi Seth Anders matar Jack Bronson. Eu... eu apenas imaginei que tivesse sido ele.

— Você... o quê?

— Imaginei que talvez tivesse sido ele. Ele sempre se divertia à minha custa.., só porque leio.

— Ah... — murmurou Tanner Higgins, meneando a cabeça.

— Pelo jeito como vejo as coisas, Sr. Higgins, acho que agora estamos quites.

— Quites? Como assim, Chulie?

— Eu lhe fiz um favor. Paguei de volta.

— Pagou o que, Chulie? Não me devia nada.

O menino afagou o gato preto, aninhado em seus braços.

— Claro que devia, Sr. Higgins. Já esqueceu? Foi quem me ensinou a ler!

ALFRED HITCHCOCK

apresenta:

13 HISTÓRIAS QUE ATÉ A MIM ASSUSTARAM

13 HISTÓRIAS DE GELAR O SANGUE

13 HISTÓRIAS HORRIPILANTES

13 HISTÓRIAS DE ARREPIAR

13 HISTÓRIAS DE VIDA OU MORTE

COM AÇÚCAR E VENENO